



Era
PARA SER
Assim

BIAH GOMES & NANA C. FABRETI



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Biah Gomes
&
Nana C. Fabreti



São Paulo
2018

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CIP – Brasil. Catalogação na Fonte

Catalogação pela editora.

Revisão: Hellen Caroline

Capa: Daniella Moreno

Diagramação: Ruy Vasconcelos



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.

Quaisquer semelhanças com nomes, datas e

acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

Sumário

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Bônus](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON



Biah Gomes

Primeiramente quero agradecer a Deus, pelo dom maravilhoso que Ele me deu, segundo gostaria de agradecer à Nana, por ter entrado nessa comigo. Sei que essa história só foi possível pela parceira que eu tenho.

Agradeço a minha família por sempre me apoiar e acreditar em meus sonhos. Há duas pessoas maravilhosas, Tatiane e Michele, que deram opinião sobre a obra antes de todo mundo, e

PERIGOSAS ACHERON

a Saionara, pelos conselhos, principalmente aos leitores do wattpad. Obrigada por tudo.

Quero agradecer a editora, por ter acreditado em nosso trabalho. A mensagem que queríamos passar é: por mais que tudo indique sua infelicidade, abra seu coração e viva intensamente. Se jogue de cabeça e ame como se não houvesse amanhã. Se aconteceu é porque Era para ser assim. Amo vocês!

Nana C. Fabreti

Despeço-me dessa história com um misto de sentimentos bons. Primeiro, que o fato de ter escrito algo em parceria, foi diferente e animador. A forma com que a Bia e eu entregávamos os capítulos uma à outra, causava surpresas para ambas e essa foi a melhor parte desse trabalho em dupla.

Só posso agradecer a todos que despuseram do seu tempo e que em meio a tantas histórias disponíveis, escolheram “Era para ser assim”.

Obrigada pelos votos e pelos comentários, isso é muito motivador. Um grande beijo no coração de cada um de vocês e espero vê-los em breve.



Pedro Motta Assunção é um homem que teve uma infância difícil, marcada por traumas e rejeições. Quando acredita ter encontrado a felicidade, uma tragédia marca sua vida e o coloca dentro de um grande desafio: criar sua filha recém-nascida, sozinho.

Mariana Sanches é uma pediatra recém-formada. Vinda de uma família tradicional, dedicou seus últimos anos aos estudos e seu grande sonho é ser reconhecida em sua carreira.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quis o destino que a vida de duas pessoas tão diferentes se cruzasse e, mesmo vivendo em realidades tão diferentes, Pedro e Mariana vão aprender que, não adianta lutar contra o que é para ser.

PERIGOSAS ACHERON



Hoje era um dos dias mais importantes da minha vida. Ia pedir o amor da minha vida em casamento. Lembro quando nos conhecemos. Eu estava sentado, quase fechando o bar, quando uma linda morena entrou. Dava para perceber que ela nunca esteve em um lugar como aquele. Ela era tímida e tinha o sorriso mais encantador que eu já tinha visto. Se encostou ao balcão e pediu uma bebida forte.

Eu me aproximei e comecei a puxar assunto com ela, que me contou que tinha acabado de sair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de um relacionamento. O cara a tinha traído e eu não entendia como um cara podia ser tão babaca de perder uma moça tão bonita como essa. Azar o dele. Mas a partir de então, ela seria minha e foi assim que cheguei nessa posição que eu estou agora, muito nervoso, esperando-a chegar para poder pedi-la em casamento.

Arrumei o nosso quarto, coloquei um lençol branco e com pétalas de rosas vermelhas escrevi na cama: "quer casar comigo?". Umas bexigas em forma de coração também enfeitavam o quarto e o caminho até lá estava repleto de pétalas de rosas brancas. Tudo muito lindo. Coloquei a música no fundo e peguei a aliança de noivado que tinha uma pedra solitária de diamante. Ela merecia tudo do bom e do melhor. Tinha também um buquê que eu fiz exatamente para ela, com as flores que mais gostava.

Logo ouvi a porta ser aberta e então eu ajoelhei. Não demorou muito para minha mulher entrar no quarto com os olhos marejados, então ela se aproximou de mim e comecei a falar:

PERIGOSAS ACHERON

— Você entrou na minha vida de repente e foi tomando todo espaço pouco a pouco, alcançando meu coração. Quem diria que aquela moça tímida que entrou no meu bar, iria ser agora a mulher pela qual sou completamente apaixonado e louco? Cada dia que passa me apaixono mais e minha admiração por você apenas cresce. Como eu te amo, meu amor. Quando estou com você acabo parecendo um bobo de tanta beleza que vejo em minha frente. Eu quero ser o cara que vai fazê-la feliz todos os dias; que vai ser seu namorado, seu marido, seu amante e seu melhor amigo. Amor, eu não imagino minha vida sem você. Quer casar comigo? — disse abrindo a caixinha e ela colocou a mão na boca, logo se ajoelhando à minha frente e respondendo com um "sim". Nessa noite tivemos uma noite linda de amor. Seis meses depois, nos casamos com nossa família presenciando o nosso amor.

Um ano depois...

Acaricio a barriga da minha mulher, que se encontra com sete meses de gestação. Ela ainda estava dormindo, mas eu sempre acordava cedo para ir cuidar da academia a qual sou dono.

Converso um pouco com minha filha, falo o quanto a amo e ela corresponde chutando a minha mão diversas vezes. Todas as manhãs são assim. Dou um beijo na cabeça da minha mulher, pego as chaves do meu carro e saio.

A manhã passa voando, então vou almoçar com minha mulher e quando chego vejo que ela está distraída pondo a mesa para nós dois. Abraço-a por trás, fazendo com que ela se encolha em meus braços. Dou um beijo em sua nuca e ela se arrepia, então viro-a para mim e dou um beijo casto em seus lábios. Almoçamos e decidimos que à noite iríamos jantar com sua mãe. Minha sogra sempre me surpreende com seus dotes culinários. Logo tive que me despedir de minha mulher e da minha pequena princesa. Me ajoelhei e beijei sua barriga, levantei e dei um beijo nela, saindo às pressas porque já estava atrasado.

Hoje a academia estava lotada, era um dos dias que eu não trabalhava no bar, então me dava ao máximo. Passava os treinos e ajudava quem começava. Às dezoito horas, vejo minha assistente vindo em minha direção correndo, dizendo que era

uma ligação importante. Quando fui ao meu escritório atender, percebi que eu não estava preparado para ouvir o que tinham para me falar. Minha mulher tinha sofrido um acidente e estava na sala de emergência trazendo nossa filha ao mundo.

Saí dali voando até o hospital e quando cheguei lá o médico disse que ninguém poderia entrar, por ser um parto de emergência. Sentei-me, encostei-me à parede e deslizei até o chão, chorando. O quanto pedi para ela não dirigir e se fosse sair que saísse de táxi ou algo parecido, mas ela não me ouviu. Era para eu ter ficado em casa nesses meses que ela estava grávida. Logo deu para ouvir um barulho como se fosse um alarme e um monte de funcionários foram para lá. Comecei a ficar desesperado, mas logo senti um abraço reconfortante, falando que tudo iria ficar tudo bem. Era minha sogra.

Depois de duas horas esperando, um doutor veio na nossa direção e perguntou sobre os parentes de Flavia Graziela Assunção.

— Eu sou o marido dela, Dr. Daniel. Como

ela está? E a minha filha? — perguntei olhando em seu crachá.

— Não é fácil o que vou falar, mas sua mulher teve uma parada respiratória, seguida de uma hemorragia logo após realizarmos uma cesárea e trazermos sua filha ao mundo em segurança. Tentamos a todo custo reanimá-la, mas ela infelizmente veio a óbito.

Não me aguentei em pé. Sentei no chão e comecei a chorar, sem me importar com quem estava à minha volta. Eu a amava muito e era com ela que iria construir a nossa família. O que eu faço da minha vida agora? A única coisa que vai me fazer manter as esperanças é a minha filha, a única prova de amor que sobrou de nós dois. Ela vai ser meu tudo a partir desse momento. Vou viver minha vida para ela.



Capítulo 01



Mariana

Eu estava praticamente pronta. Iríamos comemorar que eu consegui um novo emprego como pediatra no hospital São Rafael. Fazia anos que eu não sabia o que era uma festa. Vesti-me de forma sensual, coloquei um salto alto, deixei meu cabelo cair em minhas costas nuas e passei uma maquiagem simples. Assim que terminei, ouvi minha amiga gritar lá de fora.

— Mariana Sanches, venha logo!

Saí e quando entrei em seu carro dei um beijo no seu rosto, então ela veio com seus comentários que me deixavam sem graça.

— Até que enfim ela está vestida como uma mulher de vinte e quatro anos.

— Para, vai, Maria! — pedi. — Vamos, antes que eu desista.

Naquela noite fui curtir em um barzinho. Fiquei sentada na mesa, enquanto minha amiga pegava um cara.

Dia seguinte

Acordei num rompante e sentei-me na cama assustada, com os olhos grudados no rádio relógio. Três da manhã. Saltei como uma louca à procura do meu telefone celular.

— Por que raios você não despertou? — Segurei-o enquanto amaldiçoava o aparelho.

Estava pronta para ir ao banheiro, quando me

PERIGOSAS ACHERON

lembrei de que eu não tinha mais que fazer residência e que aquele seria meu primeiro dia no hospital São Rafael e o principal, que o meu turno começava às sete da manhã. Aliviada como se um peso tivesse sido tirado das minhas costas, voltei a dormir. Graças a Deus e ao meu esforço, eu podia dormir um pouquinho mais.

— E então... Como se sente, Doutora Mariana? — Minha mãe terminava de colocar a mesa do café. Era a primeira vez em anos, que faríamos o desjejum juntas.

— Feliz — resumi, terminando de abotoar meu jaleco. Em meu peito, o nome escrito com linha azul parecia brilhar. Era como se aquilo fosse um troféu. — Acho estranho quando escuto "Doutora Mariana" — confessei.

Minha mãe parou atrás de mim e começou a mexer em meus cabelos.

— Deve orgulhar-se disso. Só seu pai e eu sabemos tudo o que você sacrificou por essa faculdade. Todas as festas que deixou de ir, os

feriados trancafiada em prontos-atendimentos e até mesmo seu namoro, que acabou indo por água abaixo.

Respirei fundo, lembrando-me do meu último namorado, o Renato.

— É, mãe, quando decidi me dedicar a essa carreira, eu sabia tudo o que perderia e para namorar um médico, tem que ser forte e ter uma cabeça boa... — declarei, resignada quanto à ideia de talvez nunca encontrar a pessoa ideal.

— Você é jovem, bonita e tem um coração gigantesco. Vai encontrar a pessoa certa quando menos esperar. Seu príncipe encantado vai aparecer.

Ela beijou-me o rosto e eu me preparei para sair, não querendo me atrasar. Enquanto dirigia, as palavras da minha mãe ecoavam em minha cabeça. Príncipe encantado? Balancei a cabeça achando graça. Eu realmente não acreditava nessa coisa de alma gêmea. Passei pela recepção e cumprimentei as secretárias, de soslaio. Olhei para a sala de

espera e uma meia dúzia de pessoas já ocupavam as cadeiras.

— São todos pacientes meus? — perguntei a uma das enfermeiras que separava as fichas dos pacientes.

— Não. — Ela sorriu para mim. — Agora pela manhã você vai atender apenas os pacientes que eram da Doutora Ana Rosa. Se quiser dar uma olhada nas fichas, elas estão aqui — disse, entregando-me os papéis.

Luis Felipe Assis, oito meses; Ana Julia Braga, dois meses; Lorena Motta Assunção, seis meses.

Esses seriam meus três primeiros pacientes daquela manhã e eu estava ansiosa para começar. As paredes do meu consultório eram claras, em um dos cantos havia um tapete com brinquedos e bichos de pelúcia. Fui para trás da minha mesa e sentei-me na cadeira aveludada. Era confortável.

Abri minha bolsa e com muito cuidado retirei um porta-retrato, nele a foto da minha formatura,

eu estava no meio dos meus pais e o sorriso de orgulho deles, fazia todo e qualquer sacrifício meu valer a pena. Ajeitei-o ao lado do computador e respirei fundo.

— Pode pedir para o primeiro paciente entrar, por favor — pedi pelo PABX, que me ligava direto às secretárias.

Tudo correu muito bem. As mães das duas primeiras crianças aceitaram bem a mudança da médica, já que eu estava substituindo uma das pediatras mais renomadas da cidade e só isso era uma baita responsabilidade.

— Faz um favor para mim? — indaguei à mãe da Ana Júlia, antes de ela passar pela porta.

— Claro! — Sorriu.

— Minha próxima paciente é a Lorena Assunção — falei, olhando para a ficha dela. — Diga que já podem entrar, por favor.

Ela assentiu com a cabeça e eu aproveitei para

me levantar. Estava de costas quando ouvi a porta se abrir. Diferente do que eu esperava, um rapaz que não aparentava ter mais do que trintas anos segurava nos braços uma bela menina dos olhos azuis. Alto e dono de um corpo musculoso, carregava nos ombros uma bolsa cor de rosa cheia de ursinhos estampados, isso contrastava de maneira gritante com sua aparência e eu não pude deixar de notar o quanto ele era bonito.

— Pedro Motta Assunção? — estendi minha mão para ele.

— Isso — ele confirmou, apertando a minha mão. — A pediatra vai demorar? — ele olhou para os lados.

Franzi a testa sem entender.

— Prazer... Dra. Mariana Sanchez, a pediatra.

Ele sorriu e não me pareceu ser um sorriso de satisfação.

— Tem certeza? — ele apontou o dedo para

mim. — Você tem idade para isso?

Eu já estava acostumada. Aquela não era a primeira vez que ouvia insinuações daquele tipo. Dei a volta em minha mesa e peguei meu documento com foto e CRM.

— Acho que isso deve bastar. — entreguei para ele, que ficou visivelmente sem graça. Pedro correu os olhos rapidamente pelo documento e depois olhou para mim.

— Me desculpe, eu não quis...

— E então, Lorena, como posso te ajudar? — interrompi-o enquanto pegava a pequena em meu colo.

— Então, doutora... ela estava com febre e não estava passando. Dei três gotas de Dipirona e nada. Parece que só piora.

— Você chegou a dar banho nela? Porque geralmente dipirona sobe a temperatura antes de baixar e por ela ser pequena ainda, tem risco de

convulsões. O banho ajuda a febre a ceder.

— Não, doutora, eu não dei. Devo ser o pior pai do mundo por não ter me dado conta que me esqueci de dar banho.

— Onde está sua esposa? Isso não é questão de ser o pior pai do mundo e sim que às vezes a gente, na hora do desespero, acaba esquecendo. Fique tranquilo.

— Infelizmente sou pai solteiro, mas obrigado, doutora.

— Me desculpe por isso, mas fique tranquilo, logo ela estará melhor.

Pedi um quarto para eles, visto que ela ainda se encontrava com febre, para ele dar banho e poder ver se a febre iria ceder.

Assim que eles deixaram meu consultório, havia outro paciente em estado de emergência. Fui ajudar, pois ele tinha se afogado em uma piscina e estava muito mal. A sala estava lotada de gente.

Aquele primeiro dia de trabalho tinha sido mesmo uma prova de fogo, mesmo assim, sair de lá com a sensação de missão cumprida, não tinha preço. Enquanto arrumava minhas coisas no banco traseiro do carro, a lembrança de um paciente em específico invadiu meus pensamentos sem que eu quisesse. A pequena Lorena, ou melhor, o pai dela.

Lembrei-me do fora que tinha dado ao perguntar pela mãe da menina. O jeito com que ele disse ser pai solteiro acabou mexendo comigo.

O que teria acontecido com a mãe daquela criança?

O Pedro era um homem lindo, isso era inegável, e embora não fosse do meu feitio, acabei dando uma olhada mais detalhada na ficha da Lorena e o nome da mãe constava nele. Flávia Graziela Assunção.

Ela tinha o mesmo sobrenome do Pedro, portanto, eram casados ou ao menos foram. Perdida nesses pensamentos, estacionei meu carro para

atender a ligação da minha amiga, a Luiza.

— E então? Está de pé a academia amanhã?
— perguntou com desdém. Na certa achava que eu daria o bolo nela outra vez.

— Amanhã minhas consultas serão no período da tarde, portanto, às sete e meia da manhã, iremos estar nessa tal academia. — Usei um tom provocativo.

A Luiza riu e avisou que pela milésima vez estava enviando o endereço da academia para mim. Ficava em um bairro meio distante de onde eu morava, e no trajeto havia ao menos umas dez outras academias, mas ela insistia que era um modelo moderno, que era diferente e mais um monte de *blá, blá, blá...*

Todas às vezes que ela me chamava para ir à academia eu inventava uma desculpa e, para ser honesta, sentia preguiça só de me imaginar com pesinhos nas mãos, mas com minha nova rotina, que me dava um pouco mais de tempo livre, além das minhas calças tamanho trinta e oito estarem

ficando apertadas e, diga-se de passagem, tudo culpa das mães que insistiam em me presentear com chocolates, frequentar uma academia pareceu-me uma boa opção.

Antes de dormir, arrumei minha bolsa de esportes e como uma estudante no primeiro dia de aulas, já pensava no que vestiria na manhã seguinte.

Uma semana antes eu tinha ido ao shopping e comprei uma meia dúzia de conjuntos de ginástica. Um mais bonito que o outro e naquele dia optei por calças pretas e um top rosa. Foi de todos o que eu mais gostei.



Capítulo 02



Pedro

Fazia exatamente seis meses que a minha mulher havia me deixado. Minha pequena Lorena tinha acordado meio mal. Tinha febre e sua barriga estava dura, pensei ser cólica. Coitadinha da minha pequena.

Decidi levá-la ao hospital para consultar com a sua pediatra, mas como ela não estava disseram que tinha uma nova, Dra. Mariana, que iria atender.

Tive que fazer toda ficha com a recepcionista

e percebi que ela ficou tempo demais me olhando.

— Senhor, poderia me falar seu nome completo e a sua idade?

— Claro. Pedro Motta Assunção, 28 anos. Sou pai da Lorena Motta Assunção, que neste exato momento está se contorcendo de dor. Você sabe se a doutora vai demorar muito? — Acabei sendo grosso com ela, pois eu não podia perder mais alguém na minha vida.

— Como disse, ela logo chegará. Não iria se atrasar no seu primeiro dia de trabalho. Agora se você quiser ajuda com sua linda bebê, posso ajudar — disse a recepcionista, tocando em minha mão.

Tratei logo de afastá-la.

— Não será preciso. Sei cuidar da minha filha. Agora, se me der licença, vou me sentar.

Desde que minha mulher veio a falecer e acabou saindo na mídia por eu ser dono de um bar famoso, várias mulheres tentam se aproximar de

mim, mas nenhuma realmente conseguiu. A única que ocupa meu coração é minha princesa Lorena, por quem eu faria de tudo.

Depois de duas pacientes saírem do consultório, uma das mães falou o nome da minha filha, então entrei e acabei fazendo a pior merda da minha vida, pois nunca tinha visto uma mulher tão bonita como aquela. Sem esperar ela falou.

— Pedro Motta Assunção? — Ela estendeu sua mão para mim, sua voz era rouca e muito bonita.

— Isso — confirmei, pegando a sua mão. — A pediatra vai demorar? — Olhei para os lados, pois a sua beleza estava me tirando a concentração.

Acabei vendo-a franzir a testa em minha direção.

— Prazer... Dra. Mariana Sanchez, a pediatra.
— Dei um sorriso debochado.

— Tem certeza? — Apontei o dedo em sua

direção. — Você tem idade para isso?

Ela deu a volta em sua mesa e pegou algo e veio em minha direção.

— Acho que isso deve bastar. — quando dei uma olhada rápida, fiquei muito sem graça por toda a situação.

— Me desculpe, eu não quis... — ela nem esperou eu finalizar e começou a falar:

— E então, Lorena, como eu posso te ajudar? — perguntou ela, quando pegou minha filha do meu colo.

Elas ficaram muito lindas juntas.

Pare, Pedro! Tanta coisa para pensar e você pensando em como elas ficaram lindas? Sua filha está doente, digo ao meu subconsciente.

— Então, doutora... Ela estava com febre e não estava passando. Dei três gotas de Dipirona e nada. Parece que só piora.

— Você chegou a dar banho nela? Porque geralmente dipirona sobe a temperatura antes de baixar e por ela ser pequena ainda, tem risco de convulsões. O banho ajuda a febre a ceder.

— Não, doutora, eu não dei. Devo ser o pior pai do mundo por não ter me dado conta que me esqueci de dar banho.

— Cadê a sua mulher? Isso não é questão de ser o pior homem do mundo e sim que às vezes a gente, na hora do desespero, acaba esquecendo. Fique tranquilo.

— Infelizmente sou pai solteiro, mas obrigado, doutora.

— Me desculpe por isso. Mas fique tranquilo, logo ela estará melhor.

Encaminharam nós dois para um quarto do hospital, onde eu poderia dar banho em minha pequena. Ela resmungava sob a água morna. Assim que terminei, coloquei uma roupa leve e deitei-a no

berço, logo uma enfermeira disse que só iria liberar quando a febre cedesse e eu prontamente concordei. Sentei na poltrona que tinha do seu lado e segurei sua mãozinha tão pequena.

— Não quero te perder nunca. Eu não vou suportar se te perder, filha. Eu te amo muito. Como se ela sentisse, abriu os olhos e sorriu para mim.

Mas tarde ela foi liberada por um médico, mas eu claramente fiquei triste, pois esperava ver a doutora gata. Fomos embora para casa.

Chegando lá, como ela estava dormindo, coloquei-a no berço e arrumei a babá eletrônica perto dela. Fui ao meu quarto pegar uma roupa para tomar um banho, entrei na banheira para além de tomar um banho, poder relaxar um pouco.

Quando entrei na banheira comecei a pensar naquela doutora. Sei que fiz pouco caso da idade dela, mas se for analisar, realmente ela é nova. Acho que fez logo a faculdade. Sabia que queria isso, o que é bom. Pessoa decidida do que quer.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ouvi meu celular tocando, mas resolvi terminar meu banho para depois sair.

Quando saí da banheira, meus pés e mãos estavam enrugados por causa da água. Peguei uma toalha e me sequei, colocando uma cueca box e indo ver quem era.

Era um dos seguranças do meu bar. Resolvi ligar de volta, mesmo prevendo que eram problemas. No terceiro toque ele atendeu, já esperando minha ligação.

— Fala, Josias.

— A Sílvia está fazendo o maior barraco aqui no bar, falando que o senhor é dela, que ela teve que esperar por causa da sua falecida esposa. Está gritando que essas mulheres vieram aqui para te ver. Eu estou com ela aqui fora, mas ela disse que não sai daqui da frente enquanto não falar com o senhor.

— Beleza, Josias! Vou dar meu jeito e daqui uns trinta minutos estou por aí.

PERIGOSAS ACHERON

Chamei a vizinha que sempre que podia, me ajudava com minha filha. Era uma senhorinha de sessenta anos. Antes de sair, dei um beijo carinhoso na cabeça da minha filhota, esperando que quando voltasse ela estivesse melhor.

Assim que cheguei ao bar, ela estava sentada no chão. Parecia que estava chorando, me aproximei e sentei ao seu lado.

— O que você está fazendo aqui?

— Você sabe que eu te amo desde aquele dia.

— Eu sei, mas te vejo como irmã, que tive que cuidar e ajudar a sobreviver.

— Mas como nós dois ficamos?

— Você bebeu. Vou te levar para casa e depois conversamos quando estiver sóbria. — levei-a até o meu carro e assim que a coloquei

dentro, percebi que logo iria dormir.

Saí com o carro em direção à sua casa e assim que cheguei a amiga dela estava sentada na rede, no lado de fora. Carreguei-a no colo e já fui entrando e pedindo que me indicasse o quarto. Coloquei-a na cama e dei um beijo em sua testa. Um dia ela iria entender que faço isso por seu bem. Iríamos viver infelizes se eu decidisse ficar com ela.

Fui embora para minha casa, peguei minha filha, que ainda dormia na vizinha e a coloquei no berço. Deitei em minha cama pensando em certa morena que cuidou da minha pequena.



Capítulo 03



Mariana

Acordei várias vezes naquela noite. Ainda não conseguia acostumar-me com a mudança em meus horários. Não era sete da manhã e eu já estava pronta. Aproveitei que estava dentro do horário para me despedir do meu pai. Ele era diretor de um colégio de primeiro e segundo grau que ficava no mesmo quarteirão da nossa casa.

— Precisa ir tão perfumada na academia? —
minha mãe resolveu brincar comigo, assim que meu pai passou pela porta acenando para nós duas.

Beije seu rosto e gargalhei como se ela tivesse me contado uma piada.

— Não é a senhora que vive querendo me desencalhar? Quem sabe lá eu não encontro um pretendente?

Era brincadeira minha. Em momento algum eu pensava na academia como um ponto de encontro e, sinceramente, para mim os marombados que cultuam o corpo e que têm como objetivo ficarem parecidos com o *"Incrível Hulk"* nunca teriam chance.

A fachada era bonita, toda com luzes neon, lembrando-me um pouco as academias norte-americanas. Pela vidraça vi a Luiza encostada no balcão e enquanto me encarava, bateu o dedo no relógio, recriminando meu atraso.

— Quinze minutos, Luiza... Míseros quinze minutos. Eu precisava dormir bastante — me defendi enquanto a cumprimentava com um beijo.

— Acha que meu primeiro dia no hospital foi fácil?

— Ela tem razão. — Uma voz masculina conhecida me fez olhar para o balcão. — Estou de prova. A Doutora Mariana teve um dia e tanto ontem, e por isso vai ganhar um bom desconto se fechar o plano semestral na minha academia.

— Você? — apontei o dedo sem acreditar naquela coincidência.

Pedro Motta Assunção era o dono daquela academia, onde por meses eu evitei pisar? Enquanto ele sorria com o canto dos lábios, minha amiga me olhava como se quisesse me fuzilar.

— Se conhecem? — ela alternou os olhares entre nós dois.

— Sim — dissemos ao mesmo tempo e eu ri daquela sintonia. — Na verdade eu conheci o Pedro ontem. Ele é pai da Lorena, uma das minhas pacientes.

— Hum... — Luiza balançou a cabeça com a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão no queixo. Eu sabia bem o que ela estava tentando me dizer.

— E a Lorena? — voltei-me ao Pedro. — Como está?

Ele se debruçou no balcão de um jeito que seu rosto ficou próximo do meu. Muito próximo, eu diria, tanto que pude notar pela primeira vez o quanto seus olhos eram verdes. Ponto para ele. Eu tinha uma queda por homens com olhos claros.

— Graças aos seus conselhos, ela está bem melhor.

— Que bom... e, aproveitando esse nosso reencontro, acho que devo desculpas a você. Eui meio ríspida, mas esse é meu jeito. — encolhi meus ombros.

— Não. — ele balançou a cabeça e tocou o meu braço. — Você tinha toda razão. Eu deveria ter dado banho nela, essa é a primeira coisa a se fazer em casos de febre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então vamos desfazer nossas primeiras más impressões. — estendi a mão para ele. — Você esquece a minha grosseria e eu esqueço que você colocou em dúvida a minha capacidade, tudo bem?

Ele estreitou os olhos e segurou o queixo, como se considerasse a minha proposta.

— Negócio fechado. — Pedro escancarou um sorriso cheio de dentes bem alinhados e apertou a minha mão, me fazendo perder o ar.

Estávamos os dois, perdidos em um universo paralelo, quando a Luiza com seus pigarros falsos, nos trouxe de volta.

— Vai nos apresentar a academia? — ela interveio.

— Claro. — Pedro deu a volta no balcão e passou um cartão magnético que liberava a roleta. — Entrem! Vou mostrar tudo para vocês e mais, vou deixar que treinem de graça por uma semana. Se gostarem, fecham o plano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me parece uma boa opção. — sorri e confesso, mesmo que de forma inconsciente, eu estava jogando o meu charme para ele.

Pedro caminhava à nossa frente e usava shorts e uma regata que deixava todos os seus músculos desenhados à mostra. As costas eram largas, pensei que no dia anterior, usando uma camisa amassada e suja de uma coisa gosmenta que parecia papinha, ele não parecia ter um físico tão atraente.

—Você é o instrutor? — Luiza sentou-se em um dos aparelhos e olhou diretamente para o Pedro.

— Também — ele respondeu para mim, como se fosse eu quem tivesse perguntado.

— Nossa! Isso significa que além de cuidar de uma princesinha e de trabalhar nessa academia, você tem outra função?

— Acertou, Doutora Mariana! — ele cruzou os braços contra o peito. — Além disso tudo que você falou, durante a noite eu tomo conta do meu bar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa... — murmurei. — E eu que achava minha rotina na residência cansativa...

Ele ficou sério e de repente uma sombra de tristeza pairou em seu rosto.

— Não pense que planejei ter de fazer tudo isso sozinho. Mas ter ficado viúvo ao mesmo tempo em que me tornei pai acabou me levando para esse caminho. Sei que nada vai substituir a minha esposa na vida da Lorena, mas tanto trabalho tem um único objetivo: dar uma vida confortável para a minha pequena.

Fim do mistério!

Pedro era viúvo e algumas peças começavam a se encaixar.

— Complicações no parto? — perguntei, curiosa.

— Mari! — Luiza chamou a minha atenção. — Esse não deve ser um assunto que ele goste de comentar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arregalei os meus olhos. Talvez eu tivesse sido mesmo muito indelicada.

— Pedro, a Luiza tem razão, eu... — comecei a me desculpar, sentindo o rosto em chamas.

— Tudo bem, eu não me importo. Afinal, o acidente saiu em todos os jornais.

— Eu sinto muito — me desculpei. — Agora vamos ao assunto que interessa. Nos fale o que a sua academia tem que as outras não têm. — tentei fugir daquele assunto triste.

Mesmo antes de ele me responder, eu já sabia bem o diferencial daquele lugar. Pedro Motta Assunção seria o grande incentivo para eu querer malhar.

Ele começou a falar o que academia dele tinha de diferente, mas eu não conseguia pensar em nada a não ser olhar. Às vezes quando ele falava algo e parava, eu só balançava a cabeça, num gesto de concordância.

PERIGOSAS ACHERON

Conheci os outros professores da academia, mas nenhum era como ele.

Logo o vi prestar atenção na entrada da academia, então olhei também e vi uma senhora trazendo a Lorena. Ele pediu licença e se afastou, mas logo voltou com a pequena nos braços.

— Desculpe, meninas, mas a minha vizinha, que cuida da minha filha, veio trazê-la, pois a irmã a pediu para ir à cidade dela, então como aqui não é ambiente para um bebê, vou ficar em meu escritório com ela. Se precisarem é só chamar. O Bruno vai ficar a disposição de vocês.

— Tudo bem, vai lá — disse Luiza, fascinada com a criança. O sonho dela era ser mãe, mas não pode ter filhos.

— Obrigada, meninas e bom treino.

O vi se afastar e aproximar do Bruno. Conversaram e logo Bruno veio na nossa direção, pedindo que fizéssemos dez minutos de esteira.

Assim que começamos, Luiza me encheu de perguntas. Não seria ela se não as fizesse.

— Pelo visto gostou do pai da Lorena. Será que estou certa? — comentou ela, debochando de mim.

— Vamos combinar que eu não sou cega. Ele é lindo, um cara muito atraente. Você não concorda? — perguntei, indignada.

— Claro que concordo, mas é a primeira vez em anos que te vejo olhar assim para um homem. Sei lá, é estranho. Você sempre foi a mais reservada.

— Ser reservada é uma coisa, agora cega nem pensar. Amo apreciar as coisas da vida.

— Está vendo como sei que tem algo aí dentro que não presta? Eu falo e ninguém acredita — disse ela rindo e eu acompanhei, mas meu sorriso morreu assim que vi uma loira entrar no estabelecimento, com um short curtíssimo e pediu para o Bruno

chamar o Pedro.

Não demorou muito e ele saiu de sua sala, parecendo nervoso.

— Escuta aqui, Silvia, estou sem tempo pros seus shows. Estou tomando conta da minha filha e vendo as coisas da academia. Podemos fazer assim? Eu te ligo quando estiver com saco para falar com você — ele disse de uma vez e pareceu que naquela hora poderia respirar aliviado.

— Mas Pedro, eu te amo — declarou-se ela com uma voz melosa que me deu enjoo.

— Se você me ama, para de atrapalhar a minha vida. Ontem tive que deixar minha filha doente com a vizinha para acudir você. Não estamos no passado, quando eu precisava te proteger. Agora vê se cresce, pelo amor de Deus, e toma juízo, porque não vai ser eu a sair de noite atrás de você. — Ela virou e foi embora.

Ele abriu a boca umas três vezes para chamá-la, mas não o fez. Parecia arrependido, mas não iria

voltar atrás de sua decisão.

Eu, como sou muito desastrada, prestei atenção nele e no papo, tanto que acabei soltando a mão e caindo da esteira, direto no chão, batendo minha bunda. Ele veio correndo na minha direção.

— Mariana, está tudo bem? — perguntou ele, me ajudando a levantar.

— Estou sim. Eu que sou desastrada mesmo. Fique tranquilo, só acho que não vou conseguir sentar por uns quatro dias — falei e ele riu. Era o sorriso mais lindo de todos.

Eu e Luiza decidimos ir embora, mas antes que fôssemos ele nos chamou.

— Espero vocês amanhã na festa do meu bar. Ele vai fazer seis anos. Conto com a presença de vocês — disse ele sorrindo e entregando um panfleto.

Saí daquela academia radiante. Me despedi da minha amiga e fui embora para minha casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 04



Pedro

Naquela manhã acordei bem disposto. Um sorriso que não saía do meu rosto e só aumentou mais quando vi minha filha, que estava acordada no berço e assim que me aproximei sorriu para mim. Ela era um dos motivos de eu sorrir todos os dias. Peguei-a no colo e separei uma roupinha leve, deixando em cima da cama. Como a banheira já estava em cima do apoio, liguei o chuveiro em uma água não muito quente. Ela jogava água para cima e sorria, não tinha como estragar esse tempo que era só da minha pequena. Nem que eu chegasse um

pouco atrasado na academia, iria aproveitar o máximo esse momento com ela.

Quando terminei de dar banho em minha filha, troquei-a e a levei na sua cadeira para alimentá-la uma fruta. Assim que dei, levei-a para casa da dona Maria e a deixei lá, com muita dor no coração. Voltei para casa só para tomar um banho rápido e ir para a academia. Algo me dizia que aquele dia seria muito bom, então me apressei ainda mais para sair de casa.

Assim que cheguei lá, tinha uma moça muito bonita, mas não fazia meu estilo. A cumprimentei e ela dizia chamar-se Luiza, que iria esperar a amiga dela, então falei para esperar lá dentro, visto que dava para ver, e ela topou.

Fiz a sua ficha e ela falou que não precisava ver mais nada, pois mesmo se amiga não ficasse nessa academia, ela iria. Conversamos bastante sobre academia, contei que era dono fazia sete anos e que foi a primeira coisa que pensei em abrir e ela ficava cada vez mais interessada, então eu continuava contando, até que ouvi a dona da voz

que estava nos meus pensamentos antes de dormir.

— Quinze minutos, Luiza... míseros quinze minutos, eu precisava dormir bastante. — se defendeu enquanto a cumprimentava com um beijo. — Acha que meu primeiro dia no hospital foi fácil?

— Ela tem razão — eu disse, me metendo, então ela me olhou. — Estou de prova. A doutora Mariana teve um dia e tanto ontem, e por isso, vai ganhar um bom desconto se fechar o plano semestral na minha academia.

— Você? — questionou ela, apontando o dedo em minha direção. Acho que ela não acreditava na coincidência, isso era muito divertido.

Sorri com o canto dos lábios, a amiga olhava para ela de forma diferente.

— Se conhecem? — ela alternou os olhares entre nós dois.

— Sim — dissemos ao mesmo tempo. Ela riu, seu sorriso era muito lindo. — Na verdade eu

conheci o Pedro ontem, ele é pai da Lorena, uma das minhas pacientes — completou.

— Hum... — a Luiza balançou a cabeça com a mão no queixo.

— E a Lorena? — perguntou ela. — Como ela está?

Me debrucei no balcão, de forma que nosso rosto ficasse próximo, querendo sentir o cheiro do seu perfume.

— Graças aos seus conselhos, ela está bem melhor — respondi assim que percebi que ela abaixou o olhar, depois de encarar meus olhos.

— Que bom... E, aproveitando esse nosso reencontro, acho que devo desculpas a você. Fui meio ríspida, mas esse é meu jeito — disse ela, parecendo estar tensa com minha resposta.

— Não. — sacudi a cabeça e toquei em sua pele macia. — Você tinha toda a razão, eu deveria ter dado banho nela, essa é a primeira coisa a se

fazer em casos de febre.

— Então vamos desfazer nossas primeiras más impressões. — Estendeu a sua mão para mim. — Você esquece a minha grosseria e eu esqueço que você colocou em dúvida a minha profissão, tudo bem?

Pensei em sua resposta e fiz cara de quem iria pensar, pois queria deixá-la nervosa.

— Negócio fechado! — sorri enquanto apertava a mão dela.

Estávamos os dois distraídos, olhando um para o outro, quando a Luiza começou a fazer um barulho estranho.

— Vai nos apresentar a academia? — ela interveio.

— Claro. — dei a volta no balcão e passei o cartão magnético, que liberava a roleta para as duas entrarem. — Entrem. Vou mostrar tudo para vocês e mais, vou deixar que treine de graça por uma semana. Se gostarem, fecham o plano.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me parece uma boa opção.

Caminhei na frente das duas, deixando-as terem mais privacidade para conversar.

—Você é o instrutor? — A Luiza sentou-se em um dos aparelhos e olhou diretamente para mim.

— Também — respondi me dirigindo à Mariana.

— Nossa! Isso significa que além de cuidar de uma princesinha, e de trabalhar nessa academia, você tem outra função?

— Acertou, Doutora Mariana. — Cruzei os braços contra o peito. — Além disso tudo que você falou, durante a noite eu tomo conta do meu bar.

— Nossa... — murmurou ela, parecendo surpresa. — E eu que achava minha rotina na residência cansativa...

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei sério, pois sabia que fazia isso para minha filha e ao mesmo tempo amava fazer.

— Não pense que planejei ter de fazer tudo isso sozinho. Mas ter ficado viúvo ao mesmo tempo em que me tornei pai acabou me levando para esse caminho. Sei que nada vai substituir a minha esposa na vida da Lorena, mas tanto trabalho tem um único objetivo: dar uma vida confortável para a minha pequena.

— Complicações no parto? — perguntou ela, curiosa.

— Mari! — a Luiza chamou sua atenção porque percebeu que ela estava indo longe demais. — Esse não deve ser um assunto que ele goste de comentar.

Ela fez uma cara de assustada.

— Pedro, a Luiza tem razão, eu... — começou a se desculpar e ficar corada, o que a deixava muito linda.

— Tudo bem, eu não me importo, afinal, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acidente saiu em todos os jornais. — fingi uma indiferença, mas eu ainda estava muito machucado com isso.

— Eu sinto muito — disse, tentando aliviar o clima. — Agora vamos ao assunto que interessa. Nos fale o que a sua academia tem que as outras não têm.

Comecei a falar o que academia tinha de diferente, mas nenhuma das meninas estavam prestando atenção. Então apresentei Bruno e a Priscila para elas. Vi a dona Maria entrando na academia carregando a Lorena, pedi licença e fui ver o que tinha acontecido.

— O que aconteceu, Maria? — perguntei tocando em minha filha, achando que a febre tinha voltado.

— Minha irmã ligou de Minas Gerais querendo que eu fosse viajar para lá, porque meu irmão está doente, então vim deixar a pequena Lorena com o senhor.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem, Maria, boa viagem. Fique tranquila que eu me viro com ela. Obrigado por tudo.

— De nada, meu filho.

Assim que ela saiu, voltei para as meninas com minha pequena no colo.

— Desculpe, meninas, mas a minha vizinha que cuida da minha filha veio trazê-la, pois a irmã pediu para ela ir á cidade dela, então como aqui não é ambiente para ela, vou ficar em meu escritório com ela. Se precisarem é só chamar. O Bruno vai ficar a disposição de vocês. — me desculpei por não poder acompanhar elas, embora eu quisesse muito ficar ao lado de Mariana.

— Tudo bem, vai lá — disse Luiza.

— Obrigado, meninas, e bom treino.

Me afastei delas e me aproximei de Bruno.

— Cuida bem delas, cara. Passa um exercício

direitinho, mas pega leve.

— Pode deixar! Vou cuidar muito bem — concordou ele, piscando.

Então fui para minha sala tranquilo, coloquei minha filha no quadradinho e a deixei ali um pouco. Sentei em minha mesa e comecei a mexer nas contas da academia, quando Bruno entrou, avisando que a Silvia estava me chamando. Eu ainda estava muito chateado com a cena que ela fez ontem no meu bar, então pedi para que Bruno olhasse a Lorena, o que ele prontamente aceitou. Fui direto para o ataque, saindo nervoso da minha sala.

— Escuta aqui, Silvia. Estou sem tempo pros seus shows. Estou olhando minha filha e vendo as coisas da academia. Podemos fazer assim? Eu te ligo quando estiver com saco para falar com você.

— Mas Pedro, eu te amo — declarou ela com uma voz melosa, que achava que me conquistava.

— Se você me ama, para de atrapalhar minha

vida. Ontem tive que deixar minha filha doente com a vizinha para acudir você. Não estamos no passado, quando eu precisava te proteger. Agora vê se cresce, pelo amor de Deus, e toma juízo, porque não vai ser eu a sair de noite atrás de você.

Ela simplesmente virou as costas e foi embora. Pensei em chamá-la de volta mas achei melhor não o fazer. Não poderia voltar atrás da minha decisão.

De repente ouvi um barulho e quando olhei, Mariana estava no chão, corri em sua direção.

— Mariana, está tudo bem? — questionei enquanto a ajudava a se levantar.

— Estou sim. Eu que sou desastrada mesmo, pode ficar tranquilo, só acho que não vou conseguir sentar por uns quatro dias — disse ela e eu sorri.

Percebi que elas iriam embora, mas aí pensei, porque não convidar as duas? Então as chamei e elas me esperaram até eu chegar a elas.

— Espero vocês amanhã na festa do meu bar. Ele vai fazer seis anos. Conto com a presença de

vocês — falei, sorrindo e entregando um panfleto.

Assim as vi irem embora e eu voltei para a sala para poder olhar minha pequena e deixar Bruno trabalhar.

As coisas da festa estava bem adiantas, amanhã só iria atrás das coisas das barracas. Séria uma de cachorro quente e outra de espetinho.

Quando deu o horário de almoço, saí com a pequena Lorena.

— Bruno, segura as pontas aí, pois estou indo embora — pedi, saindo.

— Pode deixar, Pedro.

Quando cheguei à casa, a mãe de Flávia estava no portão, parecendo que adivinhara que iria precisar dela. Iria mesmo pedir para ela olhar Lorena amanhã para eu poder ir na festa.

— Nossa, quanto tempo! Lorena estava morrendo de saudade da senhora — disse, dando

PERIGOSAS NACIONAIS

um beijo em sua testa.

— Verdade! Eu e o Fernando viajamos e só voltamos ontem.

— Que bom que vocês estão aproveitando. Entra!

Assim que chegamos dentro de casa, fui pegar a cadeira da minha filha para poder dar papinha para ela. Esquentei a papinha e peguei o babador, mas Juliana quis alimentá-la e eu não neguei.

— Ia mesmo te ligar hoje para pedir um favor.

— Sério? O que seria? — perguntou ela, bem curiosa.

— Amanhã é a festa do bar. Queria saber se à noite poderia cuidar da Lorena para mim.

— Claro que posso. Será uma honra.

— Passo e deixo-a na sua casa, então. Obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ficou a tarde toda conosco, depois foi embora. À noite aproveitei que o bar não iria abrir e fiquei colocando as séries em dias. Acabei pegando no sono, mas antes pensei numa certa morena...

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 05



Mariana

Agarrei-me aquele panfleto como se fosse um documento importante. Por várias vezes naquele dia, peguei-me lendo e relendo 'Top Bar'. Há seis anos aquele lugar existia e eu nunca antes tinha ido até lá. Na faculdade, por várias vezes fui convidada por meus amigos para irmos ao tal lugar, e até mesmo meu ex-namorado me propôs de conhecer o bar mais falado da cidade, só que eu nunca me interessei.

Era estranho pensar que se tivesse agido de

PERIGOSAS ACHERON

forma diferente, teria conhecido o Pedro antes, em outras circunstâncias, mas quis o destino que fosse daquele jeito, cuidando da saúde da sua bebê, e como eu era o tipo de pessoa que acreditava em destino, signos e sinais, acabei ficando ainda mais impressionada.

— Lu, nós vamos ao bar, certo? — não resisti e liguei para a minha amiga, assim que cheguei do meu plantão.

— Mari... você só pode estar brincando comigo. Já passa das onze da noite e você vem me ligar pra falar disso?

— Nossa! Onde está a minha amiga mais louca? — brinquei. — Até onde eu sei, é você a primeira a se empolgar com esse tipo de evento.

— Sou. Mas tem ideia de como minhas pernas doem? Estou sentindo como se tivesse sido espancada. Cada músculo do meu corpo dói a cada vez que eu respiro.

Comecei a rir. Eu também estava dolorida, no entanto, como não tinha parado ainda, meu corpo

não tinha esfriado o ponto de sentir as dores de forma tão intensa.

— Lu, quem despencou no chão e passou a maior vergonha fui eu. Mesmo assim, passei a tarde toda sentando e levantando, atendi mais de dez pacientes hoje à tarde e me sinto super animada, mesmo com a minha bunda latejando.

— Claro que se sente animada... Só que essa empolgação toda tem nome e sobrenome: Pedro Motta Assunção. Estou errada? Senti o rosto queimar. Luíza me conhecia tão bem que nem adiantava tentar mentir para ela.

— Digamos que eu não consegui parar de pensar nele nem por um minuto, mas tem outra coisa que também não me sai da cabeça.

— Já sei! Aquela mulher com cara de louca?

— Exato! Na certa ela é alguma ex-namorada que não aceita o fim do relacionamento — opinei.

— Também acho. Mas o Pedro deu um chega pra lá nela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Respirei fundo, lembrando-me do jeito quase que fraterno com que ele falava com aquela mulher.

— Sei lá, Lu. De qualquer forma, ele parece se importar com ela.

— Bom... Vai preparando o vestido. Amanhã saberemos mais sobre essa tal...

— Silvia — completei. — Eu o ouvi chamando-a de Silvia.

— Eca! Não gosto desse nome. — A Luíza ainda observou, antes de desligar.

Eu tinha que dormir, mas quem disse que eu conseguia?

Abri o meu guarda-roupas e fiquei por horas experimentando meus vestidos que estavam aposentados há um bom tempo. Todas as minhas amigas reclamavam da mesma coisa, diziam que meu estilo era muito sério, e naquela noite eu tinha que concordar com elas.

PERIGOSAS ACHERON

No dia seguinte eu teria que ir até uma loja e comprar algo decente, ou melhor, indecente, para vestir. O Pedro tinha um estilo todo descontraído e eu era totalmente o oposto.

Graças a Deus meu dia de trabalho foi tranquilo, do contrário não sei o que faria, levando em consideração que eu estava morta de sono. Como já era de se esperar, Luíza desistiu da academia naquele dia e eu, apesar de querer muito me encontrar com o Pedro, morria de vergonha só de pensar em ir até lá sozinha, sem contar que imaginei que seria bem provável ele não estar na academia, o mais certo era que estivesse correndo atrás dos preparativos de sua festa.

Aproveitei o tempinho livre para fazer uma coisa que há muito tempo não fazia parte da minha rotina. Fui a um salão de beleza, meus cabelos não sabiam o que era uma boa escova desde a minha formatura e minhas unhas, sempre pintadas com cores claras por mim mesma, naquele dia receberam camadas de esmalte vermelho carmim, o mesmo tom do vestido atrevido que comprara mais

cedo.

Uma hora antes do que tinha combinado com Luíza, comecei a me arrumar. Confesso que quando me olhei no espelho, quase não me reconheci. O vestido parecia estar mais justo e tinha mais decote do que quando o provei na loja. Fiquei tão impactada com o meu reflexo no espelho que demorei um tempo tentando me reconhecer. Meus pais estavam na sala e eu passei por eles rezando para que estivessem cochilando.

— Mariana, como você está bonita, filha! — minha mãe se levantou do sofá e veio até mim.

— Obrigada... Mas eu vou indo. Combinei de pegar Luíza na casa dela — avisei sob o olhar analítico do meu pai.

— Não está faltando pano nessa roupa aí, não? — ele perguntou com a testa franzida.

— Pai... — fui até ele e dei um beijo em seu rosto. — Deixa pra pegar no pé das adolescentes do colégio — eu disse, já saindo de lá.

Mais um comentário crítico do meu pai e eu voltaria ao meu quarto e trocaria de roupa. Dirigi até a casa da Luíza com um único pensamento: desejava que o Pedro gostasse da minha produção.

— Caramba, Mariana! — Luíza gritou enquanto entrava no meu carro. — Está afim de conquistar mesmo o viúvo. Eu nunca vi você tão sexy na minha vida!

Respirei fundo. Luíza era impossível.

Não levou nem quinze minutos e chegamos ao bar. Na rua, filas de carros e amontoados de pessoas bem-vestidas mostravam que a festa seria um sucesso. Enquanto atravessamos rumo ao bar, pude ouvir assobios e cantadas dos homens que formavam grupinhos na calçada, enquanto tomavam suas cervejas caras. Entramos e tudo o que eu procurava era um rosto conhecido, ou melhor, pelo rosto do Pedro. A música estava alta e a iluminação baixa. O cheiro das bebidas destiladas se misturava ao dos perfumes de grife e ao dos cigarros de cravo, lembrando-me muito as

danceterias que eu frequentava quando era adolescente, e que só conseguia entrar por conta dos documentos falsos que a

Luíza conseguiu com um amigo dela.

— Acho que vou me dar bem hoje! — ela gritou no meu ouvido. — Olha quanto homem bonito.

Olhei à minha volta e um rosto fez meu estômago gelar.

— Que droga, Lu! O Renato está aqui — reclamei, vendo meu ex-namorado com um copo de uísque na mão, conversando com dois outros rapazes.

— Ignora. — A Luíza me puxou para o lado oposto de onde ele estava. — Com tanta gente aqui, ele nem vai te ver.

Que assim seja!, disse para mim mesma, pensando nas últimas ligações dele querendo reatar nosso namoro, e no quanto foi insistente. Em meio aos meus pensamentos, senti alguém tocar minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

costas e mesmo antes de me virar, eu sabia quem era.

— Tive medo que não viesse. — Pedro, mais bonito do que nunca, sorria para mim, enquanto se inclinava na minha direção.

— Imagina! Eu não perderia essa festa por nada. — respondi o seu abraço, ao mesmo tempo em que sentia minhas pernas amolecerem.

—Você está... Linda — ele sussurrou em meus ouvidos, fazendo minha pele se arrepiar.

— Obrigada. Você não está nada mal também.

— Acho que isso é um elogio. Obrigado.

Ele mal acabou de falar e ouvi a voz a qual eu queria evitar.

— Não imaginava que iria te encontrar aqui, Mariana... você está muito linda. Queria mesmo falar com você — disse Renato.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas eu não quero falar com você.

— Não posso continuar assim — choramingou. — Eu te amo, meu amor. Quero voltar e continuar de onde paramos.

— Esquece isso.

— Quem é esse aí? — perguntou Renato, analisando Pedro.

— Sou o dono do bar que você está nesse momento. Prazer, Pedro Motta Assunção — se apresentou o Pedro, estendendo a mão na direção de Renato, que nem se deu ao trabalho de cumprimentá-lo.

— Espero que não se encoste à minha mulher. Ela é minha — disse Renato, me surpreendendo.

— Não tem seu nome escrito nela. Se ela quiser eu encosto e não vai ser um babaca que irá me impedir.

Pedro queria provocá-lo e conseguiu.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não seria capaz...

— Quer ver? — desafiou Pedro, que nem esperou e me puxou para ele, fazendo um encaixe perfeito

Ele grudou nossa boca uma na outra e me beijou de forma lenta. Aos poucos me permiti corresponder. Ele segurava meu corpo pela cintura e se me soltasse sei que eu desabaria. Minha perna estava mole, nunca tinha sentindo um beijo tão bom quanto esse. Pedro me levou ao céu com apenas um beijo. Fomos separados por um empurrão que veio com muita força. Renato iria, sim, arrumar confusão.

— Qual foi, cara?

— Você está beijando a minha namorada — disse Renato, me puxando com certa força.

— Você namora esse cara? — Pedro questionou, dessa vez olhando para mim.

— Claro que não. Eu já namorei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ou você solta ela agora ou será expulso desse bar — ordenou Pedro, muito nervoso.

Ele estava mais vermelho que o necessário. Renato não me soltaria, eu o conhecia o suficiente para saber que ele era orgulhoso e não gosta de fazer o que as pessoas mandam, então resolvi intervir.

— Pode deixar, Pedro, eu me viro. Vou falar com ele — falei e logo em seguida me arrependi, pois a expressão dele era de decepção e Renato tinha um olhar satisfeito.

Luíza deu um olhar de repreensão, o que me fez ter a certeza de que tinha feito a escolha errada, mas foi a única solução que achei propícia no momento. Vi Pedro virar as costas e sumir pela multidão.

Assim me virei para Renato. Iria enfim escutar o que ele tinha tanto para me dizer.

— Fale o que você tanto quer. Já estragou minha noite mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu te amo e quero voltar.

— Mas eu não quero, estou perfeitamente bem sem você, então foi melhor assim. Tem vezes na vida que as coisas devem acontecer — falei e o deixei plantado lá, indo pegar uma bebida.

Assim que me encostei no balcão, vi Pedro conversar com a Silvia de longe. Ela passava a mão em seu peito e isso me fez sentir o rosto pegar fogo. Tomei a última atitude que acharia que tomaria. Me aproximei e falei:

— Amor, o que você está fazendo aí? — levantei um pouco para alcançar sua boca e o beijei. Ele parecia de início surpreso com meu gesto, mas correspondeu a todo o momento, como se quisesse isso a noite inteira.



Capítulo 06



Pedro

Eu sabia a fria em que estava me metendo.

Beijar outra mulher na frente da Silvia, era o mesmo que assinar minha sentença de morte, no entanto, como eu poderia resistir à Mariana?

Ela era linda e estava agarrada ao meu corpo. Parecia nervosa, seu coração batia tão rápido que eu podia senti-lo pulsando contra o meu peito. Sem contar que, por mais que eu soubesse o tamanho do problema que aquilo me causaria, naquele instante

me esqueci de tudo e apenas beijei aqueles lábios que não saíram dos meus pensamentos desde o dia em que pisei naquele consultório.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui? — a voz estridente de Silvia me fez voltar para a realidade. Mesmo que sem querer, tive de me afastar da Mariana, e o fiz no momento certo.

Insana como costumava ser, a expressão em seu rosto parecia mais assustadora, e se sempre meu instinto foi de protegê-la, naquela noite, era eu quem deveria ter cuidado.

— O que acha que vai fazer? — segurei o seu braço, impedindo a tempo, que ela jogasse um copo de vidro contra Mariana.

— Você é meu, Pedro! — Silvia gritou e, mesmo com o som alto, as pessoas mais próximas perceberam o início de confusão. — Sabe que eu não desisto fácil e eu sou capaz de acabar com todas as mulheres que cruzarem o meu caminho!

— Espera aí! — Mariana colocou-se entre

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e a Silvia com o dedo em riste. — Veja bem como fala comigo...

Virei-me de costas para Silvia e vendo que Mariana não era do tipo que se amedrontava, decidi acabar com aquilo, antes que o desastre fosse maior.

— Deixa que eu cuido dela — falei, olhando em seus olhos. — Vou dar um jeito de colocar essa louca pra fora daqui e já volto pra gente conversar.

Não sei como a Mariana interpretou aquilo, mas seu ar de decepção dava a mim uma boa noção de que eu teria um belo trabalho para fazê-la entender qual era o tipo de relação que eu tinha com a Silvia.

Sem mais, segurei-a pelo braço e não me importando com o que as pessoas estavam pensando, segui praticamente arrastando-a, rumo à saída do bar.

— Dessa vez você passou de todos os limites! — rosnei entre os dentes, vendo que ela percebera que eu não estava para brincadeiras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pedro... O que eu posso fazer, se eu te amo? — sua voz mole denunciava que havia muito álcool em suas veias.

— Vou chamar um táxi para você, Silvia. — peguei o celular em meu bolso, pronto para discar. — Vá para sua casa e pense no quanto tem infernizado a minha vida.

Ela começou a chorar, enquanto eu passava o endereço ao motorista.

— Que droga, Pedro... Eu só quero comemorar com você... — Ela tentava me beijar. — Por favor, me deixa ficar.

Respirei fundo, precisando mandar oxigênio ao meu cérebro, ou, do contrário, perderia a cabeça e largaria Silvia sozinha naquele estacionamento.

— Eu estou de saco cheio disso! É sempre a mesma coisa. Você me persegue e parece que gosta de provocar os piores sentimentos em mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela enxugou as lágrimas com as costas das mãos e fez um beicinho como se fosse uma criança mimada.

— Se me deixasse cuidar de você, da Lorena... seríamos uma família feliz e todos os seus problemas seriam resolvidos.

O táxi chegou e eu agradei a Deus em pensamento. Tinha medo de que a Mariana não esperasse pela minha volta e eu apenas queria terminar o que tínhamos começado.

— Ela explica o endereço para o senhor — avisei, entregando o dinheiro para ele. Sabia que era mais do que custava uma corrida até a casa da Silvia, no entanto, pagaria o que fosse para que ela chegasse segura.

— Não vou entrar. — ela cruzou os braços enquanto eu abria a porta do carro.

— Quer saber? Faça o que quiser! Mas no bar você não entra, portanto, se quiser dar o seu show, vai ser aqui, do lado de fora! — dei de ombros e

PERIGOSAS ACHERON

pus-me a caminhar.

Ouvi que ela resmungou alguma coisa, mesmo assim eu ignorei, estava realmente de saco cheio. Silvia me dava muito mais trabalho do que a Lorena, que era apenas um bebê.

— Você vai se arrepender por me tratar assim!
— ela gritou, mas entrou no taxi. Bateu a porta com tanta força que mesmo de longe eu pude ouvir.

De qualquer forma, dei ordem aos seguranças que não a deixassem entrar. Temia que ela voltasse e naquela noite a minha paciência havia se esgotado.

Ainda estava conversando com eles, quando vi Marina e sua amiga passando pela saída. As segui com meus olhos e quando ela desativou o alarme de um carro que estava estacionado do outro lado da rua, tive a certeza de que Silvia tinha mesmo conseguido arruinar a minha noite.

Ela estava pronta para sentar no banco do seu carro, quando eu a impedi de fechar a porta.

— Aonde a senhorita pensa que vai?

Ela arregalou os olhos. Era mesmo linda.

— Acho que essa noite já deu para mim — afirmou, desviando seu olhar e seu rosto se avermelhou como o de uma adolescente envergonhada.

— Não vou deixar que vá embora sem que eu me explique — disse sério, morrendo de medo de que ela me achasse problemático demais.

— Não, Pedro... Você não me deve explicação alguma. — Ela fincou os olhos no volante.

— Oi, gente! Eu estou aqui e adoraria voltar para a festa. Só pra constar — Luiza murmurou, depois de pigarrear.

— Já disse que se quiser, pode ficar. Eu vou para casa sozinha, sem problemas. — Ela encarou a amiga.

— Luiza, volta para o bar, me deixe conversar a sós com a "Doutora Mariana Teimosia"? — quis provocá-la.

Antes mesmo que Mariana pudesse contestar, sua amiga abriu a porta do carro e correu de volta para a festa. Eu dei a volta em torno do carro e me sentei no banco ao seu lado.

— Pedro, eu não sei o que deu em mim... — ela começou com a voz baixa. Estava envergonhada, mal conseguia me encarar.

Enquanto ela mordia os lábios buscando uma explicação pelo que fizera minutos atrás, eu só conseguia pensar que queria tê-la de volta em meus braços, e mais, não podia esperar.

— Vamos deixar as explicações para depois. — segurei-a pelos ombros. — Agora, deixa eu terminar aquele beijo — avisei e logo já colava meus lábios nos seus.

Enquanto, sem resistência ela me beijava, senti pela primeira vez depois da morte da minha

esposa, uma mulher mexer comigo daquele jeito. Entendi ali, que Mariana tinha grandes chances de ser o outro grande amor na minha vida.



Capítulo 07



Mariana

Aquele era um dos melhores momentos que já tive em algum dia. Nos separamos porque era necessário, mas ele continuou com a testa encostada na minha como se quisesse memorizar aquele momento para o resto de sua vida.

— Por favor, volte para a festa comigo! Juro que a minha vontade era ficar com você em outro lugar, mas é a festa do meu bar. Prometo que logo arrumo um tempo para podermos conversar — disse ele, enquanto acariciava meu rosto.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem, vamos voltar. — olhei em seus olhos, ele brilhava.

Descemos do carro, ele pegou em minha mão e enlaçou na sua, entramos no bar assim, ele ia na frente e me puxava. Assim que chegamos no balcão, ele puxou a cadeira para eu me sentar e puxou uma outra para ele. Pediu um refrigerante para si e me perguntou:

— O que você quer beber?

— Um refrigerante, também. Amanhã eu trabalho.

Ele pediu para o barman e ele logo trouxe. Abriu o meu e serviu meu copo, então olhou para mim.

— Você é linda, sabia?! Percebi isso desde o momento que te vi pela primeira vez.

— Obrigada. Você também é lindo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando nossos rostos estavam próximos, eis que aparece um dos seguranças dizendo que havia um problema. Ele falou que já voltava e fiquei ali sozinha por um tempo, logo Luíza apareceu toda animada.

— Resolveu com seu bofe?

— Primeiro de conversa: ele ainda não é meu, mas a gente vai conversar sobre, ainda.

— Amiga, dá para perceber desde que vi vocês conversarem, que vocês são loucos um pelo outro. Melhor se ligarem logo, pois tem muitos concorrentes para tentar ocupar seus corações.

Começou a tocar a música do Henrique e Diego, com a Simone e Simaria, Raspão, e Luíza me convidou para dançar. Do lado direito tinha uma pista de dança para onde fui e comecei a mexer o corpo ao som da música, enquanto nós cantávamos.

Percebi minha amiga começar a dançar com um homem e quando pensei em ir embora dali para

não ficar sozinha, senti alguém segurar na minha cintura. Era Pedro.

Mesmo sem olhar, eu sabia que era ele. Me puxou para ele e começou a dançar comigo. Eu percebi que ele estava cheirando meu cabelo. Paramos só quando cansamos e sentamos em um canto, na única mesa livre.

— Sei que aqui não é lugar e nem hora, mas queria te contar sobre a Silvia. Entendo que não te devo explicações, mas quero que você saiba de uma coisa. Posso te levar em casa hoje? — pediu ele.

— Mas e o meu carro?

— Levo assim que possível. Juro que te deixo em segurança. Se você topa, nós saímos daqui agora. Diz que sim, por favor.

Ele me olhava como se fosse uma criança e eu sabia que eu não conseguiria dizer não para ele, então topei. Saímos pelas portas do fundo, com ele segurando minha mão como se eu fosse fugir a qualquer momento. Assim que chegamos ao seu

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, ele abriu a porta para mim, me acomodei, ele logo deu a volta e entrou no carro. Colocou o veículo em movimento, mesmo não sendo eu na direção, não fiquei com medo. Ele parou em um parque, saiu do carro e abriu a porta para mim. Pegou a minha mão para me ajudar a descer, abriu o porta- malas e pegou uma toalha de mesa. Olhei para ele confusa.

— Relaxa, eu te trouxe no meu lugar preferido para podermos conversar. Depois te levo em casa, prometo. — andamos até uma árvore, ele esticou o pano, sentei e ele sentou na minha frente. — Vou ter que começar desde princípio para você entender tudo. — assim ele começou. — Então... quando era criança fui abandonado em um orfanato pelos meus pais. Eles me abandonaram, não porque não tinham condições de me criar, e sim porque eles não tinham tempo para cuidar de uma criança. Diziam que eu era apenas um estrago em suas vidas. Dois anos depois vieram a falecer. Eles deviam dinheiro para um monte de agiota, eram apostadores, claro que não me contaram isso, só fui descobrir quando contratei um detetive particular.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa contar...

— Eu quero contar. Não estou te contando porque quero que sinta pena, mas sim para que você entenda tudo. Voltando... eu vivia em um orfanato fazia exatamente nove anos, quando Silvia apareceu por lá. Ela era a menina assustada que se escondia de todos e não confiava em sua própria sombra. Fui me aproximando dela aos poucos e ela me contou que seu pai abusava dela. Os vizinhos denunciaram e ele foi preso. Ela tinha medo que acontecesse novamente, pois tinha um cara que ia no orfanato e a fazia pegar em sua intimidade. Ele falava que se ela contasse para alguém, ela morreria. Não sabe como me senti. Eu tinha quatorze anos na época. Chamei a senhora que cuidava de nós e ela não acreditou em uma só palavra que eu disse. Naquele mesmo dia ele voltou ao orfanato, eu juro que tive medo que ele fizesse algo com ela, mas deixei que a moça de lá ficasse com ele e fui ao escritório onde tinha telefone. Liguei para a polícia, não demorou muito e eles chegaram, mas não foi suficiente para salvar a vida da irmãzinha que cuidava de nós. Ele a matou com uma faca e tinha Silvia em seus braços. A polícia

teve que negociar com ele para soltá-la, e por pura sorte, ele aceitou. Depois desse dia fomos remanejados para outro orfanato, só que a partir daquele dia comecei a cuidar dela como irmã e assim que a vejo até hoje. Eu, por completar a maioridade antes dela, tive que sair de lá. Um dos policias daquele dia virou um grande amigo meu, me ajudou a conquistar um emprego, arrumou um quarto para eu ficar e dois anos depois busquei a Sílvia daquele lugar, então ela veio morar comigo. A ajudei a conseguir uma bolsa de estudos e estudavamos juntos.

Tudo aquilo era muito intenso de ouvir, mas ele continuou sem hesitar.

— Assim ela partiu, mas logo voltou com a ideia de que me amava. Eu explicava meu sentimento por ela, mas ela não entende. Quando conheci minha falecida esposa, ela fez um inferno de vida para ela. Nos casamos, nos amamos e quando descobri que ela estava grávida foi a melhor notícia. Minha vida era completamente dela, mas eu não esperava perdê-la. Eu estava trabalhando quando recebi a notícia do acidente e

só sabia chorar. Quando o médico disse que ela tinha falecido, só me mantive de pé por causa da Lorena. Ela é a única razão da minha vida. Sei que não é legal falar tudo isso para você, mas eu precisava soltar essas coisas que estavam destruindo meu coração. Eu não sei porque eu confio tanto em você, na verdade estou descobrindo, mas é melhor guardar e um dia você vai saber — disse ele chorando, eu também estava completamente acabada. Eu teria que ser forte nesse momento, então ergui seu queixo e o fiz olhar nos meus olhos.

— Eu já te achava forte antes de me contar essa história, agora te acho mil vezes mais. Deixa eu cuidar de você por hoje? — perguntei e ele simplesmente balançou a cabeça. Parecia ter entrado em outro mundo. O puxei para mim e o abracei como se minha vida dependesse disso.

Ele deitou em um dos lados, depois de desvencilhar dos meus braços ele estava estranho, parecia que queria ficar longe e se distanciar. Ficamos os dois ali deitados, cada um pensando em sua vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 08



Pedro

A Mariana devia estar me achando um louco. Depois daqueles beijos eu simplesmente travei, talvez por ter percebido que ela era mesmo diferente das outras mulheres. Delicada, educada e também sedutora, isso eu não tinha como negar. No entanto, o meu passado costumava me assombrar, e acho que por causa da Silvia, tudo de ruim que vivi naquele orfanato parecia mais vivo do que nunca.

Eu queria tê-la levado até a sua casa, mas diante das minhas mancadas, a Mariana fez questão

de voltar ao bar e pegar o seu carro. Sei que eu tinha de insistir, desfazer aquele mal entendido, mas se eu não metesse os pés pelas mãos, não estaria sendo o Pedro.

Passei a madrugada toda em um duelo interno. Por vezes pensei que era mesmo melhor não levar a história com a Mariana à frente, alguma coisa me dizia que eu não era bom o bastante para ela, só que quando eu cogitava tirá-la da minha vida, um buraco parecia tomar conta do meu peito.

— Algo me diz que dessa vez você está ferrado mesmo... — sussurrei a mim mesmo, enquanto virava de um lado para o outro em minha cama.

Ainda perdido nas lembranças daquela pediatra, dona dos olhos mais bonitos que eu já vira, o choro da Lorena me fez voltar do transe, o que foi bom de algum jeito, porque quando estava ocupado cuidando da minha bebê, nada mais me perturbava. Bem cedo, antes mesmo de seguir para a academia, liguei para a floricultura de um grande amigo meu.

— André... Pode pegar o que tem de mais bonito, não importa o preço... — avisei entre um gole e outro de café.

— É para Silvia? — ele perguntou-me, porque normalmente eu mandava flores para ela no dia do seu aniversário, ou quando eu achava que tinha feito uma grande besteira.

— Não, dessa vez é para outra pessoa. — Respirei fundo, pensando nela. — Vai mandar entregar no hospital São Rafael, vou te explicar direitinho.

Sabia que a Mariana teria plantão até o meio dia e algo me dizia que ela não apareceria na academia naquele dia. Confesso que não consegui prestar a atenção em nada naquela manhã. Esqueci até mesmo a lata do leite da Lorena, por sorte a senhora que cuidava dela tinha uma de reserva.

Enquanto olhava para o meu telefone a cada dez minutos, um grupo de rapazes chegou à academia. Queriam conhecê-la e aquele era um dia

PERIGOSAS NACIONAIS

em que eu não estava nem um pouco afim de falar sobre as máquinas de supino ou de leg press, por isso chamei o Bruno para atendê-los.

Para ajudar, parece que naquele dia todo mundo queria falar comigo. A toda hora aparecia um representante de alguma coisa para apresentar uma novidade no mercado fitness.

— Nossa! Roberto, hoje é um péssimo dia...
— avisei ao senhor careca que já enchia o meu balcão com suas maletas e panfletos.

Enquanto ele tentava argumentar que seria rápido, meus olhos se prenderam na entrada da academia, onde passava pela porta a mulher que ocupou meus pensamentos por toda a manhã. Como se estivesse hipnotizado, saí de trás do balcão e caminhei até ela, que sorriu timidamente quando seus olhos se encontraram com os meus.

— Está querendo que eu mude de profissão?
— ela sussurrou em meus ouvidos e o cheiro do seu perfume me atingiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não entendi. — Sorri sem graça.

Mariana tinha o dom de me desconcertar, e isso era incomum para mim.

— As flores... São tantas que posso montar uma floricultura. — ela cruzou os braços. — A minha sala ficou pequena e eu fui o comentário naquele hospital por toda essa manhã.

Ergui as sobrancelhas. Não sabia se aquilo era bom ou ruim. Depois da minha esposa, eu nunca mais tentara ser romântico com mais ninguém. Tive medo de estar sendo ultrapassado.

— Eu peço desculpas se exagerei...

Ela sorriu. Dessa vez um sorriso largo.

— Eu amei. — Mariana passou as mãos pelo rosto. — Estou com essa cara de boba desde que me entregaram as flores.

Coloquei a mão no peito, aliviado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ufa! — abracei-a e senti outra vez seu coração acelerar.

— Bom... eu não quero atrapalhar. — ela colocou uma mecha dos seus cabelos atrás da orelha. — Vou fazer um pouco de esteira.

—Tudo bem. Daqui a pouco eu vou lá. Só vou terminar de atender um fornecedor. — lembrei-me de que tinha esquecido do Roberto.

Enquanto ela passava pela roleta, meus olhos acompanhavam seu jeito gracioso de andar e pelo jeito, não era só eu que achava isso. Mariana tinha vários pares de olhos fixados nela, e confesso que aquilo me irritava de um jeito que chegava a me assustar. Minha vontade era de pegar uma daquelas barras de ferro e fazer um estrago.

Não adiantava. Com ela ali, tão perto de mim, eu não conseguiria fazer mais nada. Dei um jeito de dispensar o Roberto e fui até onde a Mariana estava, correndo na esteira. Sua pele clara estava avermelhada e coberta de suor, fiquei um tempo apenas a observado e quando ela parou de correr,

eu fui até ela com uma toalhinha nas mãos.

— Cortesia da academia. — entreguei para ela.

— Muito Obrigada. — ela segurou a toalha e nesse momento nossos dedos se tocaram.

— E a sua amiga? Outra falta? — desconversei, do contrário, a agarraria ali mesmo.

Ela virou a garrafinha de água na boca e depois voltou a me encarar, estava ofegante.

—Bebeu de mais. Está de ressaca.

— Entendi. — coloquei a mão no queixo... Uma ideia acabava de passar pela minha cabeça.

— Bruno! — gritei para chamar sua atenção, ele ainda estava atendo os rapazes. — Vou fazer a avaliação física dela. Vem comigo. — Segurei-a pela mão.

Com o ar de quem não estava entendendo

nada, a Mariana me acompanhou até a sala onde eram feitas as avaliações de peso e massa adiposa dos alunos, só que naquele dia e com a Mariana, não era bem isso o que eu queria fazer.

— Você está louco? — ela murmurou quando me viu trancar a porta atrás dela.

Assenti com a cabeça, enquanto puxava a Mariana para perto de mim.

— Estou. Louco de vontade de beijar a sua boca. — levantei-a pela cintura e a sentei sobre a maca.

Tão bons ou mais do que na noite anterior, nos beijamos até que ar nos faltasse. O cheiro dela em sua pele suada fazia o meu sangue ferver. Embrenhei minhas mãos em seus cabelos e joguei o elástico que os prendia longe, gostava de ver seus cabelos escuros soltos.

Dava para ver que ela também queria. Suas mãos corriam pelas minhas costas de um jeito selvagem e enquanto eu beijava seu pescoço, ela

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrava meu nome.

Estávamos aproveitando tanto um ao outro que quando bateram na porta eu tive vontade de mandar a pessoa ir para o inferno.

— Pedro... O pessoal vai fechar o plano semestral. Preciso que venha falar com eles.

Mariana levou a mão até a boca para segurar o riso.

— Já estou indo — respondi mal humorado, antes de beijá-la mais uma vez.

— Não sei com que cara vou sair daqui... — ela estava corada.

— Com essa, linda como é... — falei em seus ouvidos.

Quando passamos pela porta, um dos rapazes varreu a Mariana dos pés à cabeça.

— Ricardo? — Ela parecia conhecê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Doutora Marina... Você treina aqui? — ele inclinou-se para cumprimentá-la com um beijo no rosto.

— Sim, Doutor Ricardo Prado.

Ele balançou a cabeça, secando o corpo dela a cada olhada.

— Legal, estava em dúvida se fechava o plano aqui, mas agora eu não tenho mais dúvidas. — ele sorriu para ela, e como homem, eu sabia bem quais eram suas intenções.

— É médico também? — perguntei, tentando disfarçar o meu incômodo.

Ele estendeu-me a mão para um cumprimento e eu apertei-a com toda a força que pude.

— Sim. Eu, meu pai, meu avô. — ele encolheu os ombros e eu pude notar sua arrogância. — Os Prados, modéstia à parte, são os melhores neurologistas da cidade.

PERIGOSAS ACHERON

Mariana confirmou com a cabeça e eu não gostei nem um pouco daquilo.



Capítulo 09



Mariana

Observei que o Pedro ficou estranho depois que Ricardo apareceu. Ele logo foi fechar os pacotes com os homens e me deixou sozinha com o Ricardo.

— Você cada dia que passa está ainda mais linda — começou ele e eu sorri, sem graça.

— Obrigada!

— Aceitaria um jantar comigo hoje à noite?

— perguntou ele, tocando em meu braço.

— Infelizmente eu tenho que recusar esse seu pedido, quem sabe outro dia — falei tentando que ele aceitasse e não entrasse mais no assunto, ainda porque o Pedro estava vindo em nossa direção.

— Vou te cobrar, viu?! E ainda faço questão que esse jantar seja em minha casa, aí eu mesmo cozinho para você.

Tenho certeza que o Pedro ouviu, pois a cara de desagrado que seu rosto se deu, o entregou completamente.

— Então vai fechar o pacote? — questionou, se aproximando mais.

— Sim, para ficar perto dessa doutora gata a gente faz de tudo.

O vi engolir seco e ir andando na frente. Nem na minha cara ele estava olhando. Percebi que teria sérios problemas com ele. Bruno veio me ajudar, comecei a fazer agachamento com peso, mas logo

resolvi parar porque não estava me concentrando em mais nada que não fosse Pedro.

Quando eu ia conversar com ele, eis que aparece a Silvia. Ele sorriu para ela e a cumprimentou com um beijinho no rosto. Senti meu rosto esquentar completamente. Eu não queria passar mais raiva, então resolvi que era hora de eu ir embora. Quando estava passando pela roleta, Ricardo me pediu uma carona e eu não tive como negar. Peguei o olhar de Pedro em cima de mim, justo a hora que não é para ele me olhar ele me olha.

Assim que chegamos no carro, ele falou que não iria descer do carro enquanto eu não fosse, pelo menos, almoçar com ele e então eu topei. Passamos praticamente a tarde toda juntos. Ele tinha seus momentos de metido, mas no fundo ele era um cara divertido.

Uma semana depois...

Fazia uma semana que eu procurava o Pedro, ia na academia todo santo dia, mas nunca o

encontrava lá. Bruno falou que ele foi fazer uma viagem com Sílvia e não sabia que dia ele voltaria. Mais uma vez acordei disposta a procurá-lo.

Hoje meu plantão seria a noite. Troquei com uma amiga minha, para que ela pudesse participar do aniversário da filha dela. Então pulei da cama logo cedo, assim que desci as escadas, meu pai estava sentado tomando café, lendo um o jornal como toda manhã.

— Bom dia, pai, como o senhor está?

— Bom dia, filha, estou bem e você? Pelo visto está bem disposta.

— Estou sim, pai. Vou na academia, pois hoje vou dar plantão à noite, aí já viu... Vai ser muito corrido.

— Tudo bem.

Vi uma foto no jornal que chamou bastante minha atenção. Dava para ver Pedro e sua mão estava enlaçada na de alguém. Pedi para meu pai

deixar eu ver rapidinho, e ele me deu o jornal, meus olhos não acreditavam o que eu via ali. Era uma foto de Pedro com as mãos entrelaçadas com a da Sílvia, contendo a seguinte legenda, *"Parece que a Modelo Sílvia Amorim agarrou o gato mais cobiçado da cidade"*.

Eu não aguentei e tive que ler a matéria toda.

"Não é a primeira vez que vemos esse dois de mãos dadas. No desfile de moda de verão, ao qual Sílvia foi uma das modelos, eles foram à festa juntos, e pareciam bastantes felizes."

Encontramos o casal no parque com a filha dele (Lorena, a qual ele pediu para que não divulgarmos as fotos, para preservar a sua imagem) e eles pareciam ainda mais felizes, então pedimos que nos contassem o que estava rolando entre eles, e com poucas palavras ele disse que estão namorando, que estão tentando construir uma vida juntos, que tudo dê certo."

Será que vem casamento por aí? Esperamos que sim. Veja como eles formam um casal muito

bonito."

Quando terminei de ler, eu estava chocada. Como ele era capaz? Nem percebi que tinha rolado uma lágrima em meu rosto, até que meu pai que perguntou o porquê de eu estar chorando. Foi aí que percebi que tinha feito a burrada de me apaixonar, achando que ele seria completamente diferente de qualquer outro homem. Engano meu.

Falei para meu pai que um cisco tinha entrado no meu olho, que eu ia tentar tirar e depois iria para academia, ele concordou. Fui ao banheiro, parei na frente do espelho e fiquei me fitando. O que será que fiz para merecer isso? Primeiro ele me conquista e conta a vida dele para mim, e depois aparece namorando uma moça que ele diz ser como irmã para ele. Eu devo ter cara de idiota, só pode.

Minha vontade era de chorar, mas eu iria ser forte, por isso não desistiria de ir na academia. Lavei meu rosto e saí, me despedi de meu pai e fui de carro. Chegando lá estava tudo tranquilo, só tinha Bruno e mais duas mulheres treinando. Quando eu tinha acabado na esteira, ele surgiu todo

sorridente, carregando Lorena no colo.

Fiquei observando-o de longe. Ele tinha um cuidado com sua filha que me fazia admirá-lo. Como pai era nota mil, como homem, sua nota era zero.

Ele assim que me viu arregalou os olhos, mas logo os desviou de mim. Olhei para onde ele olhava e sua namorada estava vindo. Acho que ele não esperava me encontrar. Fui uma grande surpresa para ele.

Ela agarrou em seu pescoço e roubou um pequeno selinho dele, que me fez querer estar no lugar dela, mas ele tinha feito sua escolha. Ele se despediu dela e foi para sua sala, só então percebi que ela estava com roupa para treinar e assim que me viu, veio em minha direção.

— Olá, queridinha. Se veio aqui atrás do meu namorado, pode esquecer. Ele já tem dona e alguém que o ame muito.

— Olá, Sílvia. Pode deixar, não vim atrás do

PERIGOSAS ACHERON

seu namorado. Vim por mim mesma. Eu quero ficar bem com meu corpo — disse querendo sair dali e daquele papo desnecessário.

— Não entre em meu caminho que você pode se arrepender e a mesma coisa é aquela bastardinha da filha dele. Se crescer e der trabalho, ou eu a mando para avó materna ou um internato. Eu não posso fazer nada com meu namorado que a bastardinha já chora, não sei como ele aguenta. O bom de ele já ter uma filha é que ele não vai querer ter outros e então fico com meu corpo maravilhoso.

— Eu trabalho com crianças, elas são maravilhosas. Melhor presente de Deus. Deixa seu namorado ouvir o que você chamou a filha dele e você logo estará fora da vida dele. Um dia vai descobrir a namorada que tem — disse e aposto que eu estava vermelha de raiva. A Lorena era um anjinho, não merecia uma cobra que nem ela do lado. — Agora se me der licença, vou me retirar.

Nem quis mais acabar meus treinos. Apenas fui embora da academia. Iria para a casa da Luíza contar o que estava acontecendo. Assim que

cheguei à casa dele Luiza, estacionei o carro e descii, não impedindo que as lágrimas rolassem soltas. Sabia que na casa dela seríamos só nós duas.

Ela me viu e veio correndo na minha direção, me abraçando apertado. Ela era a irmã que eu não tive. Luiza me levou para dentro e sentamos no sofá.

— O que aconteceu para você chegar desse jeito em minha casa? — ela perguntou.

— Amiga, acho que me apaixonei.

— Isso é muito bom, amiga, não precisa chorar por isso — disse ela, mal sabendo o que estava acontecendo.

— Se não está entendendo, não sei no que eu errei. Simplesmente ele me evitou a semana passada inteira. Hoje fui ler o jornal e para minha surpresa ele estava na capa com a Sílvia, contando que agora ele namora ela. Eu fiquei chateada, mas mesmo assim fui à academia e ele estava lá.

Contei a Luiza tudo que aconteceu depois que os

encontrei na academia.

— Às vezes era para ser assim. Sei que você está apaixonada, mas tenta pensar mais em você. Você é linda, Mariana. Erga a cabeça. Já sei o melhor remédio para isso.

— Qual? — perguntei, sabendo que com toda certeza tratava-se de gordices.

— Chocolate com sorvete! Vamos ao mercado?

— Vamos. Só vou lavar o rosto.

Lavei meu rosto e fomos no mercado, enchemos o carrinho de coisas de comer. Nós duas com comida, parecíamos um dragão, principalmente Luiza. Quando estávamos passando no caixa, alguém me chamou.

Era o Ricardo.



Capítulo 10



Pedro

A decisão de começar a namorar a Silvia se mostrava a cada dia uma grande burrada feita por mim. Aquilo o que ela dizia ser amor, vinha se revelando uma obsessão, algo quase que doentio. Ela me queria para ela e não era saudável. Até mesmo da Lorena ela parecia sentir ciúmes e a pior parte era não conseguir tirar a Mariana da minha cabeça.

Todos os dias eu esperava ansioso pela sua chegada à minha academia. Escondido eu a

PERIGOSAS ACHERON

observava treinando e como ela era linda... eu estava apaixonado, isso era irrevogável, no entanto, eu não podia levar nossa relação adiante. Não com aquele Dr. Ricardo no caminho, marcando em cima como se quisesse esfregar na minha cara o quanto ele era melhor do que eu. Tudo bem que minha condição financeira era boa, o bar e a academia me rendiam uma grana razoável. O bastante para levar a Mariana à restaurantes caros e dar a ela presentes valiosos, mas o meu problema com ela em nada tinha a ver com dinheiro. O meu passado, isso sim, dinheiro nenhum podia apagar.

Fazia três dias que a doutora ladra de corações não aparecia para treinar e como os dentinhos da minha filha estavam começando a nascer, dei um jeito de unir o útil ao agradável e marquei uma consulta para o dia seguinte.

Por qual razão eu queria encontrá-la?

Eu também não sei, só que a saudade daqueles olhos verdes e do sorriso calmo que só ela tinha estava me matando, e mesmo sabendo que ela nunca mais seria minha, acabei como sempre,

agindo sem muito pensar.

A Silvia tinha um desfile fora da cidade e para minha sorte, passaria o fim de semana inteiro trabalhando. Como se me aprontasse para um encontro, vesti minhas melhores roupas, usei o meu perfume preferido e vesti a Lorena como uma boneca.

Estava nervoso, já havia bebido ao menos meio litro de água enquanto esperava para ser atendido e, quando o nome da minha filha foi anunciado, parecia que eu tinha participado de uma partida de futebol e jogado todos os noventa minutos. Meu coração batia com força e minhas mãos suavam.

— Bom dia, Pedro. — Mariana cumprimentou-me sem me olhar. — Oi, Lorena. Como está a bebê mais linda do mundo? — ela esticou os braços na direção da pequenina e ela, sem reservas e diferente de como agia com Silvia, saltou para o colo da Mariana, rindo como se estivesse feliz em revê-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Os dentinhos dela... acho que estão nascendo... — comecei a falar, já me sentindo um idiota.

— Ela tem apresentado febre? — a pediatra indagou-me, seca.

— Baixa — respondi depois de um pigarro. — Mas eu já aprendi, e o banho tem resolvido, só que ela está manhosa, anda chorando por tudo.

Ela finalmente me encarou, a mágoa estampada em seus olhos acabou comigo, e naquele momento eu tive vontade de abraçá-la. Sem me responder, ela colocou a Lorena sobre o leito e começou a despi-la. Sem desviar a minha atenção, acompanhava atento, tudo o que ela examinava, e quando ela se atentou ao bracinho da minha filha, senti meu coração parar.

— O que foi? — Aproximei-me das duas. — Por que está fazendo essa cara?

Ela franziu a testa.

PERIGOSAS ACHERON

— A Lorena caiu?

Balancei a cabeça negando.

— Não que eu saiba, mas qual a razão da sua pergunta? — fiquei angustiado.

— Está vendo essas marcas arroxeadas aqui? — ela apontou para os ombros da Lorena. — Sabe como isso aconteceu?

Eu não sabia, e naquele momento acreditei novamente que era um péssimo pai.

— Vou perguntar para a senhora que olha a minha filha se ela caiu, ou se sabe como essas marcas aconteceram. — passei as mãos pelo meu rosto, em desespero.

— Aproveite e pergunte para a sua namorada. Talvez ela saiba o que machucou a sua filha... — Mariana falava como se soubesse mais do que eu.

— Está querendo insinuar alguma coisa, ou sabe de algo que não sei?

Ela estreitou os olhos e seu rosto avermelhou-se.

— Vou receitar um remédio que vai aliviar o incômodo dos dentinhos nascendo. — ela começou a vestir a Lorena, e desconversou, fugindo da minha pergunta. — Compre para ela mordedores de borracha, isso também ajuda.

— Ouviu o que perguntei? — dei um passo a frente, encurtando a nossa distância.

Mariana engoliu seco.

— Você é quem deve saber, Pedro. A sua vida particular só diz respeito a você.

— Como quiser, doutora. — fiz questão de provocá-la.

— Eu te entendo, Pedro. — ela largou a caneta sobre a mesa com certa estupidez, depois cruzou os braços e me encarou com firmeza. — Me fez de idiota e agora está aqui, agindo como se quisesse

me irritar.

— Na verdade foi você quem deu a entender que a Sílvia...

— Claro! — ela elevou o tom de voz, me interrompendo. — Sua namorada é uma santa. Só digo uma coisa pra você, senhor esperto: Abra o olho!

— Está com ciúmes — acusei, desejando que ela confirmasse.

— Não seja convencido. Eu também já estou namorando.

— Claro... E já imagino quem seja. — senti o sangue fervendo em minhas veias, estava com muita raiva.

— Se pensou no Ricardo, acertou. — Ela carimbou a receita com ira.

— Vejo que fiz bem em ter me afastado. No fim, se precisasse escolher entre ele e eu, o dono de

um bar, não seria páreo para um dos melhores neurocirurgiões da região.

— Idiota! — Ela balançou o papel em minha direção, e na hora em que fui pegá-lo, nossos dedos se tocaram.

Como se tivesse sido atingido por um raio, uma corrente elétrica percorreu o meu corpo impedindo-me de raciocinar. Tudo o que enxerguei naquele momento foram os lábios da Mariana e atendendo aos meus instintos, a puxei para mim e a beijei. Nem bem consegui matar a saudade e senti o meu rosto queimar. Ela me empurrou e com muita força deu-me um tapa no rosto.

— Nunca mais faça isso! — rosnou entre os dentes. De seus olhos brotavam lágrimas. — Você fez sua escolha.

Olhei para o leito e a Lorena brincava com o próprio pé, alheia a tudo o que acabava de acontecer ali. Sentindo meu rosto queimar, peguei minha filha no colo e saí daquele consultório sentindo-me muito mal.

— É, Pedro... você nunca vai aprender —
insultei a mim mesmo.



Capítulo 11



Mariana

Fazia exatamente um mês que eu não o via. Na academia ele não aparecia, falei para Luiza perguntar sobre ele e o assistente disse que ele pediu férias, pois queria curtir a Lorena. Ela era outra que eu sentia muita saudade, mas meu coração tinha que aguentar. Agora sou uma mulher comprometida, tenho que ver se tiro-o do meu coração.

Hoje iríamos ao bar dele. Eu estava pronta quando meu lindo namorado chegou, ele me deu

um selinho e entrelaçou nossas mãos, assim seguimos até seu carro onde ele abriu a porta para mim, fechou assim que entrei e logo que ele entrou no carro percebi que ele queria me falar alguma coisa, então simplesmente falei:

— O que você tem para me dizer, que está te deixando aflito?

— Nossa, sou tão transparente assim? — perguntou Ricardo, passando a mão no cabelo.

— Como água. Agora me conta o que te aflige.

— Recebi uma proposta irrecusável. Eles querem que eu vá para Paris trabalhar em um hospital como diretor chefe. Eu queria saber se você aceitaria ir comigo. Seria uma das melhores pediatras, sem dúvida alguma, daquele hospital.

— Ricardo, eu sei que estamos namorando já faz um mês, mas infelizmente não posso aceitar. Meu coração está aqui com minha família e meus amigos, até mesmo o trabalho. Amo trabalhar

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele hospital, mas eu quero que você seja muito feliz neste seu trabalho. Sei que você é capaz de muitas coisas e vai fazer sucesso, pois é o que merece. Pena que eu não te ame ao ponto de ir com você. Como eu disse no começo do nosso relacionamento, meu coração está com outra pessoa, desculpa — disse, acariciando seu rosto.

— Tudo bem, linda, obrigado. Amigos?

— Com toda certeza. Vamos comemorar sua promoção.

Assim fomos os dois, sorrindo para o bar, onde assim que chegamos vi Luíza atracada com um médico. Essa não perdia tempo. Cumprimentamos todos que estavam na mesa e após eu me sentar, vi Pedro vir na nossa direção trazendo bebidas. Sua barba estava grande e seus cabelos nem se fale. Ele tinha enormes olheiras, nunca tinha visto ele daquele jeito. Ele colocou bebida na mesa e percebi que nem percebeu que era eu. Antes que ele saísse, toquei em seu braço e ele me olhou.

PERIGOSAS ACHERON

— O que aconteceu com você? — perguntei.

— Nada. Agora, se me der licença, preciso trabalhar.

Ele estava abatido demais para não ter acontecido nada. Pedi licença ao pessoal e fui atrás dele.

— Me conte, por favor, o que aconteceu — implorei.

— Por que se preocupa comigo sendo que fui mega errado com você? Fugi do que eu sentia.

— Porque quando gostamos de alguém, queremos ver a pessoa feliz.

— Eles tiraram ela de mim — disse ele, triste.
— A pegaram hoje.

— Quem?

— A Lorena. Minha ex-sogra disse para o juiz que eu agredia minha filha. Amo aquela menina

PERIGOSAS NACIONAIS

mais que minha vida, foi a única coisa que sobrou da Flávia, mas ela tinha um hematoma que eu não tinha visto. Ela mal saiu dos meus braços e eu já sinto falta. Minha ex-sogra tem a guarda provisória e agora tenho que aguardar a audiência — ele contou, chorando. O abracei e foi completamente espontâneo. Nem pensei, só fiz, pois sabia que ele precisava desse abraço.

— Vamos recuperar sua menina, não se preocupe. Vai dar tudo certo, eu estou aqui por você — o tranquilizei e ele deu um beijo em minha testa.

— Obrigada, Mariana, não sei o que seria minha vida sem você. Como você está?

— Está tudo bem. E o seu relacionamento?

— Terminei com ela ao pegá-la gritando com minha filha e a beliscando. Eu nunca me odiei tanto quanto quando presenciei essa cena. Me senti o pior pai de todos, ao deixar uma bruxa estar perto da minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

— Até que enfim percebeu a cobra que estava do seu lado. Ela me disse umas coisas horríveis, mas você estava tão preocupado em me deixar longe que não iria me ouvir.

— Desculpa! Eu sou idiota e acabei te perdendo por burrice.

— Não vamos pensar em nós agora, vamos pensar em uma forma de ter Lorena perto de nós dois novamente — falei e pareceu que era isso que ele precisava, pois me puxou para perto dele. Achava que ele iria me beijar, mas só deu um beijo em minha testa e ficou cheirando meu cabelo, enquanto me abraçava.

Percebi que ele estava meio fraco, mas eu não entendia.

— Está tudo bem?

— Estou bem, por quê? — ele questionou, com o rosto todo branco.

Eu sabia que ele não estava bem. Como

PERIGOSAS ACHERON

médica, mesmo sendo pediatra, sabia que ele não estava nada bem. Quando iria responder, ele apagou, caindo no chão no meio do bar. Desmaio, simplesmente, mas ele não acordava de maneira nenhuma.

Todos os meus amigos do Hospital que lá estavam vieram vê-lo, sem falar no aglomerado de pessoas que juntou a nossa volta. Eu estava muito preocupada. Fernando, o clínico geral do hospital, disse que iria pegar sua pasta para examiná-lo, pediu para chamarem uma ambulância, talvez fosse necessário.

Ele examinou e Pedro acordou, mas a cara dele estava péssima. Fernando disse que ele estava desidratado, perguntou quantos dias ele não comia e ele respondeu que faz exatamente uma semana. Avisei que iria com ele, então fui e ele foi com os olhos fechados.

Quando chegamos lá, eles colocaram soro no membro superior esquerdo com dipirona, por conta da febre que constaram e pela dor no corpo. Ele dormia, peguei em seu celular, não tinha senha,

liguei para a sogra dele, avisei que ele estava no hospital e ela falou que viria e traria a Lorena. Fiz isso por ele. Estava dormindo na cadeira do lado, quando uma pessoa entrou no quarto com a lorena. Assim que ela me viu, esticou o braço em minha direção.

Me aproximei com os olhos atentos da senhora em mim, pedi com os olhos para pega-la e ela deixou.

— Olá, princesinha. Seu pai está morrendo de saudade de você.

Dei um beijo em sua testa e ela sorriu para mim.

— Quem é você?

— Sou pediatra da Lorena e amiga de Pedro.

— O que ele tem?

— Ele não come faz uma semana, não está se cuidado. Ele me contou que perdeu a guarda para

você.

— Sim, ele agredia minha neta — disse ela com raiva.

— Eu conheço Pedro e sei que ele nunca seria capaz disso. Ele ama a filha como se fosse a vida dele. Acha que ele amava sua filha? — perguntei, querendo chegar num ponto para ver se ela entenderia que jamais ele seria capaz de tal ato.

— Eu tenho certeza que ele amava minha filha e que fazia tudo por ela.

— Se você tivesse a certeza saberia que ele jamais faria isso. Lorena é a única parte que sobrou do amor lindo que eles viveram.

— Você está certa, vou conversar com ele depois.

— Obrigada.

— Você sabe que ela ama essa menina, ele está assim, por causa de todos os acontecimentos. É

emocional.

— Eu sei...

Ela se aproximou com a Lorena, que colocou as duas mãozinhas no rosto do pai, e como se ele percebesse que fosse ela, acordou. Vi as lágrimas sair de seus olhos, era uma emoção sem igual.

— Filha, que saudade estou de você. — ele pediu com o olhar para pegar, assim que fez ele encheu o rostinho dela de beijos, e ela sorriu. — O papai te ama muito.

— Podemos conversar? — perguntou.

— Claro... — respondeu ele.

— Vou ficar ali fora com Lorena para dar mais privacidade para vocês, pode ser? — perguntei com medo de que a sua ex-sogra negasse.

— Tudo bem.

Peguei Lorena do colo dele, levei para a

PERIGOSAS ACHERON

recepção e assim que sentei, coloquei ela em minhas pernas e comecei a brincar, ela sorria.

Passou uma mulher e sentou do meu lado.

— Sua filha é muito bonita. Posso carregá-la?
— perguntou.

— Ela não é minha filha, mas pode sim.

— Ela é linda. Queria poder estar com minha filha assim, hoje faz 6 meses que ela se foi.

— Meus pêsames.

— Não fique triste por mim, eu acostumei que Deus tinha planos maiores para meu anjinho, quando é pra ser acontece e quando não é para ser também, eu sei que eu ia amar a minha filha mais que tudo, mas nem sempre tudo é como desejamos, né? — disse ela e uma lágrima solitária escapou de seus olhos. Minha única reação foi abraçá-la, eu não sabia o que era perder uma filha, mas meus pacientes são tudo para mim. — Obrigada por esse abraço, estava precisando. Tem vezes na vida que

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus coloca anjos. Agora preciso ir, sei que essa menina tem grande significado na sua vida, então sim, você é mãe dela, cuide bem dela — disse ela me entregando a bebê.

Voltei minha atenção para Lorena, nem vi quando a mulher simplesmente sumiu. Logo a ex-sogra dele saiu sorrindo e pegou Lorena, me agradeceu, pediu que qualquer coisa que Pedro precisasse ela estaria a disposição para trazer, agradei e entrei no quarto.

Só que agora tinha um médico examinando, me aproximei.

— Ele está bem, doutor?

— Está sim. Não se preocupe querida, logo ele terá alta.

Assim ele saiu do quarto me deixando sozinha com ele.

— Você quase me matou de susto, viu...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu estou bem — disse ele pegando em minha mão, eu senti um arrepio passar por todo meu corpo. — Mas estaria melhor com um beijo seu.

Fiquei surpresa com essa revelação, mas minha cabeça falava para não beijar, mas meu coração queria, estava na dúvida se realmente faria isso. Eu estava com pena do Pedro, isso era inegável. No entanto, eu não podia simplesmente me render aos seus encantos. Ele havia me magoado muito e por mais que eu gostasse dele, gostava mais ainda de mim.

— Isso não vai acontecer. — afastei-me porque sabia que do contrário, eu não resistiria.

— Mariana, eu sei que fui um idiota, isso eu não preciso que ninguém me fale, mas eu senti medo de você.

Balancei a cabeça em negação.

— Medo de mim? — joguei minha cabeça para trás, rindo com sarcasmo do que acabava de

ouvir.

Pedro voltou a se aproximar e cada vez que eu sentia o calor do seu corpo atingindo o meu, ficava difícil não lembrar-me do sabor dos seus beijos.

— Como acha que eu me sinto diante de uma mulher tão interessante, bonita e inteligente como você? — ele segurou o meu braço com delicadeza. — Você me assusta... Depois que nos conhecemos, a impressão que eu tenho é que nada basta. Você me causa uma insatisfação comigo mesmo, como se eu precisasse ser melhor.

Olhei para ele. Pedro era um homem lindo, um pai maravilhoso, dono de duas empresas bem sucedidas e ainda achava que precisava melhorar?

— Vamos dividir um táxi? — desconversei.



Capítulo 12



Pedro

Ela cruzou os braços e fechou o rosto em uma expressão irritada. Morávamos em bairros totalmente opostos, mesmo assim, a vontade de estar mais um pouco na companhia da Mariana falou mais alto. Juntos no banco de trás de um táxi, eu não conseguia parar de olhar para ela.

Que mulher eu tinha deixado escapar...

Se não tivesse trocado os pés pelas mãos, àquela altura certamente eu estaria com a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

filha em meus braços e ainda não precisaria ficar tentando pensar em uma maneira de fazer a pediatra mais linda do mundo me perdoar.

— Está se sentindo bem? — ela perguntou depois que eu soltei um suspiro de dor.

— Mais ou menos... — fui sincero. — Só estou com a cabeça um pouco atordoada e o coração doendo demais.

Ela estreitou os olhos em reprovação.

— Na sua casa tem comida? Quero dizer, comida de verdade. Legumes, verduras e...

— Claro que tem. — Tive que interrompê-la. — Esqueceu que sou dono de uma academia? Eu sou adepto a alimentação saudável.

— Então, quando chegar, faça uma sopa e tome, do contrário, amanhã não vai conseguir ficar em pé.

PERIGOSAS ACHERON

Respirei fundo, de repente a tristeza pela falta da Lorena se fez maior. Era assim todas as vezes em que eu colocava os meus pés dentro de casa. Um buraco tomava conta do meu peito, uma angústia crescente fazia com que eu não tivesse ânimo nem mesmo de cozinhar, e eu só estava indo para o trabalho porque tinha contas para pagar.

— Não imagina como vem sendo difícil para mim. Esse afastamento da minha pequena, é como se tivessem arrancado a minha alma. — encolhi os ombros.

Os olhos da Mariana ficaram marejados e ela segurou a minha mão.

— Moço? — ela se inclinou para frente e pôs-se a falar com o motorista — Mudança de planos. Vamos direto para a casa do bonitão aqui. — deu três tapinhas no meu ombro.

Assim que chegamos à minha casa, apresentei cada cômodo para a Mariana. Por sorte, tudo estava bem organizado.

— Esse aqui é o quartinho da Lorena. —

empurrei a porta e me ative ao enfeite da porta, decoradas com ursinhos, cada letra do nome dela avisava que seu cantinho era ali.

— Não fica assim... — Mariana parou em minha frente. Ver o bercinho dela, vazio, me machucava por dentro. — Pedro, ela vai voltar em breve. Eu prometo que vou ajudá-lo no que puder. Respirei fundo outra vez, querendo impedir minhas lágrimas de caírem. Estiquei os meus braços e segurei as mãos dela dentro das minhas.

— Será que algum dia vou conseguir que me perdoe? — indaguei com pesar.

Ela abriu e fechou a boca por diversas vezes, parecia querer dizer algo para mim, no entanto, outra vez mostrou-se magoada, abaixou a cabeça e desviou os seus olhos dos meus.

— Eu... Posso ir até a cozinha preparar a sopa? — mudou de assunto.

— Claro! — soltei sua mão. — Não é muito grande, portanto, vai ser fácil encontrar tudo por lá.

Vou aproveitar para tomar um banho.

—Tudo bem! Eu me viro. — ela encolheu os ombros de um jeito gracioso e virou-se seguindo pelo corredor.

Levei cerca de meia hora até tomar um banho decente e me barbear. No espelho notei que estava horrível, e senti-me envergonhado por a Mariana ter me visto daquela forma. Já com roupas limpas, saí do meu quarto e o cheiro de tempero fez o meu estômago roncar. Estava faminto e nervoso na mesma proporção. Aquela pediatra tinha o dom de me desconcertar, de mexer com o meus instintos mais íntimos.

Da porta dava para vê-la, usando meu avental e com os cabelos presos no alto da cabeça, ela mexia nas panelas como se soubesse mesmo o que estava fazendo. Lembrei-me da Flávia, ela adorava fazer pratos gostosos para mim e todo dia era algo diferente.

A Marina tinha muito da minha mulher, a jeito doce, o sorriso gentil ,e eu me odiava por ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

demorado tanto para me dar conta de todas as besteiras que eu vinha fazendo.

— Então a doutora sabe mesmo pilotar um fogão? — Aproximei-me enquanto ela arrumava os pratos.

— Não me subestime, Pedro. Tenho muitas outras qualidades, algumas que você nem imagina... — ela falou e no mesmo instante pareceu se arrepender. — Sua geladeira realmente é bem abastecida, devo admitir, mas a essa hora, eu não pude gastar muito tempo fazendo um prato mais sofisticado.

Encostei-me na pia e cruzei os meus braços, do contrário, eu a puxaria para mim.

— Então... Acho que vai ter que voltar, agora fiquei curioso e com vontade de provar esse tal prato sofisticado.

Sem me dar chance de ser mais incisivo na minha investida, ela apenas balançou a cabeça e com os pratos nas mãos, seguiu para a mesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Está uma delícia! — elogiei já na primeira colherada. A sopa preparada por ela estava mesmo muito gostosa.

Com um sorriso nos lábios, ela encolheu os ombros como uma menininha. Era nesses momentos, quando Mariana se desarmava, que eu a desejava mais e mais.

— Infelizmente não temos sobremesa — reclamou depois que terminamos.

— Quem disse? — levantei-me da minha cadeira e abaixei-me em sua frente.

— Eu sei — murmurou sem desgrudar os seus olhos dos meus. — Esqueceu que eu revirei toda a sua cozinha?

Tudo bem que ela havia me cortado por toda a noite, mas eu não seria o Pedro Motta Assunção, se desistisse tão fácil. Estiquei o meu braço e toquei o seu rosto. Mariana ruborizou de imediato. Eu sorri.

— Quantos anos você tem? — perguntei com

PERIGOSAS ACHERON

a voz baixa.

— Que pergunta é essa? — Ela franziu a testa.

— Não, é que... a última vez em que vi uma garota ruborizar, foi no ensino médio. — quis provocá-la.

— Idiota! — ela resmungou sem raiva.

Não retruquei, apenas segurei-a pelos ombros e a puxei para mim. Nossos rostos estavam tão próximos que dividimos o mesmo ar.

— Vamos acabar logo com isso — avisei, antes de beijá-la.

Eu já estava preparado para um outro tapa na cara, ou algo pior, mas diferente do que eu imaginava, a Mariana não me repeliu, ao contrário, como se desejasse aquilo tanto quanto eu, ele sugou minha boca e com empolgação me puxou para mais perto.

— Pedro... — ela murmurava em meio a

gemidos, enquanto eu mordiscava o seu pescoço.

— Ah, Doutora Mariana... dessa vez, eu não te deixo escapar — avisei, tomando-a em meus braços.

Eu sabia o que queria, e estava certo de que ela também.



Capítulo 13



Mariana

Naquele momento eu não queria mais nada do que ficar em seus braços. Por mais que eu tivesse que ser durona, não conseguia, eu já estava completamente rendida por ele. Naquela noite, ele me carregou para seu quarto, venerou todo meu corpo e fizemos amor a noite toda.

Agora eu estava aqui em sua cama, velando seu sono. Ele é lindo demais. Resolvi levantar. Como estava nua, peguei sua camiseta que estava em cima da mesinha de cabeceira e vesti, indo

preparar nosso café da manhã.

Estava fazendo ovos mexidos com bacon, enquanto dançava ouvindo uma música que coloquei no meu celular e quando menos esperava, senti mãos grandes em minha cintura e logo sua voz rouca.

— Senti sua falta em minha cama. Agora que já te tive você lá, eu tenho certeza que eu não quero deixá-la ir embora. Bom dia, Doutora teimosa! — ele deu um beijo no topo da minha cabeça, virei meu corpo para ele e enlacei seu pescoço. Ele veio em direção a minha boca e me beijou de forma lenta e suave, fazendo que eu suspirasse. Assim que paramos porque ar era necessário, ele sorriu para mim. — Você fica linda usando apenas minha camiseta.

Eu me sentia uma adolescente perto dele. Meu rosto todo esquentou e ele riu dessa minha atitude. Tenho certeza que eu estava parecendo um pimentão.

— Por favor, pare de falar essas coisas. Me

deixa com vergonha — pedi.

— Vai se acostumando, porque à partir de hoje você é minha Doutora teimosa. Eu e Lorena precisamos de você — disse ele com tanta convicção e percebi que olhou para trás de mim. — Acho que você esqueceu o que estava preparando e nosso café da manhã queimou, mas pode deixar que eu mesmo limpo essa bagunça e preparo outro, visto que eu te distrai. Sente essa bunda ali naquela cadeira e espere.

Fiquei observando-o fazer tudo com agilidade e perfeição. Ele fez tudo em perfeita ordem, o que me assustava.

Quando iríamos sentar na mesa para tomar o café da manhã preparado por ele, ele me puxou para seu colo e quando pensei em abrir minha boca para reclamar, ele levou um morango em minha boca, então me dei por vencida. Nada que eu falasse o faria mudar de ideia.

— Só aproveita e não reclama. Gosto de ter você no meu colo — disse ele acariciando minha

coxa, me fazendo perder completamente a noção do que iria falar. Então só assenti com a cabeça.

Assim que terminamos de comer, ele disse que iria para seu quarto se trocar, pois precisava ir para a academia. Concordei e fui me arrumar também, pois à tarde teria plantão.

Pedimos um táxi que iríamos dividir novamente e primeiro o deixaria na academia e depois seguiria para minha casa, onde eu teria que dar explicações onde eu dormi. Assim que chegamos na academia, pensei que ele iria descer direto, pois estava atrasado, mas ele simplesmente pegou meu rosto, fazendo com que eu olhasse para os seus olhos. Eles eram lindos demais, mas escutei quando começou a falar:

— Nós precisamos conversar sobre o que aconteceu ontem à noite. Não foi apenas uma noite qualquer. Fizemos amor da forma mais pura que existe. Você é linda! Te vejo hoje à noite. Bom trabalho! — disse ele descendo do táxi.

Eu iria esperar ansiosamente por aquela noite. Ele é mais que especial para mim e está fazendo

aparecer uma Mariana que há tempos tinha sumido. Assim que cheguei à minha casa, minha mãe veio desesperada na minha direção.

— Onde você estava, mocinha? — perguntou ela me abraçando como se eu tivesse sumida há dias.

— Eu estava na casa da Luíza. Desculpa não avisar antes — disse tentando me livrar de interrogatório.

— Pare de mentir para sua mãe, Mariana. Nós sabemos que não passou a noite com a Luíza. Claro que iríamos ligar para lá. Estávamos preocupados — falou meu pai, se metendo no assunto. Droga! Esqueci que minha mãe tinha o contato dela.

— Um amigo meu passou mal e eu fui com ele para o hospital. Ele logo foi liberado, mas eu não quis deixá-lo sozinho. Fui para a casa dele e dormi lá.

— Conhecemos esse seu amigo? — perguntou

minha mãe.

— Não conhece. Ele é pai de uma paciente minha e também dono da academia que frequento. Agora, por favor, vamos acabar com esse interrogatório.

Entramos e fui diretamente para meu quarto. Tinha pouco tempo para descansar até o horário de ir trabalhar, embora só fosse atender os pacientes com horário marcado. Acabei apagando e quando menos percebi estava a ponto de me atrasar. Tomei um banho correndo e me arrumei. Faltavam vinte minutos para eu chegar no hospital.

Quando cheguei, fui ver a lista dos nomes com os pacientes que estavam marcados: Jorge Mendes, Juliana costa, Karina Souza e Lorena Motta Assunção. O nome de Lorena me fez ficar em alerta completamente. Será que tinha acontecido alguma coisa com ela? Porque pelo que me lembro, ela não tinha consulta de rotina marcada. Aposto que foi marcado de última hora.

Pedi para minha secretária chamar meu

PERIGOSAS ACHERON

primeiro paciente, que era o Jorge Mendes.

— Boa tarde, Sou a Doutora Mariana — disse esticando a mão para uma mãe que parecia preocupada.

— Boa tarde, Dra. Eu sou Larissa, mãe de Jorge. Marquei esta consulta ontem porque ele não parece bem. Está vomitando tudo que está comendo, tendo febre...

— Pode deitar ele ali na minha maca, por favor e tire toda sua roupinha.

Assim ela fez e comecei a perceber que a sua boca estava seca e ele estava bastante desidratado. Infelizmente eu teria que interná-lo. Apesar de ser só uma virose, ele estava muito desidratado.

— Mãezinha, seu filho está desidratado. Ele vai ter que tomar soro na veia para hidratar, e se depois do soro ele ainda vomitar, infelizmente ele vai ter que ficar internado, mas fique tranquila que tudo vai dar certo. Ele vai ficar melhor e para combater a febre vamos dar paracetamol em gotas. Por favor, vá por essa porta e entregue esse papel

para as enfermeiras. Estimo melhoras para ele. Passo mais tarde para vê-lo, fique tranquila.

— Muito obrigada, Doutora — disse ela assim que saiu.

Ajeitei minha roupa e fui chamar meu próximo paciente.

— Juliana Costa — chamei e vi que ninguém se pronunciou, então fui até a secretária saber se a criança estava presente.

— Sua paciente está na emergência. Teve uma convulsão, mas Dr. Fabiano pegou o caso. Pediu que você fique e atenda seus próximos pacientes.

— Tudo bem. Depois dou uma passada para ver como ela está. Resolvi chamar a próxima paciente, Karina Souza. Quando estávamos lá dentro fechei a porta e estendi minha mão na direção de um homem.

— Prazer, doutora Mariana. Sou pai dessa menina, me chamo Junior Ferreira. Minha filha

anda estranha e eu gostaria de um atestado para poder ficar com ela em casa.

— Vou examiná-la. Tire a roupinha dela e deite-a na maca.

Assim ele fez. Me aproximei e Karina sorria para mim. Ela era muito linda. Comecei a examiná-la e vi que, aparentemente, não havia nada de errado.

— Pai, pode ser que tenha sido só uma cólica, que não está mais presente nesse momento, mas se caso tiver novamente, siga essa receita. Receitei Luftal para analisarmos se realmente é cólica. Aperte a barriguinha e se ela estiver muito dura, é. Se caso não passar, volte ao hospital.

Ele vestiu a roupinha e saiu furioso do meu consultório. Eu sabia que ele queria atestado à toa para ficar em casa. Pedi para ele chamar a minha última paciente.

Lorena Motta Assunção entrou sendo trazida por uma mocinha que nunca tinha visto.

— Prazer, sou Doutora Mariana — disse me apresentando para ela.

— Prazer, sou Sabrina, prima de segundo grau dessa pequena aqui. Minha tia pediu para trazê-la, pois estava muito ocupada. Lorena está com uma febre que não quer ceder de jeito nenhum.

— Pode tirar a roupa que vou examinar, para ver se acho o que possa ser o causador dessa febre. Olhei seu ouvido, garganta, barriga, as pupilas, e estava tudo bem. Imaginei que pudesse ser febre emocional.

— Visto que sei que ela está sendo afastada do pai, essa febre deve ser completamente emocional.

Ela sente a falta dele. Vamos deixá-la em observação para ver se essa febre passa. Entregue essa receita no posto de medicação que eles vão medicar a Lorena. Vi que a moça ficou olhando para mim, intrigada.

Pensei em avisar o Pedro, no entanto,
PERIGOSAS ACHERON

desesperado como era, certamente colocaria aquele hospital abaixo. A Lorena não estava doente, isso era um fato, mesmo assim me preocupava muito o fato de ela estar sentindo tanto a falta do pai e aquilo era completamente compreensível, afinal, desde o seu nascimento, Pedro era quem estava lá, por ela.

— Sabrina... Posso falar com você, um minutinho só? — chamei-a vendo que se preparava para partir.

Com a Lorena adormecida em seus braços, Sabrina caminhou até mim. Convidei-a a entrar novamente em minha sala e ela se sentou de imediato.

— Algum problema? — Seu rosto estava preocupado.

— Não... Ou melhor, você deve estar se perguntando, como eu sei sobre essa coisa toda da separação da Lorena e do pai dela.

Sabrina encolheu os ombros.

— É. Achei estranho, mas você é a pediatra dela, então...

— Na verdade eu sou mais do que isso. — inclinei-me na mesa. — Pedro é um amigo e eu venho acompanhando esse caso de perto. Todos sabem que ele seria incapaz de fazer qualquer mal à filha.

— Na verdade eu não quero opinar, só faço o que me pedem e a essa hora eu tinha que estar estudando para o meu vestibular. A vinda da Lorena para a nossa família acabou bagunçando toda a nossa vida. Nós a amamos, só que falta tempo pra cuidar dela.

Eu sabia que arrancaria umas verdades daquela menina, ela era nova, portanto, fácil de ser manipulada, sem contar que o fato de ser ela levando a pequena Lorena à consulta, mostrava mesmo que aquela família devia estar uma bagunça.

— Iria comigo até um lugar? — sussurrei a

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta para ela.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14



Pedro

— Como conseguiu?

— Você tem uma hora para curtir a sua filha
— Mariana avisou depois de olhar para o relógio em seu pulso. — Eu deixei a Sabrina na biblioteca municipal. Ela precisava fazer umas pesquisas com os amigos. Daqui a pouco preciso levá-la de volta.

Eu a amava, vendo tudo o que ela vinha fazendo por mim, e notando a maneira com que meu corpo reagia quando estávamos juntos, era

PERIGOSAS NACIONAIS

justo afirmar que eu a amava, só que eu tinha medo de assustá-la e como já tinha feito besteira antes, daquela vez eu não podia errar, precisava fazer tudo certo.

— Vem, vamos para o meu escritório — segurei Mariana pelas mãos, quando eu vi a Mariana entrando na academia com a Lorena nos braços, fui tomado por uma emoção tão grande, que larguei tudo o que estava fazendo e corri até elas. Se precisasse definir felicidade, aquela cena seria perfeita para tal.

Com todos os acontecimentos da noite passada vivos em meus pensamentos, ver aquela mulher que parecia me dominar por inteiro, segurando a pessoinha mais importante da minha vida, era emoção demais para um só dia.

— Que surpresa maravilhosa é essa? — indaguei com a voz embargada.

— Uma surpresa... — ela entregou-me a Lorena e sorriu para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apertei minha filha contra o meu peito e ela soltou um riso feliz.

Aquela uma hora voou, mesmo assim, deu para matar a saudade da minha pequena.

— É difícil, não é? — Mariana tocou o meu rosto, notando a minha relutância em despedir-me da minha filha.

— Acho que isso é uma das coisas mais terríveis as quais venho passando nos últimos tempos. Quando chego à minha casa, aquele quarto vazio parte o meu coração. — Tentei segurar as minhas lágrimas... Em vão.

— Pedro... Eu sei que já disse antes, mas eu juro que vou te ajudar. Você vai ter a Lorena de volta — Mariana disse antes de sair.

— Ei! — a chamei de volta. — Aquela conversa... ainda está de pé, certo?

Ela sorriu, assentindo com a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

— Não consigo mais fugir de você. — ela piscou para mim.

Eu tinha uma reunião marcada com meu advogado, e por pouco não me atrasei. Não preciso dizer que senti vontade de esganar a mim mesmo, quando ele afirmou-me que os laudos confirmaram que a Lorena fora agredida, e que aquelas marcas em seu corpinho não foram causadas por uma queda.

Sentia-me um idiota por ter caído na lábia da Silvia, mais idiota ainda, por ter confiado nela. O problema era que a imagem da menina indefesa da época do orfanato, não se desprendia da minha memória, era muito difícil pensar que ela se tornar uma pessoa tão má, capaz até de cometer uma atrocidade daquelas com um bebê.

— Existe alguma maneira de desfazer essa má impressão causada aos juízes?

Meu advogado começou a bater com os dedos sobre a mesa, depois estreitou os olhos.

— Pedro, você é viúvo, à noite trabalha em

PERIGOSAS ACHERON

um bar... pode parecer besteira, mas tudo isso pesa na hora da decisão dos juízes.

— Certo, o fato de eu ser viúvo não é culpa minha, e o bar, é dele que eu tiro a minha maior renda, aquilo é o que me dá um lucro danado e se faço dupla jornada, é justamente pensando no futuro da minha filha.

— Eu sei, mas a falta de pessoas do sexo feminino acaba pesando Pedro. Você não tem, mãe, nem irmãs... não tem parentes.

Respirei fundo, ele acabava de mexer na minha ferida. O que eu podia fazer se a minha história familiar tinha sido uma droga?

— Então é isso? O fato de eu não ter vindo de uma família tradicional e perfeita, implica no fato de eu ter a guarda da minha filha? — perguntei irritado.

— Não só por isso, mas por todos os demais fatos citados antes por mim.

Saí daquele escritório mais perturbado do que

quando entrei, por sorte eu tinha o encontro marcado com a Mariana e ela era a única pessoa que conseguia me trazer paz e equilíbrio.

Eu queria levá-la para jantar, talvez um bom restaurante, mas a pediatra teimosa insistiu em preparar o jantar.

— Ontem... aquela sopa não fez jus aos meus dotes culinários. Hoje, Pedro, vou mostrar como sou boa na cozinha. — Ela colocou as sacolas de supermercado sobre a pia e com uma faca nas mãos pôs-se a fazer charme.

— Não é só na cozinha que você é boa... — abracei-a pelas costas e sussurrei em seus ouvidos.

— Pedro... — ela se virou para um beijo. — Coloque o vinho pra gelar um pouco — pediu assim que nossos lábios se separaram.

Sentados no chão da sala, enquanto devoramos a massa feita por ela, e que realmente estava uma delícia, contei como foi a minha conversa com o advogado. Mariana ficou em silêncio por um

tempo, os olhos estavam vidrados na garrafa do vinho.

— Quer dizer que para aumentar suas chances de ter a Lorena de volta, você teria que mudar a sua vida? — ela voltou a me encarar.

— É... quanto ao bar, eu já pensei. Vou contratar mais pessoas, assim fico com minhas noites livres, mas é só o que posso fazer, afinal, não tem como eu alugar uma família feliz ou mudar o meu passado...Você conhece um lugar onde eu possa comprar uma mãe para mim, ou de repente umas duas irmãs? — tentei fazer piada da minha própria desgraça.

Mariana não riu, tomou o resto do vinho que tinha em sua taça e respirou fundo.

— Uma mãe pra você, ou irmãs... não vai dar. Agora, uma esposa saudável, bem equilibrada psicologicamente, vinda de uma família bem estruturada, apaixonada por crianças e com um bônus, pediatra, isso nós podemos conseguir.

Aquilo me pegou tão de surpresa, que cheguei a me afogar com a bebida recém-colocada em minha boca.

— Que brincadeira é essa? — perguntei um tanto descrente.

— Não é brincadeira, Pedro. — Mariana sorriu. — Se isso te ajudar, o fato de ter uma esposa causar uma melhor impressão com o juizado, eu estou disposta a isso.

— Mariana, está querendo dizer que...

— Pedro Motta Assunção — ela interrompeu-me. — Eu estou te pedindo em casamento.



Capítulo 15



Mariana

Pode parecer loucura o que eu seria capaz de fazer por ele e por Lorena, mas eu já os amava como se fossem meus.

— Você tem certeza que quer fazer isso? Porque depois que você entrar em nossas vidas, não vai ter como sair nunca mais.

— Nunca tive tão certa do que quero fazer, Pedro. Eu estava tentando fugir dos meus sentimentos por você por medo do que iria rolar

entre nós e acabar decepcionando a Lorena. Ela é pequena, mas como você pode perceber, sente tudo que está a nossa volta. Uma pessoa entrando e saindo da sua vida não seria bom para ela, eu jamais quero substituir a mãe dela, mas quero ajudar em sua criação e dar amor o que ela merece. Quero amar você e cuidar como meu marido. Eu nunca tive tanta certeza do que eu quero, como agora. Quero construir uma família com você, chega de fugir dos meus sentimentos, eu te amo, tentei mascarar isso, mas agora não tem mais volta, casa comigo? — disse e vi os olhos dele brilhar.

— Primeiramente de tudo, Doutora Mariana, eu já sabia dos meus sentimentos por você mesmo antes de dizer essas palavras e sei que não foi da boca pra fora. Eu me apaixono cada dia mais pela mulher que você é. Lorena e eu ficamos honrado de ter você em nossas vidas, e eu caso com você, mas não é apenas pela minha filha que eu estou aceitando e sim porque depois da minha falecida esposa, eu nunca mais tive ninguém em minha vida, e você foi a primeira a derrubar as barreiras que tinha construído em volta do meu coração. Eu a deixei entrar e não imagino você fora da minha

vida a partir de hoje. Você pode se preparar para ter o meu nome e ser a minha mulher. Vou ser ciumento, um pouco possessivo, tentar ser romântico quase todos os dias, mas esse sou eu e espero que você me aceite assim do jeitinho que eu sou — disse e me puxou para ele, roubando um beijo. Esse beijo era calmo e mostrava o que ele queria dizer com aquelas palavras. Eu seria a mulher a quem ele iria cuidar e amar, e eu iria fazer tudo para retribuir, pois eu o amava.

Depois daquela noite mais que perfeita que tivemos, ele venerou todo o meu corpo e me amou de forma que eu não saberia expressar em palavras.

Estava nesse momento em casa, já me arrumando para ir à academia. Iria treinar, afinal, também queria ver meu homem, mas eu teria uma surpresa. Pedi para Luíza o jatinho particular de seu pai para poder ir à Vegas. Sim, eu sou louca o suficiente para levar meu homem para lá e me casar às escondidas de qualquer pessoa, por amor e também porque a audiência de guarda da Lorena

seria em duas semanas. Por que deixar pra fazer algo amanhã se pode fazer hoje? Então iria levá-lo para lá e iríamos casar, mas ainda era completamente surpresa para ele.

Assim que cheguei à academia, Bruno veio em minha direção, me falando o treino do dia e quando eu estava prestes a começar, ouvi a voz dele.

— Bruno, pode deixar que o treino da minha mulher eu assumo — disse ele com voz potente e vi que várias meninas olharam em minha direção com os rostos decepcionados, quando ele chegou até mim e roubou um beijo.

— Pedro, você é louco? Aqui é seu lugar de trabalho.

— Eu não me importo. Você me deixa agir como louco, o que posso fazer se estou viciado em você?

— Eu vim aqui para treinar um pouquinho, mas também tenho uma surpresa para você. Espero que não te assuste, acho que você vai gostar.

— O que aprontou? — perguntou ele.

— Lindo, quero que você faça uma pequena mala. Eu e você vamos fazer uma pequena viagem e tem que ser hoje à noite.

— Para onde vamos?

Ele parecia bastante curioso, mas eu ainda não poderia revelar, aposto que ele acharia loucura casar em Las Vegas. Quando eu tinha dezoito anos, assisti um filme em que uma mulher se casava em Vegas e desde então sempre quis casar lá, mas eu guardava isso no fundo do meu coração e hoje eu teria o privilégio de realizar. Eu odeio ser o centro das atenções, então acho que nunca casaria em uma igreja. Por mim vai ter só eu, Pedro, Luíza, Joana uma amiga do trabalho, Marcelo, marido dela, e o Bruno no casamento. Faltaria a Lorena, que era a parte mais importante para nossa família estar completa, mas como ela está sob a guarda da avó, não poderia levá-la.

Quando voltarmos do nosso casamento, pretendo fazer uma festinha a três.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será completamente surpresa. Não adianta tentar me convencer do contrário, pois não digo nem sobre um decreto de qualquer presidente.

— Tudo bem, então. Você ficará sem beijos até eu descobrir o local.

— Então é assim? Ia pedir para Sabrina deixar nós vermos a Lorena antes de viajar, pois fiquei sabendo, por um acaso, que hoje era dia de ela cuidar dela e ia buscá-la.

— Tudo bem. Eu aceito esperar. Traz minha filha, pelo amor de Deus.

— Eu já iria trazer, lindo. Só queria confirmar que você iria me beijar.

— Está muito esperta, Dra. Mariana. Agora chega de papo e vamos para seu treino. Passei a manhã treinando. Passei rapidamente em casa para tomar um banho e logo saí para ir buscar Lorena.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo eu estava no parque onde tinha combinado de encontrar com a Sabrina.

— Oi, Sabrina. Como está nossa pequena hoje? — perguntei assim que me aproximei.

— Olá, Mariana. Ela está ótima. Não teve mais febre desde que viu o Pedro.

— Que bom saber. Hoje, se você puder deixar mais que uma horinha, para mim seria excelente.

— Pode ficar. Te encontro aqui às 16 horas. Cuide bem dela — disse ela, me entregando Lorena.

— Vou cuidar como se fosse minha vida — prometi.

Levei a Lorena em direção ao meu carro, a coloquei em segurança na cadeirinha e parti para encontrar Pedro. Cheguei vinte minutos antes e resolvi entrar, me acomodei com Lorena e desparamos a conversar.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que eu possa te ajudar e que nos tornemos uma família feliz. Eu não quero substituir sua mãe, mas quero tentar ser alguém que você ame — disse e ela ficou prestando atenção como se entendesse cada palavra que eu dizia. Ela colocou a mão em meu rosto e sorriu. — Eu te amo como se fosse minha filha e é estranho ter esse sentimento por alguém que conheço a tanto pouco tempo. Ela gargalhou e eu a acompanhei. Vi Pedro entrando pela porta do estabelecimento e vindo em nossa direção.

— As duas mulheres mais lindas e são completamente minhas — disse ele dando um beijo no topo da cabeça de Lorena e um selinho em mim.

Ele realmente era possessivo.

Então pegou Lorena no colo e pediu um suco natural de laranja para ela.

— Ela, pelo jeito, já estava com saudade do pai — falei.

— Ela era muito apegada a mim. Sempre que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tinha um horário livre, ficava com ela. Eu a amo e sei que ela sente isso, por isso se apegava a mim.

— Verdade. Qualquer um que olha sabe o amor que você sente por essa menina. Pedimos nossa comida, conversamos e jogamos conversa fora.

Fazia exatamente trinta minutos que tínhamos devolvido Lorena para a prima. Ela quis começar a chorar e foi de partir o coração, mas nada poderíamos fazer.

Pedro e eu fomos até nossas casas nos arrumarmos para a viagem e combinamos de nos encontrarmos no aeroporto. Como todo mundo já sabia da surpresa, menos Pedro, pedi para que eles fossem de avião normal e que nos encontrassem lá. Claro que todos aceitaram. Eles sabiam o quão importante era esse momento para nós dois e no dia seguinte estaríamos casados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Silvia

Quando eu era criança, fui abandonada pelos meus pais. Naquele lugar eu não pretendia fazer amizades. Eu iria fugir, pois não aguentava o que eu estava sofrendo. Mas Pedro, com seu modo cavalheiro de ser, sempre me protegeu. Ele se tornou um amigo e tanto e não deixava as meninas me zoarem pelas roupas que eu usava. Sempre que Pedro perdia suas roupas elas acabavam ficando para mim. Era muito complicado viver naquele orfanato.

Eu sabia que logo ele iria embora, já sua maior idade estava chegando. Mesmo assim não deixei de fazer dele meu refúgio. Lembro que uma vez eu estava chorando, ele pediu para me acalmar e disse que não iria deixar nada acontecer comigo. Assim que completei quinze anos eu me peguei apaixonada por ele, mas até então achava que era coisa da minha cabeça. Hoje eu percebo o quanto eu o amo e o quero comigo, seja como for. Tiro qualquer pessoa do meu caminho para tê-lo.

Não pensem que eu matei Flávia. Ela era a felicidade de Pedro, então jamais faria isso. Mas quando ela disse que estava grávida, eu não queria acreditar. Seria uma criatura para atrapalhar meu romance. Eu tinha certeza que Pedro iria perceber que me amava.

Logo quando ela morreu, achei que teria a oportunidade da minha vida. Mas isso foi o destino que quis. Eu nunca fiz nada para ela e infelizmente sua bastardinha sobreviveu. Eu fingia admirar a menina para poder me aproximar dele, visto que Pedro estava todo encantado por ser pai. Dava para perceber que ao mesmo tempo que ele estava feliz,

sofria por Flávia.

Quando aquela Doutora metida a besta veio interferir no meu caminho, percebi que ele estava confuso com o que sentia, então usei o jogo a meu favor. Quando ele disse que estava louco de ciúmes por causa de um colega de trabalho, coloquei na cabeça dele que ele poderia ser bom para ela. Ele concordou e chorou muito. Eu, como não sou burra e nem nada, o consolei e pedi uma chance de tê-lo comigo. Ele simplesmente concordou e finalmente me deu uma chance.

Pedro me pediu para olhar Lorena certo dia. Mas a menina era chata, chorona, então meio que bati nela. Só que nunca pensei que iria ficar marca. A avó dela viu as marcas e acabou a tirando de Pedro.

Era algo que eu queria, mas não assim. Ele ficou deprimido e acabou terminando comigo.

Hoje eu recebi um e-mail do meu advogado, dizendo que Pedro estava me acusando de agressão contra a filha dele. Eu jamais imaginei que ele iria fazer isso comigo. Eu o amo! Não posso acreditar

que ele foi capaz disso.

Quando pego o jornal para ler, tem uma imagem estampada com a seguinte legenda: *"Parece que nosso Pedro Motta Assunção não está mais solteiro. Agora ele é um homem completamente casado, com a Doutora Mariana. Que pena, meninas! O cara foi fisgado"*.

Juro que engasguei quando li aquilo, mas jamais a deixaria ficar com ele. Se eu não posso tê-lo, ela também não vai ter. Eu já até sei o que vou fazer. Ele que se prepare, pois não vou pegar leve. Essa noite ele vai receber uma visita minha e vai acabar não gostando. Mas agora não me importo mais. Ele já me ferrou mesmo.

Pior que está, não fica, pensei enquanto sorria para imagem de um casal que parecia muito feliz.

Paulo

Fazia exatamente um ano que descobri que eu tinha um irmão gêmeo, mas não fui atrás dele para conhecê-lo. Vivia uma vida diferente da dele. Fui

PERIGOSAS NACIONAIS

para um outro orfanato e não demorou muito para que eu fosse adotado. Um casal prometeu me dar uma vida boa e ser muito amado, e eu, como uma criança muito inocente, acreditei.

Eles foram a pior coisa em minha vida. Eu apanhava todos os dias e em muitas vezes eles me faziam passar fome. Só me deixavam em paz na semana em que a assistente social vinha em casa para me ver. Não contei para ela o que ocorria porque eles me ameaçaram dizendo que, se eu contasse algo, tanto eu como a assistente iríamos morrer.

Aguentei isso até meus dezoito anos e acabei fugindo assim que os completei. Consegui um emprego como assistente de padeiro, e desde então vivo em minha vidinha simples.

Hoje eu iria finalmente me revelar para Pedro e mostrar que ele ainda tem alguém do mesmo sangue. Troquei de roupa, pondo um shorts e uma camisa regata. Iria de táxi, pois para isso valeria a pena gastar.

Cheguei a sua academia e entrei, encontrando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um cara alto, que veio em minha direção.

— Pedro, tem mais gente querendo fechar pacote aqui na academia. Você poderia dar uma olhada para mim, por favor, porque essa parte é com você.

— Cara, sério, queria poder ajudar, mas eu não sou Pedro. Aliás, eu estou em busca dele.

— Meu Deus, você é a cara dele. Espera aí! Pelo que eu sei ele não tem nenhum parente — disse ele, completamente assustado.

— Eu também não sabia que ele existia, mas quando descobri, resolvi vir conversar com ele.

— Espere um momento. Vou avisar para ele que tem alguém aqui para vê-lo.

— Obrigado!

Logo ele disse que eu poderia entrar, e eu o fiz. Assim que ele me viu, arregalou os olhos, completamente surpreso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qu-qu-quem é você? — perguntou ele gaguejando, nervoso.

— Eu sou Paulo Santori Souza e pelo que andei pesquisando, seu irmão.

— Como assim? Eu não tenho ninguém.

— Nós fomos separados quando nossos pais faleceram. Descobri você há pouco tempo e queria muito te conhecer pessoalmente, mas acho que vou te atrapalhar, então acho que é melhor eu ir embora. Quando estava me virando para ir embora, ele chamou meu nome.

— Por favor, fica. Onde você mora? — perguntou ele.

— Eu estou num hotel... — respondi meio que nervoso.

— Eu sei que não te conheço, mas eu quero. Por favor, fique em minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

Pediu ele, expressando uma cara de dor, como se tivesse sofrido.

— Me passe o seu endereço. A noite apareço por lá. Agora, se me der licença, eu vou indo. Não quero te atrapalhar, Pedro. Nós vemos o que vai dar à noite.

— Beleza!

Assim que saí de sua sala, eu sabia que ele tinha uma vida boa e então resolvi que realmente iria ficar na casa dele. Para que gastar, sendo que posso ficar na casa do meu irmão?

Pedro

Tentei falar com a Mariana, atordoadado e muito confuso com aquela novidade. Eu precisava avisá-la sobre a existência do Paulo, no entanto, depois de tentar em seu celular, liguei diretamente no hospital e fui avisado de que aquele dia estava sendo terrível. Dezenas de crianças com sintomas de intoxicação alimentar precisaram ser atendidas às pressas. Minha esposa era quem liderava a

equipe de médicos e enfermeiros.

Meu dia também não estava dos melhores. A academia lotada por conta da proximidade do verão, época em que todo mundo resolve começar a cuidar do corpo. Além disso eu marquei para aquela tarde a entrevista com os candidatos a vaga para a gerência do meu bar. Para completar, meu advogado não parava de telefonar. A Silvia recebeu a intimação sobre a ação que eu movia contra ela. Eu como pai, jamais deixaria em pune uma pessoa que feriu a minha filha.



Capítulo 16



Mariana

Sentia-me esgotada, tanto física como mentalmente. Eu sempre soube que a profissão escolhida por mim seria capaz de me levar ao céu, mas também ao inferno e aquele dia, sem sombra de dúvidas, havia me puxado para baixo.

Dezenas de crianças passando muito mal, pais desesperados implorando para que eu salvasse a vida de seus filhos e a iminência da morte, sugaram a minha energia de uma maneira intensa. Graças a Deus, depois de algumas horas todas as 23 crianças

se recuperam de maneira satisfatória, e só quando certifiquei-me de que nenhuma delas corria risco de morte, foi que me dei o direito de ir para a casa do Pedro, ou melhor, para a nossa casa.

Não sabia se ele ainda estaria na academia. Com meu celular desligado por falta de bateria, preferi ir direto, imaginando que se ele ainda não tivesse chegado, eu poderia, depois de um bom banho, preparar um jantar para nós dois.

Arrastando minhas malas enormes, fui acendendo todas as luzes que encontrei pelo caminho. Da cozinha, o barulho do motor da geladeira, era o único som que se ouvia por toda a casa. Respirei fundo, o cheiro amadeirado do perfume que o Pedro usava atingiu o meu olfato. Sorri pensando nele e senti a saudade percorrer cada centímetro do meu corpo. A porta do nosso quarto estava fechada, girei a maçaneta e quando a claridade atingiu a nossa cama, a silhueta de duas pessoas deitadas sobre ela fez meu corpo todo se arrepiar de um jeito ruim. Com as mãos trêmulas, tateei a parede em busca do interruptor, apertei-o e a cena que se fez clara aos meus olhos atingiu-me

como um tiro no peito, certo e fatal.

O Pedro, meu Pedro, nu, agarrado à Silvia, que vestia apenas uma lingerie vermelha. Os dois dormiam. Era certo que estavam cansados. Senti uma angústia crescendo dentro de mim e que me fez explodir em lágrimas. Eu queria gritar, só que não conseguia, eu não podia acreditar que meu marido, em menos de 48 horas colocam uma vagabunda em nossa cama.

Perdida, sem saber como agir, olhei para as malas e agradei aos céus por não tê-las desfeito, seria um trabalho a menos.

— Eu nunca vou te perdoar Pedro...Nunca! — murmurei pensando no quão idiota eu havia sido. Caminhava apressada pelo corredor, queria sair dali o quanto antes, então meus olhos embaçados identificam alguém que vinha em minha direção.

— Meu amor... Que bom que está aqui...

— Pe...Pedro? — indaguei confusa. — Co... como?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mari, meu amor, o que aconteceu? Você está chorando?

Respirei fundo, meu cérebro precisava de ar. Do contrário, eu acabaria no hospital, de novo.

— Pedro, eu acabei de ver você no nosso... No seu quarto... — passei as mãos pelo meu rosto. — Que brincadeira é essa?

Pedro olhou para cima como se acabasse de se lembrar de alguma coisa importante.

— Claro, você deve ter visto o Paulo. Meu irmão... Gêmeo... — Pedro parecia mais confuso do que eu.

— Irmão? Você me disse que não tinha irmãos.

— Pois é, eu descobri que tenho um. Isso há poucas horas. Eu liguei para você, mas não consegui falar. Soube sobre as crianças e sobre o caos no hospital.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus! — segurei a mão do Pedro e o guiei de volta ao quarto. Faltavam-me forças para descrever a cena vista por mim, minutos antes. — Veja...

Pedro franziu a testa e colocou a cabeça para dentro do quarto. O volume alto do seu grunhido me fez pular de susto.

— O que está acontecendo aqui?

— Pedro? — a voz da Silvia conotava surpresa.

Entrei no quarto, começando a imaginar o que acontecera de verdade.

— Silvia... O que você está fazendo na minha casa, ou melhor, na minha cama, com o meu irmão?

Ela sentou-se em um salto e puxou os lençóis para cobrir o seu corpo. Com o ar de quem não tinha ideia do enredo em que se metera, ela corria

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos pelo Pedro e também pelo outro rapaz deitado ao seu lado, inerte, como se estivesse dopado.

— Pedro... Como isso é possível? — ela murmurou.

— Amor... Esse rapaz, seu irmão, ele deveria ter acordado... — opinei, achando estranho a falta de ação da cópia do Pedro.

— Irmão? Que irmão? — Silvia colocou-se em pé.

— Silvia, o que foi que você fez com o meu irmão? — Pedro correu até Paulo e jogou uma ponta da colcha na intenção de cobrir suas partes íntimas que estavam ali, expostas.

Diante do silêncio dela, que parecia ter entrado em uma espécie de transe, fui até o Paulo e puxei com meus dedos as suas pálpebras, abrindo-as. As pupilas dilatadas confirmavam a minha desconfiança: aquela cena fora armada pela Silvia e o irmão de Pedro, Paulo, era mais uma vítima daquela víbora.

PERIGOSAS ACHERON

— O que deu a ele? Como o dopou? —
Aproximei-me dela .

— Eu...

Pedro praticamente voou para cima da mulher que agora, com os olhos perdidos, parecia uma garotinha indefesa.

— Ouviu o que a minha esposa perguntou? —
ele segurou-a pelo braço. — Diga o que deu a ele?

— Pedro... — Silvia começou a chorar. — Eu também não sei como vim parar aqui...

— Ah, não! Não vai se fazer de vítima agora, não é Silvia?! — gritei a plenos pulmões. Ela estava atravessada na minha garganta, eu sabia que todo o sofrimento pelo qual o Pedro vinha passando, era tudo culpa dela, sem contar a maldade feita à Lorena, isso me causava repulsa.

Diante de tanto cinismo e alimentada pela ira das lembranças, enquanto tudo o que aquele lobo

em pele de cordeiro foi capaz de fazer, minha mão por vontade própria encontrou o seu rosto, e como tapa que ecoou por todo o cômodo, um alívio tomou conta de mim.

— Quem sabe isso não ajude você a se lembrar de como veio parar aqui!

— Me bateu? — Silvia chorava. — Pedro... ela me bateu...você disse que nunca deixaria que ninguém me fizesse mal. — sua voz estava fina, quase infantil.

— Bati. E de onde veio esse tapa, podem vir muitas outras coisas, Silvia — rosnei. — Você está atravessada. Eu odeio pessoas covardes, baixas e sujas... Engraçado que você preenche todos esses requisitos.

— Mariana, meu amor... Não suje suas mãos, a Silvia é o tipo de pessoa que consegue tirar o pior de nós. — ele me abraçou —, não se rebaixe. Você é muito melhor do que ela.

— Melhor do que eu? — ela bradou. — Vocês

PERIGOSAS NACIONAIS

vão ver do que eu sou capaz! — Ela partiu para cima de nós, desferindo tapas e socos a esmo.

— Chame a polícia, Pedro. — passei as chaves na porta e as segurei dentro das minhas mãos. — Quero ver a bonitinha aí fazer esse showzinho ou se fazer de vítima diante de profissionais, diante de pessoas que lidam com bandidos todos os dias.

Pedro que a segurava pelos ombros tentando se livrar das agressões, enfiou a mão no bolso da sua bermuda e pegou seu celular.

— A Mariana tem razão... Já é hora de você começar a arcar com as consequências dos seus atos.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17



Pedro

Logo que chamei a polícia, senti meu coração dilacerado. Eu pensava que Sílvia era minha amiga. Só dei um lar para ela porque a considerava como uma irmã, nunca em minha vida pensei que ela seria capaz de tal atrocidade, ainda mais sabendo de tudo que ela passou. Sei que as pessoas criam traumas, mas nenhum trauma justifica o que ela fez.

Assim que eles chegaram, pedi para entrarem e mostrei a situação que ela se encontrava e meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irmão também se encontrava. Eles disseram que era bom levá-lo a um hospital.

— Senhor policial, eu juro que não era para ele, era para o Pedro. Eu o amo, mas ele não dá bola para mim — disse Silvia, tentando se justificar.

— Senhora, tudo que falar poderá ser usado contra você. Tem direito de permanecer em silêncio e a um advogado.

— Por favor, tire ela da nossa casa — pediu Mariana.

Eles a levaram e Mariana me abraçou. Agora não teria tão cedo problemas com a Silvia. A Ambulância também chegou, os policiais chamaram para nós, eu iria com meu irmão, por mais que eu o tivesse descoberto há pouco tempo, já o amava.

Deixei Mariana cuidado de nossa casa e fui na ambulância com ele. Ela merecia descansar, seu plantão deve ter sido pesado.

PERIGOSAS ACHERON

Logo que chegamos lá, levaram-no para ser atendido e eu tive que ficar na recepção aguardando notícias, então aproveitei para ligar para meu advogado a fim de pedir uma medida protetiva contra Sílvia, para ela não poder mais se aproximar, tanto de mim, como das mulheres da minha vida.

Ele logo me atendeu.

— Fala, Pedro. Em que posso te ajudar? — perguntou ele assim que atendeu.

— Então, cara, a Silvia aprontou novamente.

— O que ela fez dessa vez? — perguntou ele.

— Ela dopou meu irmão achando que era eu, para simular uma situação e foi pega em flagrante pela polícia.

— Pedro, conforme o *artigo 132: "Expor a vida ou a saúde de outrem a perigo direto ou iminente, pena de três meses a um ano, caso o crime não fique mais grave. Mas não sabia que o*

senhor tinha um irmão".

— Nem eu mesmo sabia, mas descobri hoje e já acontece algo com ele... — lamentei.

— Vai dar tudo certo. Mais alguma coisa, Pedro?

— Eu gostaria de abrir uma ação de medida protetiva contra a Sílvia, para ela não se aproximar de mim, Lorena ou até mesmo da minha mulher. Eu não sei do que ela é capaz, pois admitiu que era para mim aquilo. Ela não é mais a moça que eu conheci quando ainda era uma inocente no orfanato.

— Tudo bem! Entrarei logo cedo com essa ação.

— Obrigada, cara, fico te devendo mais essa. Agora vou indo. — me despedi dele e finalizei a ligação.

Vi uma enfermeira vir em direção a recepção.

— Parentes do Senhor Paulo? — perguntou ela.

— Eu... Como ela está? — disse nervoso.

— Ele está bem. A colocamos no soro para ver se passa logo o efeito e ele possa acordar.

— Posso ficar com ele? — perguntei.

— Sim, pode. Ele está no quarto. Me acompanhe, por favor.

Assim que chegamos lá, ela me deixou sozinho com ele. Sentei na cadeira ao lado e fiquei olhando para ele, acho que assim acabei dormindo.

Quando acordei ele já estava acordado e me olhava.

— Você acaba de entrar em minha vida e já acontece algo assim com você. Peço desculpas pela Sílvia. Ela achava que você era eu e quis fazer isso

para acabar com meu casamento — falei e deixei as lágrimas cair. Eu não tinha vergonha de chorar. — Eu achava que não tinha ninguém em minha vida, mas quero que você faça parte dela, e se acontecesse algo com você jamais me perdoaria.

— Pedro, a culpa não foi sua. Eu estou tão feliz em te achar que nada mais importa. Eu não tenho uma vida boa igual a sua, mas prometo ser uma pessoa presente. Quero conhecer minha sobrinha e fazer parte de sua vida — disse ele, parecendo bastante emocionado. Vi quando levantou e, puxando o suporte do soro com ele, parou na minha frente. — A vida foi dura com nós dois. Infelizmente nossos pais faleceram, fomos separados e eu fui adotado por uma família na qual eu esperava que me dessem amor, mas me fizeram ver o pior lado de ter uma família. Eles me agrediram e eu tive que suportar isso por anos. Mas se tudo isso foi para que agora eu possa ter uma família de verdade, valeu a pena. — ele agora chorava. Me levantei e o abracei bem forte.

— Nada mais vai acontecer com você. Agora você vai fazer parte da minha família, seja onde

PERIGOSAS NACIONAIS

você morar, quero que venha para cá e administre meu bar. Eu quero poder dar mais atenção para minha pequena e você ficará responsável por ele.

Eu tinha entrevistado uma pessoa essa tarde, mas nada se compara a ter meu irmão por perto. Sendo da família é muito melhor.

— Você tem certeza que me quer na sua vida? Se for por pena, prefiro ir embora — falou ele, tremendo, as emoções a flor da pele.

— Nunca tive tanta certeza em minha vida. Por favor, fique — pedi.

— Tudo bem. Logo que tiver alta, vou a minha cidade e resolvo tudo, depois volto para cá.

— Vou te esperar. Obrigado por me dar a chance de te conhecer.

— Eu quem agradeço, irmão. Agora vamos ser uma família.

— Com toda certeza.

PERIGOSAS ACHERON

No outro dia que ele teve alta, eu o deixei ir com meu carro para resolver os problemas na outra cidade. Eu nem tive oportunidade de ver minha mulher, ela teve que ir para um plantão, então antes de chegar na academia parei em uma floricultura e encomendei tulipas vermelhas para entregarem lá no hospital.

Escrevi um bilhete para ela.

"Tulipas vermelhas para que nosso amor seja duradouro e bastante dedicado.

Que em nenhum momento dessa vida, nosso amor se perca e que cada vez sejamos mais e mais felizes e que nenhuma barreira desta vida possa derrubar esse amor que está crescendo.

*Você apareceu em um momento da minha vida que eu juro que não esperava, mas **ERA PARA SER ASSIM.** O destino quis que fosse assim. Você*

foi uma das melhores coisas que aconteceram em minha vida. Eu não quero nunca mais imaginar minha vida longe de você. Quero te amar cada dia mais e viver intensamente esse amor.

Obrigado, amor, por entrar nessa comigo.

Te amo!

Ass: Pedro."

Hoje era um dia complicado. Iria trabalhar na academia e depois queria fazer uma surpresa para minha mulher.

Ela merece tudo de bom. Eu iria fazer de tudo para que ela fosse feliz ao meu lado.



Capítulo 18



Mariana

Eu parecia uma boba, em constante estado de graça, um sorriso que não saía do meu rosto e todos sabiam o motivo. Pedro.

Por outro lado, a Silvia era como uma nuvem negra que pairava sobre as nossas cabeças e era muito difícil ser completamente feliz com a iminência de algo ruim. Minha apreensão se fez maior quando soube que ela estava livre, depois de pagar uma fiança de valor bem alto.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu tinha marcado um almoço com a Luiza, precisava contar as novidades para ela, que ainda nem sabia sobre o Paulo, ou melhor, até sabia, mas não com detalhes.

— Quer dizer que eles são iguaizinhos... tipo xerox? — ela deu um gritinho e começou a se abanar.

— Pois é. — ri, depois de tomar um gole do meu suco de laranja.

— Já imaginou se o plano de dessa vagabunda tivesse dado certo? A essa altura, seria bem provável que você tivesse se separado do Pedro.

Respirei fundo, desviando os meus olhos para o canto da mesa.

— Acha que não venho pensando nisso? Qualquer mulher que flagra uma cena como a que vi, acreditaria que estaria sendo traída. Lú, essa mulher é perigosa, ela deu uma dose de sonífero tão grande ao Paulo, que podia tê-lo matado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe, que eu tenho os meus contatos... Se quiser, podemos dar um jeito nela. — Luiza disse em um tom mais baixo.

— Credo! Fala como se fosse uma gangster. — fiz uma careta.

— Não é para tanto, mas podemos dar um susto nela. — Luiza se inclinou em minha direção. — Algo que a faça querer sair dessa cidade, ou melhor, desse país. Uma pessoa que faz mal a um bebê, não merece o mínimo de consideração.

— Pode me achar uma boba, mas, como eu sei da história dela, acabo pensando que ela é mais uma vítima desse mundo cruel. Lembra sobre o que te contei do passado dela, das coisas que a Silvia passou quando criança?

Luiza cruzou os braços e balançou a cabeça em negativa.

— O que eu faço com você, Mariana? Eu nunca vi uma pessoa tão boazinha. Chega a ser altruísta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é isso...

Ela fez um sinal ao garçom, tínhamos terminado de comer e eu precisava voltar ao hospital.

— Fique esperta, Mariana. Essa mulher é perigosa, e ao contrário de você, ela não vai pensar duas vezes antes de te ferrar!

Senti um calafrio correr por todo o meu corpo, depois de ouvir as palavras ditas pela Luiza.

— O que acha de nos encontrarmos hoje no bar? O Paulo está trabalhando lá... é uma boa oportunidade de você conhecer a xerox do Pedro...
— perguntei antes de entrar no meu carro.

— Às nove? — Luiza lançou-me um sorriso malicioso.

— Às oito... Ao contrário de você, eu acordo bem cedo no dia seguinte.

PERIGOSAS ACHERON

Ela riu e partiu em seu carro.

Assim que sentei no banco, peguei meu celular, queria avisar o Pedro que eu iria ao bar com a Luiza. Disposto a se ausentar de seu trabalho noturno, meu marido vinha se empenhando em passar a gerência ao irmão, sem contar que isso foi uma maneira de aproximação dos dois, que vinham se dando muito bem. Confesso que era estranho vê-los juntos, porque mesmo tendo sido criados separados, eles eram idênticos, e não só na aparência, mas no gestual, no porte e na forma de sorrir.

"Pedro...

Acabo de almoçar com a Luiza e combinamos de passar no bar perto das oito horas. Ela está louca para conhecer o Paulo. Acho que pode dar certo!

Já sinto sua falta!

Te amo, e é para sempre.

Digitei a mensagem depois de duas tentativas de falar com ele por telefone. Preferi não ligar na academia, ultimamente eu vinha evitando atrapalhá-lo, sabia o quanto era importante que ele se concentrasse em seu trabalho, já que a decisão sobre a guarda da Lorena sairia em poucos dias.

Estava afivelando o cinto de segurança, quando ouvi três batidas no vidro do meu carro. Olhei para o lado, e meu coração parou de bater quando reconheci o rosto que estampava um sorriso sarcástico.

Em suas mãos, uma arma apontada na minha direção, fechei os meus olhos e fiz uma prece silenciosa, eu não queria que aquele fosse o meu fim.

Pedro

Eu começava a me preocupar, já era quase nove da noite e nada da Mariana aparecer no bar. A Luiza tinha chegado fazia mais de uma hora e depois que a apresentei ao meu irmão, os dois engataram uma conversa e não pararam mais.

— O celular dela só caía na caixa postal. —

sentei-me na banquetta ao lado da Luiza.

— Vou ligar na casa dela. Pode ser que a Mari tenha passado lá e você já sabe... a relação com os pais dela está péssima. — Luiza pegou seu telefone e começou a discar.

Acompanhei cada palavra trocada com a mãe da Mariana e antes mesmo que ela me dissesse, eu entendi que a minha esposa não tinha passado por lá. Levantei-me e de repente a música e as vozes das pessoas que conversavam ao meu redor, começaram a me irritar.

— O que eu faço? — coloquei as mãos no bolso da minha calça e encarei a Luiza e o meu irmão.

O Paulo, que estava do outro lado do balcão, deu a volta e colocou-se ao meu lado.

— Cara... Não está pensando que esse atraso tem alguma coisa a ver com aquela mulher, está? — Paulo pôs a mão no meu ombro.

Fechei os meus olhos, ele acabava de

PERIGOSAS ACHERON

verbalizar o que vinha perturbando a minha mente desde o primeiro minuto de atraso da Mariana.

— Deus! Será que a tal Sílvia pode ter...

— Não fala — interrompi a Luiza, que também já estava em pé, com os olhos nervosos.

— Eu vou ligar para um amigo meu que é da polícia. Com essa louca solta, eu prefiro não perder tempo.

— Pedro... Eu também vou acionar o pessoal que cuida da segurança do meu pai. — a Luiza saiu de perto de mim para fazer a ligação.

— Tenta se acalmar. De repente aconteceu alguma coisa no hospital. — Paulo tentava conter meu desespero. — Já ligou para lá?

— Já... E sabe o que é pior? Eles disseram que a Mariana não voltou do almoço, disseram que ela telefonou pedindo a tarde de folga.

Meu irmão bem que tentou, mas ele era como

um espelho refletindo a mim mesmo e eu sabia bem o que sua expressão queria dizer: Eu estava certo em me preocupar.

— Paulo... Vamos fechar o bar... eu não tenho a mínima condição de deixar isso aqui funcionando hoje — ordenei, sentindo uma pontada em meu peito.

— Pedro, eu falei com um pessoal e eles vão tentar rastrear o celular da Mari. Passei o número, mas eles querem saber qual foi a hora do último contato que você teve com ela. — a Luiza também já não conseguia disfarçar seu nervosismo

Peguei meu celular e abri a última mensagem enviada por ela. Li novamente o que ela tinha escrito para mim e a frase final: “Te amo, e é para sempre”, fez meu coração sangrar. Parecia uma despedida.

— Se acontecer alguma coisa com a Mariana... Eu não sei o que vou fazer... — abracei meu irmão e chorei em seu ombro. Aos poucos, a dor da perda da Flávia, voltou a me atingir como se

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse um tiro direto em meu peito, eu sabia que não teria forças para me levantar de outra queda como aquela.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19



Mariana

Quando pensei em arrancar com o carro, mesmo colocando minha vida em risco, eu iria arriscar, mas ouvi um barulho no outro lado do carro, percebi que não tinha como sair com o carro, agora eram duas armas apontadas para mim, ela é muito burra para pensar em tudo isso sozinha, claro que ela teria um parceiro.

A ouvi gritar:

— Abre logo esse carro se não irei matar você

PERIGOSAS NACIONAIS

aqui. Imagina a reação de Pedro quando descobrir que a sua segunda esposa foi morta... vai acabar pensando que ele atrai a morte, afinal, seria segunda vez viúvo.

Pensei em Pedro, e foi assim que decidi que ia deixar eles entrarem, afinal seria mais horas de vida que eu teria pela frente, e assim seria mais fácil de me achar.

Ela mandou eu ligar no hospital, liguei e disse que não poderia aparecer, pois iria tirar a tarde para mim, minha secretária tentou argumentar que já tinha pacientes meus aguardando, falei para ela que não podia ir mesmo.

Então ela tomou o telefone da minha mão e mandar eu sair com o carro, eles indicaram o caminho e eu fui dirigindo, percebi que a gente estava entrando num condomínio chique.

— Não dê show, fique quietinha — disse o homem que estava acompanhando nela nessa. Passamos pelo porteiro, Sílvia falou para ele me levar para dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ficamos a tarde toda naquela casa, assim que ficou um pouco tarde, ela disse que nós iríamos pegar a Lorena, vi quando ela deu um sorriso irônico, ela iria aprontar alguma coisa.

— Sílvia, qual é seu plano? — perguntou o homem.

— Vamos pegar a filha dele com a prima. Já mandei mensagem para a menina, aliás, você deveria colocar senha no seu celular, você facilitou minha vida.

— Você pegando a Lorena nunca vai conseguir ficar com o Pedro, ele ama essa menina mais que sua vida — falei, tentando fazê-la desistir dessa ideia, Lorena não merecia isso. Eu aguentaria se tivesse sozinha, agora com ela iria sofrer junto com ela.

— Fique quieta, você que vai pegar a menina para mim, eu vou estar com a arma apontada para você e ele para a prima dela, ok? — disse ela, me ameaçando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem! — falei mesmo querendo que não acontecesse.

Ela me levou para o carro de forma rápida e mandou eu sentar no banco do passageiro, ela iria dirigindo, o cara mantinha uma arma sobre a minha cabeça.

O carro parou no mesmo lugar que eu sempre estava pegando Lorena, ou seja, ela estava me seguindo ou pedindo para alguém fazer isso.

— Vai lá e busca — disse Silvia. — Lembre-se das recomendações.

Fui em direção a Sabrina, ela sorriu em minha direção.

— Olá — disse assim que me aproximei. — Que saudade senti dessa princesa.

— Oi, que bom que mandou mensagem, tenho prova! Obrigada de coração — disse ela, peguei a Lorena no colo.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para eles, e me chamaram, disse para ela que iria, qualquer coisa mandar mensagem no meu celular. Sei que não ia poder responder, mas é algo que eu sempre falava para ela, para manter tranquila, sei que iria colocá-la em maus lençóis, mas juro que não queria fazer isso.

Enquanto ia na direção deles, eu dava beijinhos em Lorena e dizia para mim mesma que tudo iria ficar bem.

Eles me mandaram ir para o banco de trás, acho que eles iam deixá-la comigo. Percebi ela pegar pista, parecia que o lugar não chegaria nunca e eu estava cada vez ficando mais preocupada com a distância do local, ela virou numa estradinha de terra e para minha sorte Lorena dormiu, poderia prestar atenção suficiente para onde nós estamos indo.

Uma casa toda de madeira e ao lado tinha tipo um galpão, ela parou em frente e mandou-me descer, fui para pegar a minha princesa, e ela mandou eu não relar a mão nele, se não eu e ela iríamos morrer, nem arrisquei, ela é louca, saí do carro sem protestar, ele pegou em meu braço com

força me puxando para dentro do galpão.

Lá eu vi um colchão jogado no chão, ao lado um balde e aquele lugar era sujo, mas muito mesmo. Ele praticamente me jogou em direção ao colchão, me deu uma coronhada e apaguei.

Acordei com um balde de água fria em minha cabeça. Dei um pulo, pois o susto foi grande demais.

— Até que enfim você acordou, eu não aguento mais essa bastardinha chorando no meu ouvido, cuide — disse o homem praticamente jogando a menina ao meu colo.

— Por que você está fazendo isso? Eu nem te conheço, nunca fiz mal a você — falei tentando saber o motivo de ele estar nessa.

— Você não fez, mas eu quero ver a dor nos olhos do Pedro, sabe o que aconteceu? Seu marido atrapalhou de eu adotar a Silvia, ela tinha um corpo

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu gostava desde quando ela era criança, mas aquele bastardinho foi e me denunciou para polícia, lá no orfanato todo mundo sabia o que eu fazia, e não ligava, pois eu era uma das pessoas que mais doou dinheiro para lá, se acha que eles queriam perder isso? Nesse mundo há orfanatos bons, mas aqueles que fazem só pelo dinheiro, os quais eles estavam era somente pelo dinheiro, alguns funcionários não concordavam, mas não podia denunciar, pois assinaram um contrato do que acontece lá dentro não sai dela.

— Você é um estúpido por achar que não vão te encontrar.

— Deixa eu terminar, fique quieta! Confesso que fiquei surpresa quando Sílvia me procurou propondo que eu ajudasse, e ela deixaria eu usar o corpo dela — disse ele, falando como se sentisse bem com aquilo. — E se você não se comportar, eu juro que vou usar você também, você é linda.

agarrei ainda mais a Lorena quando ele falou isso, saiu pela porta trancando por fora, aqui não tinha janelas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele deixou a bolsa dela com todas as coisas, eu sentia uma dor insuportável na testa, eu sabia o que ela queria, com toda certeza estava com fome, por sorte Sabrina colocou água e pó para preparar o leite, preparei e a dei.

logo após dela terminar de tomar o leite percebi que ela estava bastante agitada, comecei a cantar "*Como é grande o meu amor por você*", do cantor Roberto Carlos.

*"Eu tenho tanto pra lhe falar
Mas com palavras não sei dizer
Como é grande o meu amor por você"*

Percebi que ela concentrou em meu rosto e ficou olhando eu cantar:

*"E não há nada pra comparar
Para poder lhe explicar
Como é grande o meu amor por você"*

Dei um beijo em seu rosto e ela sorriu, e continuei a cantar.

PERIGOSAS ACHERON

*"Nem mesmo o céu nem as estrelas
Nem mesmo o mar e o infinito
Nada é maior que o meu amor
Nem mais bonito"*

Ela começou a fechar os olhos, e a se aconchegar em mim. Ela confiava em mim!

*"Me desespero a procurar
Alguma forma de lhe falar
Como é grande o meu amor por você"*

*Nunca se esqueça, nem um segundo
Que eu tenho o amor maior do mundo
Como é grande o meu amor por você"*

*Nunca se esqueça, nem um segundo
Que eu tenho o amor maior do mundo
Como é grande o meu amor por você"*

Mas como é grande o meu amor por você"

Assim que eu terminei de cantar ela estava adormecida no meu colo, dei um beijo em sua testa e estendi a manta que tinha na bolsa dela, deixei

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela dormisse. Ela era muito importante para mim, eu a amo, como se fosse minha, iria fazer de tudo para poder protegê-la.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 20



Pedro

Eu achava que nada doeria tanto quanto a morte da Flávia, então a vida vem, algoz, cruel, impiedosa, e me mostra que ficar separado da minha filha, da minha pequena Lorena, podia sim, doer de maneira profunda... até que como um anjo enviado dos céus, Mariana aparece para me curar, para dar-me um alento e quando eu começo a pensar que posso voltar a ser feliz, que terei minha filha de volta, sou apresentado á algo que eu sequer podia imaginar existir.

PERIGOSAS NACIONAIS

A dor, outra vez ela, só que agora, não era física, nem mesmo se arrancassem meu coração, nem mesmo assim, doeria tanto. Não posso dizer que aquele sentimento torturante vinha da alma, porque ela não pertencia mais a mim.

Havia praguejado tanto a Deus, proclamado frases e mais frases de heresia, duvidado de sua existência e literalmente perdido a fé. Quando soube que não fora apenas Mariana a desaparecer, mas junto dela o meu bem mais precioso, a melhor parte de mim, ou do que eu era... minha linda filha Lorena, meu mundo desabou, senti-me violado, vazio e para mim nada mais fazia sentido.

— Pedro, eu sei que é difícil, mas sua revolta em nada vai ajudá-lo. — Luiza tentava, sem sucesso, trazer-me de volta do mundo de trevas em que eu estava enfurnado.

— Fala porque não é sua esposa! — vociferei, sentindo os meus olhos queimarem. — Não é sua filha que está desaparecida. — Voltei a chorar em desespero.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu juro que se algo tiver acontecido a elas, eu não fico nesse mundo por nem um minuto... Não posso continuar vivendo se...

— Cala essa boca, Pedro! — Paulo segurou-me pelos ombros e chacoalhou-me, como se aquilo pudesse organizar a bagunça dentro da minha cabeça.

Olhei para ele, meu irmão... Cansado de lutar contra a minha dor, abracei-me ao seu copo e chorei, chorei com tanta intensidade, que por alguns momentos, o ar não encontrou o caminho dos meus pulmões.

— Cara, precisa estar bem, ou melhor, precisa estar em pé, forte para quando suas garotas voltarem! — Ele segurou meu rosto dentro de suas mãos grandes e fixou seus olhos verdes nos meus.

— Paulo... e se... e se elas não voltarem? — externei pela milésima vez, os fantasmas que não me abandonaram mais.

Luiza que até então, observava tudo, virou-se

de costas e pelos movimentos convulsivos do seu corpo, sabia que ela chorava também.

— Vou ligar para o delegado de novo. — Paulo puxou o celular do seu bolso. — Quem sabe eles não têm alguma novidade.

—Também vou ligar para o meu pai. Ele me garantiu que contratou os melhores investigadores do país. — Luiza também fazia uso dos telefones.

Assistindo aqueles dois, andando de um lado para o outro e sem novidade alguma, outro nó se formava dentro da minha garganta, impedindo-me de gritar.

— Por mais que a Silvia tenha sido descartada como suspeita... nada tira da minha cabeça que ela está envolvida, até o último fio de cabelo, nessa história. — Luiza outra vez insistia que aquilo tinha o dedo da Silva.

Eu sabia que ela não era confiável... teve a história dos hematomas na Lorena e depois, o fato de ela ter drogado o meu irmão, mas mesmo para

uma pessoa como ela, fria e vingativa, sumir com duas pessoas, sendo uma delas, uma criança indefesa, era muito para eu colocar em sua conta.

Tinha também o fato de ela estar vivendo normalmente. Os investigadores contratados pela Luiza garantiram que Silvia mantinha sua rotina, e se fosse ela a ter sumido com a minha esposa e minha filha, ela teria deixado um fio solto, afinal, ela não era uma criminosa.

— Posso pedir uma coisa para vocês dois? — Levantei-me e fiquei entre os dois que discutiam teorias e mais teorias sobre como a Silvia podia estar enganado a todos, inclusive a polícia. — Parem de tentar colocar tudo nas costas dela. Eu sei que a Silvia não presta, só que enquanto ficam obcecados por ela, os verdadeiros culpados podem estar aí, rindo de todos nós.

Paulo balançou a cabeça como se discordasse de mim, depois saiu da minha casa sem dizer nada, parecia irritado e eu, só desejava poder sumir também, fugir de mim e daquela realidade onde a tristeza parecia querer me engolir.

Silvia

Tinha rido tanto, que minha barriga doía ouvir como o Pedro estava sofrendo me fazia tão bem, que meu humor não podia estar melhor.

Era muito bom saber que meu objetivo estava sendo atingido. Ele finalmente provou do próprio veneno. Tantas foram às vezes em que ele ignorou os meus sentimentos, sempre com aquele papinho de que me via como uma irmã, e depois, quando eu finalmente consegui fazê-lo me ver como mulher, quando tudo parece estar ao meu favor, ele simplesmente acha que pode me descartar e pior, enfia um processo nas minhas costas.

— Imaginem, *euzinha*, uma mulher acostumada a aparecer nos jornais, nas páginas da coluna social, ter de ver o meu nome na lama, misturado ao de bandidos de terceira...

Ele caminha até mim e seu perfume é o mesmo, o mesmo do Pedro e eu sei que faz isso para me agradar.

— Não quero que fique brava comigo, mas o que você está fazendo, não é coisa de santa... — ele abraça-me pelas costas e suas mãos escorregam pelos meus seios, por cima da blusa, mesmo assim, sinto meu corpo queimar em chamas de desejo. Ele não era o Pedro, claro que não, mas era igual, e isso era muito bom.

— Paulo, não me provoque... sabe que está mexendo com fogo e u não posso demorar, do contrário, podem começar a desconfiar de mim. — Virei-me e coleí os meus lábios nos seus.

Com um beijo cheio de desejo, ficamos por mais de cinco minutos unidos, agarrados e por momentos eu abri os meus olhos para observá-lo. O meu cérebro sabia que ele não era o meu Pedro, mas o meu coração, fazia questão de bater tão forte, que por vezes eu chegava a pensar que sim, que quem estava ali, era o outro irmão.

— A que horas vai fazer uma visitinha para os dois estorvos? — Paulo indagou ainda ofegante. Afastei-me dele. Mesmo vindo me dando provas de que realmente estava do meu lado, e que também

tinha sede de vingança, todas as vezes em que ele fazia menção ao momento em que eu iria ver as duas insuportáveis, um aviso de alerta tocava dentro de mim.

— Por que quer saber? — Cruzei os meus braços e encarei-o com os olhos cerrados.

Paulo fez um ar de ofendido, com o canto dos lábios lançou-me um sorriso cafajeste, sorriso que o Pedro jamais conseguiria imitar.

— Silvia, Silvia... ainda com um pé atrás? — ele voltou a se aproximar de mim. — Quantas vezes eu vou ter que repetir? Eu odeio o Pedro, e para mim, inimigo dele é amigo meu. — ele soltou um riso maquiavélico.

— Eu sei, meu bem. Mas seguro morreu de velho, prefiro não contar, nem pra você e nem pra ninguém, onde, quando ou como, vou agir... Mas posso garantir que elas estão bem... bem maltratadas.

Paulo mordeu os lábios, eu sabia que meu jeito frio o excitava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que se lembre do nosso trato. Eu quero enganar a idiota da pediatra. Já imaginou a cara do Pedro, quando eu o fizer acreditar a toda certinha Doutora Mariana o trocou pelo irmão?

— Sim... Mas para isso precisamos deixá-la mais vulnerável. No momento certo eu vou deixar que você se diverte com ela. Podemos levá-la a um motel e a dopamos. Sou boa nisso.

— Hum, eu sou prova disso — Paulo disse com sarcasmo.

— Baby... Eu já pedi desculpas por aquilo. Se soubesse que você não era o Pedro, e mais, se soubesse que você se tornaria meu aliado, eu jamais teria dado a você aquele sonífero.

—Tudo bem, eu já desculpei, mas eu não queria repetir a sua armação, no fim meu irmãozinho pode não acreditar. Eu queria que a Mariana dormisse comigo por vontade própria, ou melhor, achando que eu sou o Pedro.

PERIGOSAS ACHERON

— Pretende mesmo ir às vias de fato com a sua cunhadinha? — resolvi provocá-lo. Ele voltou a sorrir de forma maliciosa.

— Eu entro no cativeiro e a resgato, enquanto um dos seus homens, vestido como um policial leva a pirralhinha de lá. Eu me declaro para ela, falo um pouco daquelas baboseiras melosas que o paspalho do meu irmão costuma dizer para ela, chorou um pouco, e digo que tenho uma surpresa, que quero começar a curtir a nossa lua de mel...

— Então... — eu interrompo, porque seu plano me encheu de ideias. — Deixamos uma suíte pronta para receber os pombinhos, ela vai estar tão confusa, que nem vai ter tempo de perceber que está com o gêmeo errado, então o Pedro vai flagrá-los, você vai chorar, dizer que se apaixonaram, que você fez de tudo para fugir desse sentimento, mas que não deu.

— Parece bom, mas e a *bastardinha*? Onde ela entra nisso? Porque podemos fazer o meu irmão pensar que a Mariana fugiu por vontade própria, para tentar organizar os sentimentos, mas porque

ela levaria a filha dele? — Paulo apontou o furo no meu plano.

Irritada pelo balde de água fria, pus-me a andar de um lado para o outro.

— Já sei. — sorri vitoriosa. — Diremos que ela pegou a pirralha para de despedir, pois sabia que quando decidisse ficar com você, o Pedro não a perdoaria só que as coisas fugiram de controle, a menina estava febril e ela decidiu ficar com ela, cuidar dela e que depois a devolveria sã e salva.

— Isso me soa meio louco, sem sentido!

Pisquei para ele e comecei a desabotoar a minha camisa, acabava de ficar mais animada.

— Exato, isso é perfeito, porque colocar a Pediatra como traidora, vagabunda e louca, me parece ideal! Uma universitária recém-formada, lidando com a vida e a morte de crianças e mais, apaixonada pelo próprio cunhado. Isso é motivo de sobra para uma desestabilidade emocional.

Paulo arregalou os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é um gênio. — ele voltou a me agarrar com gana. — Não vejo a hora de colocarmos esse plano em prática. Não vejo a hora de ver meu irmãozinho destruído. E depois, nós dois vamos viver nossas vidas bem longe daqui.

— No fim, eu venci. Vou deixar o Pedro na lama, acabar com a pediatra e fugir com o gêmeo mais interessante!

— Hum... agora fiquei ansioso — ele sussurrou em meus ouvidos.

— Não fique, baby. Gostei tanto de tudo isso, que vamos fazer o quanto antes. Só preciso de uns dois dias para organizar tudo e então...

— Mal posso esperar — Paulo vibrou antes de me amar.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 21



Três dias depois

Mariana

Nunca na vida pensamos que iremos passar por situações parecidas como essa. Eu não esperava que uma louca fosse me sequestrar, eu na verdade nem imaginava que ela sairia da prisão. Ela é louca e precisa de um lugar para tratar esse amor doentio que diz sentir por meu marido.

Eu estava contando os dias por causa de uma fresta que tinha ali no galpão, que me deixava saber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando era dia e noite, então eu sabia os dias que passei ali. Meus pais devem estar pirando e Pedro então, nem se fala.

Como a Lorena estava dormindo aproveitei para explorar o lugar, eu queria descobrir algum lugar para conseguir fugir. Comecei a rodar aquele lugar, quando eu passei em certo canto, vi que o cheiro estava bastante forte, puxei o saco para ver o que era, e ele caiu em cima de mim, gritei e muito mesmo, era um cadáver em cima de mim, uma pessoa que talvez já ficou aqui em cativeiro e eles mataram. Se eu não levava fé nesses dois, agora mais que nunca confio no que eles são capazes, tirei ela de cima de mim, dava para ver que era uma mulher e me afastei com muito medo. Claro que nos meus anos em residência tinha visto poucas mortes, mas nenhuma delas foi para cima de mim. Continuo a minha busca por uma saída e encontro uma janela bem afastada, de vidro, dava para quebrar com toda certeza, mas preciso pensar em mim e Lorena.

Monto um plano em minha cabeça e já sei o que irei fazer, preciso pegar o celular dele. Quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na hora do almoço ele vem trazer comida para mim e água para preparar o leite de Lorena, eu me aproximo dele, sorriu e puxou ele para mim, ele se assusta com minha atitude, eu roubo um beijo dele, e ele retribui, enquanto isso eu rogava um mantra: *não sinta nojo, você pode fazer isso por uma boa causa.*

— Você me surpreendeu bastante, prometo quando tudo isso acabar você será minha — disse ele beijando meu pescoço de forma que eu pudesse passar a mão pelo seu corpo.

Descobri onde o celular estava, então puxei sua boca em minha direção, comecei um beijo violento, para ele não perceber eu pegar o celular.

— Ui, você sabe muito bem como surpreender um homem, eu não quero mais Sílvia ou o raio que o parta, quero você, Doutora Mariana.

— Nós não daremos certo, você me sequestrou e está me deixando passar fome — disse me afastando dele, pois já tinha conseguido meu objetivo.

PERIGOSAS ACHERON

— Todos os dias eu trago comida para você, pois quero você saudável, você é linda, tá emagrecendo por não comer, relaxa, agora mais que nunca posso te dar certeza que eu não coloco nada na sua comida, pode comer sossegada. — ele e me puxou para mais um beijo.

— Eu estou morrendo de fome, vou confiar em você e comer — falei para poder separar sua boca da minha, e sorri.

Assim eu comi toda a comida, precisava de forças para o que eu iria fazer, então logo Lorena acordou, eu preparei o leite dela, e a alimentei. Eu iria dar um jeito de nós sairmos daqui e vai ser em breve. Vejo o celular e ele está bastante carregado, escondo ele num canto para que casa ele venha aqui de novo, para a minha perfeita sorte, está com sem senha. Eu vibro de alegria, assim que acabo de esconder, a porta se abre e eu finjo que eu estou impaciente.

Lorena está no colchão brincando com o próprio pé, e eu como já tinha sentado ao seu lado,

PERIGOSAS NACIONAIS

fico a olhando, mas eu sinto a presença dele aqui e sei que ele está me olhando.

— Posso parecer um louco e psicopata, mas estou quase desistindo do plano de Sílvia, que é você pegar o irmão dele e dormir com ele, eu não quero que ninguém toque no que é meu, depois de alguns planos dela ser seguidos, vou levar você embora comigo, e vou assumir ao mundo que peguei a melhor e mais linda mulher do mundo.

Ouvi ele falar essas bobagens, eu percebi que agi errado, já não bastava uma louca atrás do meu namorado, agora ter que ter um louco em meu pé não dá certo.

— Eu jamais sairia dessa cidade, eu amo meus pais e ele estão aqui para mim, minha profissão.

— Você não vai precisar de tudo isso, afinal você tem a mim.

Lorena chama a atenção minha para ela. Quando me aproximo dela, ela simplesmente sorri e eu faço o mesmo. Ignoro totalmente a presença dele naquele local.

PERIGOSAS ACHERON

— *Princesinha*, você é muito linda. Seu pai deve estar morrendo de saudade de você, ele deve estar uma fera por não te ter por perto e sua avó então, deve estar pirando da cabeça.

Ela sorria como se eu tivesse falado algo mais engraçado do mundo, sua risada preenchia completamente o espaço. Ela ergueu os bracinhos em minha direção e eu a peguei no colo, quem resiste a uma criança fofa dessa? Eu jamais resistiria.

— Imagino quando nós dois tivermos filhos, se você irá ter o mesmo cuidado, você será uma boa mãe — disse ele enquanto se aproximava de nós duas. Ele era completamente louco, eu dei um beijo nele e ele está planejando nossa vida inteira juntos. *Que roubada que fui me meter?* — Vim buscar vocês duas para tomar um banho dentro da casa, um banho quente.

Claro que aceitei, a Lorena precisava disso, então o acompanhamos para dentro da casa como se aquilo fosse completamente normal e a gente

não tivéssemos sido sequestradas. Trouxe comigo a bolsa dela com roupinhas limpas.

Eu tinha medo de dar banho nela lá com aquela água gelada e acabar ela ficando doente e eu não ter as coisas necessárias para curá-la, até eu precisava de um bom banho para poder me recompor e acabar descansando para poder fugir, eu iria fugir sim e seria aquele dia que iria fazer isso, assim que voltasse para o galpão. Como não tinha banheira e nem nada, resolvi que iria tomar banho primeiro.

Fiz uma proteção para ela com travesseiros, e comecei a fazer a tentar fazer ela dormir, assim que ela dormiu, eu fui ao banho, depois iria fazer ela acordar, e dar um banho gostoso nela. Tomei meu banho como se tivesse lavando minha alma, mas tomei rápido, pois me importava muito mais com Lorena do que comigo. O cara tinha deixado uma roupa limpa pra mim, apesar de ser maior que as minhas próprias, eu fiquei feliz por estar limpas.

Saí e encontrei ele parado, agora ele me olhava com Luxúria. Droga!

— Linda como sempre, apesar das roupas estarem largas, e agora cheirosa assim que gosto de uma mulher — disse ele sorrindo em minha direção e ao mesmo tempo em que vinha.

Para a minha sorte a Lorena acordou como se soubesse o que estava acontecendo, abriu um berreiro e eu tive que ir em direção a ela, pegando-a no colo.

— Oi, minha menina. Eu vou te dar um banho bem *gostosinho*. — disse como se ele não tivesse ali.

— Tem como você arrumar uma bacia que caiba a Lorena, por favor?

— Para você eu arrumo tudo, minha linda. Ele saiu do quarto e eu aproveitei para agradecer minha pequena que acordou no momento que eu mais precisava dela.

Ele trouxe uma bacia grande e eu agradei, peguei e levei ao banheiro. Adequei a temperatura para não ser muito quente e nem muito fria, que

ficasse de forma que ela pudesse relaxar no banho, tirei toda sua roupinha, inclusive a fralda.

Assim que a coloquei na água, ela sorriu e começou a mexer os pezinhos, batendo suas mãozinhas.

Lavei-a toda, assim que saí. Eu estava sozinha com ela no quarto, a troquei tranquilamente.

Quando voltamos para o galpão, iria colocar meu plano em ação. Sim, eu iria ligar para Pedro. Eu sabia o seu número de cor, mas para minha surpresa o celular estava com 5% de bateria. Com toda certeza a bateria estava viciada, então percebi que os dados móveis e a localização, também.

Assim, disquei o número que eu tanto esperava e no terceiro toque ele atendeu.

— *Alô?*

— Pedro, meu amor, que saudade de ouvir sua voz! Sílvia me trouxe para um lugar que desconheço e tem um homem cuidando da gente.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por favor, arrume uma maneira de nos tirar daqui, meu amor. — falei desesperada.

— *Calma, precisamos que fique na ligação para podermos achar você. Como está Lorena?* — perguntou ele.

— Ela está aqui comigo. Eu não aguento mais isso. Tive que roubar o celular dele para te ligar.

— *Amor, tudo vai ficar bem. Eu mesmo irei buscar as mulheres da minha vida...*

E foi a última coisa que ouvi, pois o celular descarregou completamente.

Ouvi barulho da porta sendo aberta e escondi o celular, ele sorriu em minha direção.

— Trouxe lençóis limpos e um travesseiro para você poder descansar — disse ele me entregando.

— Obrigada!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu iria tirar um cochilo e depois fugir com Lorena em meu colo. Espero que tudo dê certo e daqui umas horas, estejamos livres disso aqui.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 22



Mariana

As vezes, quando precisamos de força para superar um obstáculo, enfrentar uma dor, ou tentar sobreviver, nem sempre o fazemos por nós, e é nessas horas que percebemos que algumas pessoas se tornam mais importantes que você mesmo. Era isso o que eu pensava enquanto olhava para o rostinho da pequena Lorena.

Adormecida, ela sequer imaginava o perigo que corria e eu tinha certeza de que seria capaz de dar a minha própria vida para salvar a dela.

Nos momentos em que estive sozinha naquele que se tornou meu inferno particular, encontrei um dentro de umas caixas de papelão, um caderno velho e uma caneta, escondi atrás da pia do banheiro, sabia que tinha de deixar um registro oficial do que tinha acontecido comigo e por isso, quando me vi livre daquele homem nojento, coloquei a Lorena para dormir e pus-me a escrever.

Minhas mãos tremiam, um pouco por fome, já que nada parava no meu estômago, cheguei a pensar que a Silvia podia estar me envenenando, mas logo descartei essa ideia. O mais provável era o meu nervosismo. Esse certamente culmina, tanto em meus enjoos, quanto nas minhas tremedeiras.

"Queridos pais, querida amiga Luiza e Pedro, meu amor..."

Se estiverem lendo essa carta, é bem possível que meu plano de fuga tenha dado errado, e que algo de muito ruim tenha acontecido comigo. De qualquer maneira, quero que saibam que eu fui forte e fiz coisas impensáveis, a fim de salvar a

mim, mas principalmente a Lorena. Eu sei que a Silvia é louca, má e artilosa, no entanto, ela não seria capaz de fazer um mal maior a nosso bebê.

Gostaria de poder escrever algo direcionado para cada um de vocês, mas falta-me tempo, de qualquer forma, não posso deixar de dizer o quanto vocês são especiais para mim, o quanto eu os amo e como sou grata pelo que cada um, em momentos e situações diferentes, fizeram por mim.

Aos meus pais, peço perdão se os decepcionei de alguma forma, espero que possam me entender. Luiza, minha mais fiel amiga, você sempre comigo, nos momentos mais importantes da minha vida, e foi você, a realizar o meu sonho mais louco, quando possibilitou meu casamento em Las Vegas.

Pedro... Peço que não se culpe, nunca! Eu amo você, e mesmo nosso tempo tendo sido tão pouco, tudo o que vivi com você valeu á pena. Saiba que eu não me arrependo de nada, se pudesse escolher meu destino, ele seria exatamente esse... Cursar a faculdade de medicina para acabar me tornando a pediatra da sua filha, e assim

acabar conhecendo você.

Eu te amo, e é esse sentimento que vai me alimentar, até o meu último suspiro. Por fim, quando a Lorena for maior e puder entender, peço que contêm a ela, que embora não tenha sido eu a trazê-la ao mundo, para mim, foi como se ela tivesse saído de mim... 'Eu a amo, como se fosse a minha própria filha'."

Mal terminei de escrever a carta e ouvi a porta se abrir. Dobrei o papel e o coloquei dentro do macacãozinho da Lorena, tinha certeza de que ela seria poupada, mesmo que eu não tivesse a mesma sorte.

Fingindo dormir, encolhi-me ao lado da bebê e ainda chorando, tive que me segurar para não enfiar a caneta na jugular daquele homem nojento, quando ele com seu bafo de cachaça barata, veio fungar no meu pescoço.

— Ah... *bonequinha*... está chegando a nossa hora, de hoje não passa. — Ele correu as mãos pela minha coxa e eu quase vomitei de nojo.

Quando ele saiu, respirei fundo para recuperar minha sanidade, depois, abri uma fresta da porta, precisava saber em que cômodo ele estava.

Ouvi o barulho do chuveiro sendo ligado, aquela era a minha deixa, seria naquele momento ou nunca. Agarrei-me a Lorena com muito cuidado, carreguei comigo também, um travesseiro.

Eu já tinha feito e refeito o trajeto até a janela que serviria de passagem para a minha fuga, por no mínimo, umas dez vezes. Estava tudo calculado, o vidro solto e não era alta, imagino que nem eles sabiam da existência daquele cômodo, no barracão.

— Meu bem, preciso que fique calma. Isso é para o nosso bem. — beijei a testa da Lorena, depois de jogar o travesseiro pela janela. Em cima de um banco improvisado, e com a bebê ainda em meu colo, coloquei a cabeça para fora e calculei que se inclinasse bem o meu corpo, eu poderia soltar a Lorena sobre o travesseiro em segurança.

Seria perfeito, se não fosse o meu pânico.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todas as vezes em que eu ameaçava colocá-la para o lado de fora, ela soluçava indicando que iria chorar, e se isso acontecesse, as chances do meu carrasco nos encontrar, seriam muito grandes.

— *Shiii*, meu amor... Fique *quietinha*. — eu sussurrava, sentindo meu pânico crescer.

Dobrei o meu corpo mais do que pude, estiquei os meus braços e faltava pouco para eu mesma colocar a Lorena no chão, menos de vinte centímetros, e eu sabia que se a soltasse, ela não se machucaria, no entanto, ficaria muito assustada.

Perdida, pensando se devia ou não fazê-lo, ouvi o barulho de passos apressados que vinham do corredor. Meu coração disparou, as lágrimas lavavam o meu rosto e embaçavam a minha visão. Certa de que não tinha volta, larguei a Lorena e como previsto, assim que ela sentiu que foi solta, abriu um berreiro que poderia ser ouvido a metros de distância.

Em seguida foi a minha vez, pulei facilmente a janela e a segurei de volta em meus braços.

PERIGOSAS ACHERON

— Pronto... Já passou... — eu tentava acalmá-la, no entanto, era eu a precisar de um afago.

Olhei ao meu entorno e senti-me como se acabasse de ser atingida por um raio. Tinha sido mesmo muito fácil. Quando olhei ao meu redor, percebi que o terreno onde eu estava, embora fosse imenso, ainda fazia parte daquele barracão e para sair dali, eu teria de passar por um portão de aço, ou pular uma cerca de alambrado que era alta. Daquela vez eu realmente não sabia o que fazer.

Meu sangue corria gelado pelas minhas veias, a Lorena não parava de chorar e eu tinha a impressão de que á qualquer momento seríamos pegas. Perdida, corri até o portão, imaginei que talvez pudesse gritar por socorro, agarrei-me à ideia de que o velho poderia estar bêbado e por isso, poderia demorar até nos encontrar.

— Meu anjo... Precisa me ajudar...Tente ficar calma...

De perto, pude notar que o portão estava

PERIGOSAS ACHERON

podre, caindo aos pedaços. A parte de baixo tinha vãos de mais de um palmo, corroídos pela ferrugem. Estreitei os meus olhos tentando enxergar a movimentação do lado de fora. Nada. Tudo estava calmo e o único som audível era dos grilos cantando no meio do mato alto. Cheguei a pensar em passar a Lorena por debaixo do portão e depois tentar passar. Realmente eu estava desesperada. Sentindo o ar faltando em meus pulmões, coloquei-a no chão e me estiquei, calculando a possibilidade de fazer o que me parecia ser a única alternativa.

Quando tentava passar a minha cabeça, ouvi um barulho de estalar, virei o meu rosto de volta onde Lorena estava, e quase perdi os sentidos quando meus olhos se depararam as botas escuras e surradas. Não precisei olhar para cima para certificar-me de que era ele...

— Tentando fugir de mim, *docinho*? — indagou enquanto puxava-me pelo braço.

Sua grosseria foi tanta que bati a cabeça na parte de baixo do portão e imediatamente senti o

sangue quente escorrendo pela minha testa.

— Eu... eu... — comecei a gaguejar, não sabia o que dizer.

— Acha que eu tenho cara de idiota, doutora? — ele se abaixou ficando bem perto de mim. — Vou te mostrar quem é que manda aqui. — sua frase terminou com um tapa muito forte em meu rosto.

Doeu, mas não mais que ouvir os berros da Lorena assistindo a tudo aquilo.

— Por favor... está assustando a menina! — gritei.

Como se não tivesse me ouvido, ele colocou-se de pé e passou a chutar-me, como se eu fosse um objeto inanimado, como se aquilo não pudesse me machucar. Eu tentava me defender, mas ele era muito rápido, além de estar com muita raiva.

— Vagabunda! Achou que ia me fazer de trouxa? — ele resmungava.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor... vai acabar me matando... — implorei, ao ver que eu estava afogando-me em meu próprio sangue. — Tenho certeza de que a sua chefe, não vai concordar com isso.

Quando eu acabei de falar da Silvia, foi como se tivesse tocado em seu ponto fraco. Ele parou imediatamente de me bater e com a respiração curta silenciou-se por alguns instantes.

— Pegue a pirralha! Faça ela parar de chorar.

Obedeci imediatamente e mesmo sentindo uma dor insuportável, a tomei em meus braços e consegui colocar-me de pé.

— Amor... Está tudo bem.

— Vamos! De volta para o seu quarto! — ele grunhiu.

Cambaleei pelo mato e quando voltei para dentro do barracão, o cheiro de carniça pareceu-me muito forte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Coloque a pirralha no colchão e depois eu quero que me dê o que prometeu.

Outra vez, senti meu estômago revirar só de imaginar aquelas mãos tocando o meu corpo.

— Eu te amo! — beijei a testa dela e voltei até onde ele estava.

— Agora vamos ao que interessa... — Ele caminhou até mim.

— Só vai me ter, se me matar primeiro — rosnei entre meus dentes.

Ele sorriu como se tivesse gostado do que eu dissera.

— A última que me desafiou acabou dentro de um saco de lixo. — desta vez, um murro forte foi dado em meu rosto, e isso acabou me deixando atordoada. — Vai ser um prazer dar o mesmo fim a você, Doutra Mariana.

Depois disso, tudo o que me lembro foi de cair

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no chão e sentir dor por todo o meu corpo. O gosto de sangue também era predominante e em certo momento cheguei a enxergar uma luz e mesmo sem tê-la conhecido, eu podia jurar que era a Flávia quem sorria para mim.

— Vai ficar tudo bem... — sua voz ecoou em meus ouvidos.

Senti outro chute, dessa vez na minha cara.

— O que acha que está fazendo, seu idiota!?
— desta vez, era a voz da Silvia.

Antes de poder ouvir a resposta dele, tudo ficou escuro e eu senti meu corpo começar a esfriar, começando pelos pés e terminando em minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 23



Paulo

Logo após a ligação que não foi um sucesso, pois não deu tempo de ficar na linha até descobrir onde ela estava. Pedro estava inconsolável, mas agora tinha certeza que Silvia tinha tudo a ver com o sequestro.

Eu sabia onde Sílvia estava. Num hotel no centro da cidade, e eu iria encontrá-la em aproximadamente vinte minutos, mas antes precisava dar um jeito de despistar Pedro e a amiga dela, que também encontrava-se inconsolável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pessoal, infelizmente vou ter que ir pra casa — falei, abraçando meu irmão. — Eu sinceramente espero que você fique bem. Vamos achar sua mulher e sua filha. Elas são nossa família, sem elas nada faz sentido.

— Obrigado. Eu sou capaz de mover céu e Terra para encontrar as duas. Preciso delas, como alguém precisa de oxigênio para respirar. As amo mais que minha vida. Por que ela não me pegou ao invés delas?

— Vou indo... Vou tomar um banho e volto. Se descobrirem mais alguma coisa, me liga. Assim que estava na rua, me senti aliviado. Agora eu poderia encontrar com Sílvia e ver qual era nosso plano para hoje.

Peguei um taxi qualquer e dei uma boa gorjeta para o homem me esperar, e assim ele falou que faria. Quando cheguei ao quarto, Silvia estava com uma lingerie vermelha, mas nada nela me chamava atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olha que o moreno não demorou muito. Estava com saudade de você. Vem aqui — chamou ela, sorrindo. Me aproximei devagar, sem tirar os olhos dos seus.

— Você cada dia que passa fica mais linda. Cada dia te quero mais. — dei um beijo em sua boca.

— Nada disso. Eu estou assim para te provocar, mas peço que não me toque, tenho um plano e preciso de você bem animado. Hoje é o dia que você vai saber onde a Mariana e a Lorena estão, vamos juntos para lá.

— Eu falei para o Pedro que voltava logo, mas vamos lá — disse e ela sorriu triunfante.

— Vou me trocar e vamos. Aluguei um carro com uma identidade falsa, nada vai nos atrapalhar nessa vingança.

Ela tomou um banho tranquila e fomos em direção ao carro, que ela me deixou dirigir. Disse que iria me mostrando o caminho. Logo

PERIGOSAS ACHERON

estacionamos em um lugar cercado e ela teve que digitar senha para poder entrarmos, então prosseguimos até chegar na frente de uma casa, onde ao lado tinha tipo um galpão.

— Vamos entrar e falar com o Fernando, e então veremos como nossas convidadas estão — disse ela indo na direção da casa. Ela chama o tal Fernando que está vigiando as duas, mas ele não atende.

— Droga! Cadê ele? Vamos ao galpão comigo.

O Galpão era horrível por fora. Quando entramos o cara estava batendo em Mariana. Eu queria socá-lo, mas não poderia fazer isso agora.

— O que acha que está fazendo, seu idiota? — gritou Sílvia.

— Madame, ela tentou fugir. Ela precisava apanhar para aprender que quando eu estou no comando, não há ninguém que não me obedeça.

— Seu incompetente. Vai logo lá pra casa, e

você, Paulo, cuide dela. Confio mais em você.

Logo que eles saíram eu me aproximei de Mariana e ela se esvaía em sangue. Peguei um pano, vi que tinha água em um canto e limpei seus ferimentos. Eu não era médico, mas sabia que ela precisava de um urgentemente.

Eu esperava que meu plano desse certo.

A única pessoa que sabia do que eu pretendia fazer era a Luíza, eu não contei muito bem, mas eu tinha escrito uma carta explicando o que eu iria fazer e que se eu sumisse no período de duas horas, ela entregasse uma carta para Pedro. Eu sabia que essa minha atitude poderia ser arriscada, mas a fiz prometer que ela só entregaria se caso eu sumisse, e ela jurou que guardaria.

Mariana não acordava de jeito nenhum. A Lorena logo despertou e eu peguei ela no colo, fiquei brincando com ela, até que Sílvia entrou no cômodo.

— Você está com a pirralha? Ela ainda não acordou? — perguntou ela.

— Nada ainda. Estou preocupado. Como vamos seguir nosso plano com ela desacordada?

— Eu sinceramente não sei, Paulo. Acho que ela está machucada demais. Eu gosto de vê-la assim, mas queria seguir nosso plano inicial, pois Pedro iria ficar tão decepcionado que não se importaria se a história fosse verdadeira ou não.

— Podemos esperá-la melhorar pelo menos um pouco, e eu não acho seguro deixá-la com o Fernando.

— Nem acho, fique aqui um pouco com ela.

Ela saiu do galpão e nesse exato momento Mariana acorda e me olha chocada. Eu sabia que ela tinha escutado todo o papo.

— Para isso que você se aproximou do meu marido?

Pedro

Eu precisava da companhia do meu irmão. Ele

PERIGOSAS ACHERON

me fazia pensar no lado positivo, pois minha cabeça só pensava o que poderia ter acontecido com elas. Eu estava completamente sem notícias.

Percebi que a Luíza veio em minha direção segurando um envelope, achei que talvez pudesse ser a louca pedindo o dinheiro do resgate das duas, mas, para minha surpresa, no envelope estava escrito: *"De Paulo para Pedro, leia até o final"*.

Assim que abri, comecei a ler.

"Nessa vida nós podemos fazer escolhas, eu posso ter chegado a pouquíssimo tempo na sua vida, mas você me acolheu em sua casa tão bem. Pela primeira vez eu pude sentir como é ser amado e amar uma pessoa. Você é uma das pessoas mais importantes da minha vida. Quando descobri que Sílvia poderia estar envolvida, não medi esforços para tentar convencê-la que eu te odiava. Engraçado como ela acredita nos outros facilmente, mas faltava uma única informação. Essa era onde as mulheres de sua vida estava. Se você está lendo essa carta, é porque finalmente ela me trouxe aqui e vou estar aqui por suas meninas, mas preciso que você traga a polícia o mais

PERIGOSAS NACIONAIS

depressa possível. Eu estou com um rastreador no celular, espero que consiga achar."

Droga! Mais uma pessoa que eu amava estava nas mãos da Sílvia, mas pelo menos ela achava que ele estava do seu lado. Passei o número do celular dele para a polícia e eles logo disseram que diante do sinal forte, seria fácil encontrar.

Como eles não me deixaram ir, eu simplesmente peguei meu carro e os segui. Eu não podia ficar parado enquanto minha família estava em perigo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 24



Mariana

— Mariana, eu preciso que confie em mim —
Paulo sussurrou de forma quase que inaudível.

— Confiar? Aquele cara quase me matou —
reclamei, sentindo as dores por todo o meu corpo
começarem a esmagar a minha alma. Não havia um
centímetro meu que não latejasse.

— Continue fingindo que está desacordada.
Eu prometo que vou tirá-la daqui. Você e a Lorena.

O que me restava? Eu não tinha outra escolha. Era acreditar nele e correr o risco de estar sendo enganada ou ter a minha vida abreviada por aqueles dois malucos. Silvia e o carrasco que mostrou satisfação enquanto me espancava.

Ao menos a Lorena tinha se acalmado, talvez fosse a presença do tio, imaginava que o fato de eles serem idênticos, acabava por confundir a cabeça da pequenina. Talvez ela achasse que aquele ali fosse o próprio pai.

— Paulo... eu estou muito mal e por experiência própria... sei que posso morrer. Cada vez que respiro sinto meu pulmão ser inundado, é bem provável que ele tenha quebrado uma costela minha e que eu esteja sofrendo uma hemorragia interna, portanto, precisa chamar uma ambulância, mas se algo acontecer a mim, diga ao seu irmão que eu o amo e faça tudo para proteger a sua sobrinha.

— Com a voz intrecortada, esforcei-me nas instruções porque de fato, sentia que não me restava muito tempo.

Paulo continuou limpando com um pano úmido o sangue que cobria o meu rosto e doía tanto, até que

PERIGOSAS NACIONAIS

parou. Um formigamento tomou todo o meu corpo, amortecendo e maquiando todas as minhas sensações.

Sentia-me leve, tanto ou mais do que quando boiamos em uma piscina. Eu flutuava e era bom, libertador. Nenhum som me incomodava, era como estar pairando em um campo em dias de verão, eu não sentia frio, ao contrário, meu corpo estava aquecido, e devia ser o sol, só podia ser o sol... Aquele clarão...

— Ela precisa ser operada imediatamente! — o eco de uma voz atingiu-me em cheio, e foi como ser arremessada de um lugar alto e cair direto no chão.

— Os batimentos estão cada vez mais fracos... vamos perdê-la, doutor!

— Carregue os desfibrilador. Ela está sofrendo uma parada cardíaca.

"Ela está sofrendo uma parada cardíaca!"

PERIGOSAS ACHERON

"Ela está sofrendo uma..."

Paulo

— Desgraçado! — Silvia gritava a plenos pulmões, enquanto era colocada na parte traseira de uma das muitas viaturas que chegaram ao local, em um momento providencial. — Vai me pagar caro por isso.

Colocado contra a parede sobre o que faríamos com a Mariana, eu só conseguia pensar no que ela acabava de me dizer, e nervoso como eu estava, manter a farsa já não era mais uma escolha minha. O desespero de ver a esposa do meu irmão, desfalecida em meus braços, e ter os canalhas que eram os culpados, bem ali, ao alcance das minhas mãos, parecia-me muito tentador.

Se atendesse aos meus instintos, eu teria pegado aquele covarde e ensinado a ele que jamais se bate em uma mulher, se bem que no caso da Silvia, nessa regra cabia uma exceção, afinal, por mais que achasse uma covardia, tive de me segurar para não partir pra cima dela.

Eu não conseguia me conformar em como as pessoas conseguiam ir tão longe, serem tão cruéis e ter o prazer de acabar com a felicidade das outras apenas por capricho e por maldade.

— Ele estava com a gente nesse plano! Esse rapaz também tem que ser preso! — o comparsa da Silvia rosnou, enquanto era algemado.

Não pensei duas vezes, mesmo cercado de policiais, consegui presentear aquele canalha com um soco tão forte em seu rosto, que fez o seu pescoço girar, quase que em 360 graus. Por bem, fui segurado por dois policiais, do contrário, eu só pararia quando aquele monstro deixasse de respirar. Eles me repreenderam, mas no fundo concordavam comigo, entenderam que eu me encontrava tomado pela consternação de tudo o que se passara, afinal, não foi nada fácil para mim, ver o estado que o meu irmão ficou quando chegou e encontrou a Mariana desfigurada. Seu desespero foi tão grande que me levou às lágrimas, assim como a Luíza.

Ela ficou com a Lorena e cuidou para tirá-la

daquele lugar. Seguiram para o hospital pediátrico, enquanto, depois de muito protesto, permitiram que Pedro seguisse junto da Mariana , na ambulância e ainda ali, ele foi avisado de que estado da esposa era bastante grave.

Em uma varredura por todo o prédio, os policiais ainda encontraram o corpo de uma mulher, já em avançado estado de decomposição. Um calafrio correu por todo o meu corpo imaginando que por todo aquele tempo eu tinha subestimado a periculosidade daqueles dois. Eu sabia que eram bandidos, mas assassinos? Isso já era de mais.

Eu nunca fui muito religioso, meus pais adotivos eram ateus e todas as minhas crenças foram ensinadas em meu tempo no orfanato, de qualquer forma, comecei a rezar. Primeiro para agradecer o fato de a minha sobrinha estar bem, depois, pedindo pela vida da minha cunhada. Sabia que o Pedro estaria acabado caso algo acontecesse com ela.

— Vamos rapaz, precisamos de você na

PERIGOSAS ACHERON

delegacia, seu depoimento vai ser essencial para a condenação destes dois elementos. — um dos investigadores chamou a minha atenção.

— Tudo bem... Mas eu preciso que seja depois, meu irmão está precisando de mim, só temos um ao outro e viu como a esposa dele estava quando foi tirada daqui? — argumentei, tomado de emoção.

O jovem senhor estalou os lábios enquanto balançava a cabeça, concordando comigo.

— Vou ver o que posso fazer por você.

Pedro

Outra vez, eu estava naquele corredor monocromático, impessoal e frio. Aquele hospital, o mesmo em que recebi a notícia da morte da minha primeira esposa, o mesmo que me deu a pior notícia da minha vida e que arrancou um pedaço do meu coração e novamente eu estava ali, esperando que um homem todo vestido de branco viesse com uma notícia que podia deixar o meu mundo todo negro.

Eu queria gritar, a dor que rasgava o meu peito precisava ser sanada de alguma forma. Eu olhava para os lados e me via sozinho, perdido dentro de um pesadelo precedente. Eu já tinha passado por aquilo há tão pouco tempo e não era justo que a vida estivesse me colocando de novo, dentro de um filme de terror.

— Irmão! — Paulo correu até mim e eu me agarrei nele, antes de desabar.

— Dessa vez eu não vou suportar, juro... — eu dizia em meio ao meu pranto.

— Vai dar tudo certo, ela é forte. — Pedro tentava me consolar.

Minutos depois, a Luiza cruzou o corredor, seus olhos estavam vermelhos.

— Alguma notícia da minha amiga? — a voz saiu falhada.

— Onde está a Lorena? — preocupei-me.

— Ficou com a avó. — Luíza parou ao meu lado, em suas mãos havia um papel.

— Estamos esperando alguém vir falar com a gente. — Paulo a abraçou.

— Avisei os pais dela. Meu Deus, foi tão horrível... — ela começou a chorar copiosamente. — Eles estão vindo pra cá.

— Já imagino que vão me culpar. No fim, estarão certos, eu me sinto culpado, um burro por não ter percebido como a Silvia era perigosa.

Luíza soltou-se de Paulo e estendeu o papel para mim.

— Veja o que encontraram dentro do macacão da Lorena.

Peguei a folha e quando a desdobrei, reconheci a letra. Embora estivesse meio tremida, era dela, da Mariana e quando comecei a ler o que ela tinha escrito, senti o chão faltar sobre os meus

PERIGOSAS NACIONAIS

pés.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 25



Pedro

Ela tinha tanta certeza que não iria sobreviver aquilo que até uma carta de despedida escreveu. Eu não sei o que vou fazer se eu a perder. Eu a amo. Ela e minha filha são tudo para mim. Sentei-me naquele chão do hospital, deslizando, pois não tinha mais forças e cada palavra que eu lia, chorava mais ainda. Assim que terminei, dobrei minhas pernas e abaixei a cabeça para chorar, logo senti um carinho reconfortante em minha cabeça. Olhei para cima e me deparei com a mãe de minha mulher me olhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu filho... Confesso que antes de tudo isso acontecer eu era contra esse relacionamento de vocês, pois achava que minha filha estava se entregando demais e não vendo as consequências que um dia, você poderia deixar, mas eu pude ver de perto o quanto você a ama e sei que ela não poderia ter feito escolha melhor, você é um bom homem e é merecedor da minha filha, eu dou minha benção em relação a vocês dois e quero que vocês sejam felizes, mas antes de tudo quero que prometa que vai cuidar da minha filha, tudo bem? — pediu ela.

— Eu vou cuidar dela como se fosse a minha vida em jogo. Vou amá-la e respeitá-la acima de tudo, mas confesso que eu estou morrendo de medo de perdê-la — disse chorando.

— Calma, meu filho. Ela é a mulher mais forte e batalhadora que eu já conheci. Vai lutar pela vida e vai vencer, pois eu tenho fé, tenha fé você também, fique em paz — disse ela dando um beijo no topo da minha cabeça e se afastando.

PERIGOSAS ACHERON

Ela me fez perceber que tinha algo que tinha tempo que eu não fazia. Havia esquecido que Deus estava em minha vida e eu não conversava com ele desde que minha falecida mulher se foi. Eu achava que Deus só queria meu sofrimento. Primeiro ele me dava as coisas boas e depois me tirava em um piscar de olhos. Mas como minha sogra disse, eu tenho que ter fé, é isso que vou fazer. Levantei daquele chão e fui à busca de uma capela naquele hospital. Assim que achei, entrei naquele lugar pequeno, mas ao mesmo tempo aconchegante, me ajoelhei e comecei a falar.

— Meu Deus... Peço perdão por te culpar por tudo o que me aconteceu, mas acho que infelizmente eu entendo que Era para ser assim. Foi a sua vontade que assim fosse. Obrigado por deixar minha pequena Lorena aqui comigo. Ela me deu forças para conseguir seguir em frente e poder conhecer a minha mulher, por favor, não deixe nada acontecer com ela. Eu a amo e quero que ela fique comigo e com Lorena. Elas são o mundo para mim. Sobre a Flávia, eu a amei muito, ela deixou para mim uma das coisas mais importantes da minha vida, quero que ela descanse em paz, com a

certeza que eu vou cuidar muito bem da nossa filha. Obrigado, Deus, por me dar outra chance nessa vida — falei e sorri assim que saí da capela. Toda fé que eu tinha foi renovada naquele instante.

Eu acreditava que Mariana seria capaz de ficar aqui comigo e não ir a lugar nenhum, ela iria lutar pela sua vida. Logo que me aproximei de onde nossos familiares se encontravam, eis que eu vejo o doutor que a atendeu vindo a nossa direção. Nem me dou o trabalho de sentar e vou correndo até ele.

— Alguma notícia, Doutor? — perguntei assim que ele se aproximou.

— Calma, meu jovem! Sua mulher está bem, na medida do possível. Só fraturou duas costelas e conseguimos fazer com que ela voltasse na PCR. Ela e o bebe estão bem — falou o doutor.

— Eu sei que minha filha está bem, ela até já teve alta.

— Não, meu jovem, sua mulher está grávida. Vejo que vocês não sabiam, mas agora com essa

PERIGOSAS NACIONAIS

gravidez, todo cuidado é pouco. Repouso absoluto por tudo que ocorreu. Ela te ama muito, chamou bastante seu nome. Quando acordar, logo vou liberar a entrada do senhor. Sei como deve estar para ver sua mulher — disse ele, apertando minha mão. Eu ainda estava assimilando que eu seria pai. Duas notícias boas.

Olhei para o céu e agradei a Deus. Ele nunca me abandonou. Agora eu sei que Ele sempre esteve comigo. Eu que o abandonei.

— Eu vou ser pai novamente — disse chorando, como se todas as palavras do médico fizessem sentindo somente agora.

— Sim, meu irmão, você vai continuar sendo esse pai maravilhoso. Parabéns, cara! — Paulo falou, me abraçando.

Todos vieram me dar os parabéns. Eu estava muito feliz e fiquei mais ainda quando a enfermeira veio me chamar para ver minha mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Segui naquele corredor que eu não esperava estar tão cedo, agora só para ver minha pequena nascer. Logo que aproximei do quarto, vi minha mulher com o rosto meio pálido, mas ela sorria enquanto passava a mão em sua barriga e não percebeu minha presença, mas eu a ouvi conversar com o nosso bebê.

— Você será muito amado. Seu pai vai adorar a notícia e tenho certeza que a sua irmã vai me ajudar com você. Quando você crescer, e ela também, vou ser obrigada a fazer seu pai os deixarem sair. Ele é meio ciumento, mas eu o amo como minha vida. Seu pai me ensinou o verdadeiro significado de amar, e eu amo a família que vamos construir juntos, meu amor.

— Nós te amamos, minha morena. Você é tudo para mim. Pelo amor de Deus, nunca mais me dê um susto desse, pois não sei se vou aguentar — supliquei, a surpreendendo.

— Desculpa, amor. — começou ela a falar,
PERIGOSAS ACHERON

mas eu não a deixei terminar.

— Desculpar pelo quê? Eu quem devo desculpas por não te proteger, eu falhei com você. Mas prometo ser um marido melhor e continuar te amando cada vez mais. Você, Lorena e esse bebê que você está esperando são mais que tudo para mim. Vou fazer o possível e o impossível para protegê-los. Eu te amo muito, agora sim nossa família está se tornando ainda mais completa. Não quero te perder jamais. Deus me deu uma das melhores notícias da vida.

— Eu te amo, Pedro Motta Assunção — disse ela querendo se levantar.

— Eu te amo mil vezes mais, minha Pediatra Teimosa — falei, não a deixando se levantar. Me curvei sobre seu corpo e capturei sua boca em um beijo calmo, mas que transmitia todo o meu amor por ela.

Mariana

PERIGOSAS NACIONAIS

Não que a minha gravidez tivesse sido planejada, longe disso, mas confesso que a confirmação de que seria mãe, foi a mais recompensadora das bençãos que eu podia ter recebido. Sabia, enquanto acariciava a minha pequena barriga, que aquele bebê, fosse menino ou menina, já nasceria um guerreiro. Sozinha, enquanto tomava meu primeiro banho decente em dias, concluí que tamanha força de vontade para viver e para salvar a vida de Lorena, vinha daquele pedacinho de amor que crescia dentro de mim.

No fim, tudo o que Silvia fez todas as atrocidades de que foi capaz para me prejudicar, acabaram tendo efeito contrário. Minha família estava cada dia mais unida, e Pedro parecia estar me amando ao menos umas mil vezes mais. Ainda sentindo algumas dores, eu podia dizer que meu estado clínico parecia melhor, por isso, caminhar sozinha, do banheiro até a sala, foi outra vitória. Assim que cruzei a porta do cômodo, o assunto foi encerrado e o silêncio dominou o ambiente. Meus pais, assim como Pedro, Paulo e Luiza, morderam os lábios antes de sorrirem de um jeito carregado de culpa, para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou toda quebrada, mas minha cabeça funciona perfeitamente — resmunguei, enquanto procurava com os olhos, um lugar vago para me sentar.

Pedro levantou-se tão rápido como um raio e amparou-me até a poltrona mais confortável.

— Amor, está falando exatamente de quê? — sua voz estava mansa e eu quase sucumbi aos seus encantos.

— Não tentem disfarçar. — Olhei para a cara de cada um deles. — Estão me escondendo alguma coisa e eu não aceito qualquer desculpa esfarrapada como resposta.

Paulo levou as mãos até a boca, cobrindo-a para disfarçar o seu riso.

— Acha graça porque não é a sua esposa. Espere até se casar com uma mulher teimosa e verá

PERIGOSAS NACIONAIS

o quanto isso pode ser cruel. — Pedro interveio, apontando o dedo para o irmão.

— Tudo bem, Pedro, eu acho que a Mariana merece saber. — Foi a vez da minha mãe se pronunciar.

— Vamos. — bati palmas. — Digam logo. O que eu mereço saber?

Todos se entreolharam e foi Luíza quem teve coragem para começar.

— Sabe a mulher que estava morta no barracão? — ela disse com a voz suave, contrapondo a gravidade do assunto. — Ela era uma enfermeira do hospital que você trabalha.

Senti o sangue gelar em minhas veias. Aquilo que parecia não poder piorar, acabava de bater outro recorde.

— Deus! Eu a conhecia? — perguntei, temendo a resposta.

PERIGOSAS ACHERON

Pedro colocou minhas mãos dentro das suas e rugas finas vincaram a sua testa.

— Amor, o nome dela era Marcela. Tinha apenas vinte e dois anos e eles... Bem, você sabe o fim da história.

Senti meu estômago enjoar. A garota morta era uma menina que eu tivera a oportunidade de conhecer muito superficialmente. Contratada há pouco tempo pelo hospital, auxiliava mais os outros médicos do que eu, mesmo assim, seu sorriso doce e seus olhos claros, pareciam vívidos em minha memória e uma dor imensurável dominou cada centímetro do meu coração.

— Por que fizeram isso? A culpa foi minha?
— indaguei, sentindo o calor das minhas lágrimas molharem o meu rosto.

— Não. — Pedro envolveu-me em seus braços, apertando-me com muito cuidado. — Mariana, você não teve culpa nenhuma, e para ser honesto. A polícia ainda está investigando a ligação

ou o motivo de ela ter caído nessa história.

— É isso mesmo, filha. Eles ainda não sabem como a Marcela foi atraída, ou mesmo se ela foi colocada dentro daquele hospital, para espionar você. — meu pai ajoelhou-se aos meus pés.

— Exato. De repente ela era mais uma das comparsas, portanto, não se culpe antes da hora — Luíza decretou.

— E quanto a eles? Silvia e aquele homem nojento. — forcei-me para não vomitar, ao citá-los.

— Estão presos e de lá não saem — Luíza afirmou cheia de raiva. — meu pai mexeu os *pauzinhos* dele e eu prometo, Mari, eles já devem estar começando a se arrepender por terem cruzado o caminho de vocês.

— Essa é minha garota! — Paulo puxou-a para perto de si.

— Então já se tratam assim? Devo chamá-la de cunhada, Luiza? — brinquei, tentando

desanuviar aquele clima horrível.

— Digamos que estamos caminhando para isso. — Paulo sorriu, depois de beijar o rosto da minha amiga.

Olhei para os dois e dava para ver o quanto estavam felizes. Paulo estava cada vez mais parecido com o irmão e não apenas fisicamente. A forma de sorrir e uma pureza nos olhos era isso que os igualava.

Ainda aproveitava daquela sensação de fraternidade acolhedora, quando ouvi o choro de Lorena.

— Alguém, pegue-a para mim? — pedi, morta de saudades.

— Deixa comigo. — Minha mãe se apressou.

Por bem, a guarda da pequena voltara a ser do Pedro e no meio de todo aquele furacão, outra vez Deus parecia querer nos provar o quanto era bom.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 26



Pedro

Mariana estava cada vez mais linda com sua barriga de seis meses. Era a grávida mais bonita que existe e ela estava cada vez mais próxima de Lorena, as duas viviam grudadas. Hoje era o aniversário de um aninho da minha pequena e a Mariana fez questão de cuidar de tudo para que ocorresse da maneira mais perfeita, palavras dela e não minhas.

Eu estava vivendo um momento mágico, a família toda vinha em casa no jantar de sexta, eu

continuava nos meus dois empregos e Mariana era teimosa, continuava atendendo seus pacientes mais antigos. Ela não me ouve. Implorei tanto para que ela ficasse quieta durante a gravidez. Agora admiro minha mulher, que se olhava no espelho e passava a mão na barriga, onde se encontrava nosso pequeno Leonardo Motta Assunção. Quando descobrimos o sexo foi uma alegria só. Eu odiava o fato de ela se consultar com obstetra homem, outra coisa que ela não deixou escolher, pois falou que ele era o melhor da cidade.

Assim que chegamos, cumprimentei o Doutor Rafael e sentamos. Ele nos passou um monte de orientação e logo falou que iríamos tentar ver o sexo do bebê. Inicialmente ele ficava de costas e não queria se mostrar, mas da outra vez, assim que ele passou o gel na barriga da minha mulher e começou a mover o aparelho, ela já se emocionou, logo se dando conta do sexo. Minha felicidade foi tão grande quando ela me disse que teríamos um menino, que acabei desmaiando. Sim, passei esse vexame.

Meu sonho sempre foi ter um casal, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria que o menino viesse antes para poder proteger minha princesa de possíveis namorados, mas ele está vindo agora e será muito amado. Sou tirado dos meus pensamentos quando sinto a mão de minha esposa enlaçando meu pescoço.

— Sonhando acordado, amor? — perguntou ela, dando um beijo em meu pescoço.

— Estava pensando o quanto sou feliz ao seu lado, meu amor, e não mudaria nada da minha vida. Você foi uma das melhores coisas que já aconteceram em minha vida — disse e vi vestígios de lágrimas em seus olhos. — Por favor, não chora. Eu te amo e você sabe disso. O aniversário da nossa filha está para começar, minha morena, então aguenta a emoção, meu amor. Hoje é o dia dela.

— Eu também te amo e sim, hoje é o dia dela. Obrigada por tudo, meu amor.

Capturei sua boca em um beijo calmo e tranquilo, mas fomos atrapalhados por Luiza e Paulo segurando nossa pequena no colo. Por causa dela que Mariana está em nossa vida.

PERIGOSAS ACHERON

Mariana

Espero sinceramente que Pedro goste do que preparei para nossa filha. Era algo simples, mas que tinha alto significado para mim. O tema da festa seria princesa, pois para mim, não existia outra princesa.

Vimos os tios babões com a nossa princesa no colo e eu, claro, que fui à frente para pegá-la no colo. Sou apegada demais a ela.

Descemos com ela sorrindo, e quando chegamos vimos nossos poucos amigos e meus pais nos esperando. Esses que convidamos eram especial para nós. Eu amava quem era presente em nossas vidas e não trocaria por nada.



Capítulo 27



Pedro

Quando Flávia e eu nos conhecemos, a impressão que eu tive, era de que seria para sempre. Sua morte prematura e pior, o fato de ele não ter podido conhecer a Lorena, acabou por me fazer encarar a vida de um jeito diferente, com mais amargor. Depois da Mariana, todas as minhas perspectivas mudaram, como se Deus estivesse me dando outra chance para ser feliz. Mesmo assim, vez por outra eu me pegava pensando se minha ex-esposa aprovaria os rumos que eu estava dando àquela família que antes era sua. Aproveitei outra

tarde de sono da Mariana, e decidi levar a Lorena ao parque perto de nossa casa. Aquele era o lugar onde a Flávia e eu, costumávamos planejar nosso futuro. Ela sentava no balanço e eu a empurrava enquanto escolhíamos nomes para o nosso bebê.

— Quer brincar no escorregador com o papai?
— perguntei, colocando-a sobre o brinquedo. Lorena lançou-me um sorriso largo enquanto deslizava pelo brinquedo. Ela tentava se soltar, mas preocupado como eu era, não larguei suas mãozinhas por nem um minuto.

— Ma...mã... — ela resmungou.

— Trapaceira! Diga pa-pai. — apertei-a em meus braços e insisti por mais de uma vez que ela me chamasse de papai. Ainda estávamos no meio de nossa aula de português, quando uma senhora de meia idade e sorriso gentil, chegou ao parquinho, trazendo com ela um casal de crianças.

— Tenham cuidado! — ela gritou enquanto eles correram na direção da gangorra.

PERIGOSAS NACIONAIS

— São seus filhos? — perguntei quando ela se sentou no banco ao lado do meu. Ela balançou a cabeça em uma negativa.

— Netos. Minha filha começou cedo, agora, o pai da criança sumiu, ela está no último ano da faculdade, e eu tomo conta dos gêmeos. — ela soltou um suspiro que denunciava seu cansaço. — E você? É sua filha ou irmãzinha?

— Minha filha. Lorena — declarei, orgulhoso.

— E a mãe dela, onde está? — enruguei a testa diante do questionamento.

— Ela faleceu. Nem chegou a conhecer a filha. — encolhi os meus ombros, voltando a me sentir triste com as lembranças dolorosas.

— Oh, meus Deus! Eu sinto muito. — ela mostrou-se constrangida.

— Não por isso. De um jeito ou de outro a gente vai se acostumando com a dor da perda.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso mesmo. Você olha para essa coisinha linda e sabe que precisa ser forte por ela, não é?

— Exato. — dei um beijo na bochecha da minha filha que gargalhou, fazendo com que ambos ríssemos também. — Apesar de tudo, não posso reclamar, vou ser pai de novo, não foi planejado, mas... acabei me apaixonando pela pediatra da minha filha. A mulher pôs-se a me encarar por alguns instantes, depois, lançou-me um sorriso largo como se eu acabasse de lhe contar a história mais bonita.

— Posso te dizer uma coisa? — ela inclinou o corpo na minha direção.

— Claro!

— A mãe dessa pequena aqui deve estar muito contente por você estar construindo uma nova família para essa *princesinha*. — Ela acariciou o bracinho da minha filha. Olhei para o céu e depois para o nosso balanço.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu espero que sim. — a mulher se levantou e caminhou na direção dos netos, que se divertiam na gangorra.

— Não tenha dúvidas — ela afirmou antes de partir. Permaneci por mais alguns minutos ali e então decidi que já era hora de voltarmos, imaginava que se a Mariana acordasse e não nos encontrasse em casa, poderia ficar preocupada.

— E então, filha...vamos para casa? — ela piscou algumas vezes e esticou o bracinho para tocar o meu rosto.

— Pa... pa... — ela murmurou. Achei que o meu coração fosse sair pela minha boca, e cheguei a cogitar que fosse coisa da minha imaginação.

— Filha, você disse papai? — perguntei emocionado.

— Pa-pai...pa-pai... — ela repetiu e como um bobo eu chorei de emoção. Aquele fora sem dúvidas, um dos momentos mais importante da minha vida. Aquela foi a primeira vez que consegui

PERIGOSAS ACHERON

voltar ao balanço. Coloquei minha filha sobre ele e enquanto a embalava com cuidado, entendi que a Flávia ainda vivia, afinal, Lorena era também uma parte dela e essa constatação, acabou por acalmar de vez o meu coração.



Capítulo 28



Mariana

Estavam todos reunidos aqui em casa, era mais um almoço em família que ocorria esse ano. Meus familiares estavam todos conversando com sorrisos estampados nos rostos. É tão bom ter todos aqui, meu filho iria crescer num ambiente de muito amor e paz.

Vi Lorena correr na sala e cair por um momento de distração dela. Pedro era um pai muito babão que foi correndo ver se tinha acontecido algo

com ela. Eu não poderia ter escolhido marido melhor, companheiro, amoroso e cuidadoso, eu nesses dias, não podia respirar diferente que ele achava que o bebê estava nascendo. Ele entrava em desespero e acabava correndo atrás da bolsa que fiz para levar para a maternidade. Aí eu ia a passos de tartaruga acalmá-lo e dizer que ainda não era o momento do bebê nascer. Então ele soltava o ar que nem ele mesmo percebia que estava prendendo, e não tinha como não rir dele.

Ele me confessou semana passada que estava preocupado, pois morria de medo de perder a mim e ao nosso filho. Ele dizia isso enquanto chorava igual uma criança que perdeu um doce, e como meus hormônios estavam a flor da pele, eu acabava chorando junto. Acabava que, ao invés de consolá-lo, ele quem fazia esse papel.

Voltando ao agora, passo a mão em minha barriga, ela estava enorme, parecia que eu tinha comido uma melancia inteira. O parto estava marcado para segunda feira, hoje ainda era quinta, então tinha tempo ainda. Logo ouço Luiza chamar para todos sentarem à mesa. Hoje ela quem

preparou todo nosso almoço, alegando que queria cozinhar para a família toda.

Pedro veio na minha direção me ajudar a andar, ele morria de medo que eu caísse e então eu apenas o deixava cuidar de mim, para ele não enlouquecer. Ele puxa a cadeira para eu sentar e assim que sento sinto uma fígada na barriga, mas a dor ainda era suportável. Não dou muita importância por agora, eu e Leonardo estávamos morrendo de fome, precisava comer. Meu marido me serviu com macarrão ao molho branco e dois rondellis de quatro queijos.

Como sinto outra pontada, faço uma careta. Paulo que estava sentado do outro lado da mesa, exatamente na minha frente, pergunta:

— Tá tudo bem, Mariana?

O mais engraçado é que ele parou com o garfo na altura da boca para perguntar, e ela estava cheia de comida, então o pior aconteceu e o conteúdo caiu nele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou bem! Só senti um chute na barriga — desconversei, pois sabia que Pedro ia fazer um drama. — Preciso ir ao banheiro, somente.

Assim que levantei, senti um líquido escorrer pela minha perna, acho que meu bebê está louco para conhecer o mundo aqui fora, esse *apressadinho*. Vejo que ninguém percebeu que eu estava ali de pé, pois todos estavam conversando bem à vontade.

Cutuco Pedro e me abaixo para falar apenas em seu ouvido.

— Amor, o nosso filho quer vir ao mundo, não aguenta mais ficar aqui dentro.

— Meu Deus! Vai nascer, o que eu faço? — disse Pedro, assustando a todos da mesa com a forma com que estava nervoso.

— Amor, calma, não precisa ficar nervoso. Pegue as bolsas e vamos para o hospital — disse e como se ele pensasse no que eu falei, acalmou-se e foi atrás da bolsa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu cunhado foi dirigindo e quando chegamos ao hospital, logo fomos encaminhados para um quarto onde o médico iria me verificar. Ainda bem que meu médico estava de plantão hoje. Ele constatou que realmente eu estava em trabalho de parto, mas ainda faltava dilatar mais. Nesse meio tempo umas enfermeiras me ajudaram a me preparar para ter meu filho. O Pedro não tirava o sorriso do rosto e isso estava me irritando em um grau que ele não tem noção. Eu morrendo de dor e ele sorrindo.

— Ou você tira esse sorriso do rosto ou eu te mato. Está doendo — Falei enquanto sentia mais uma contração.

— Desculpa, amor, estou muito animado com a chegada do nosso pequeno.

Não demora muito e vem outra contração, então aperto o mais forte possível a mão de Pedro. Meus pais também estavam no quarto, junto com Pedro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, pelo amor, bate nele — pedi e meu pai olhou para mim, confuso.

— Por que devo bater nele? — perguntou meu pai.

— Porque ele enfiou um bebê aqui dentro e juro, está doendo muito, mas ele ainda ri de mim.

— Desculpa, filha, mas não posso. Você teve uma grande parcela de culpa para que isso ocorresse e eu sei que você é forte, vai conseguir.

Ele me deu uma grande força. Comecei a me acalmar e a tentar tratar meu amor melhor. Ele não merecia isso.

A contração tinha diminuído, mas os intervalos aumentado. Eles faziam de tudo para me acalmar, mas eu só conseguia pensar em como aquela dor estava insuportável.

Meu pai nesse momento tinha ido buscar o médico, e assim que ele chegou, eu gritei um "*até quem fim*". Ele riu e veio me examinar.

PERIGOSAS ACHERON

Ele avisou que estava na hora, que minha dilatação estava perfeita e que iríamos para o centro cirúrgico, pois se caso algo acontecesse comigo ou o bebê, teria tudo lá para salvar nós dois. Lá só poderia entrar uma pessoa, e eu, por mais que quisesse minha mãe comigo, não poderia tirar o dinheiro do meu marido ver o nosso filho nascer. Assim que chegamos à sala, estava tudo preparado, então eu me deitei com as pernas abertas naquele apoio, e quando o médico avisou para empurrar, fiz o máximo de força possível.

Foram várias tentativas e eu já me sentia cansada e esgotada.

— Amor... Eu não vou conseguir — falei para Pedro, que segurava minha mão, tentando me passar força.

— Você consegue, amor. Você é uma das mulheres mais guerreiras que já conheci e sei que vai conseguir empurrar nosso pequeno para fora. Vamos, amor, força!

Ele disse as palavras que eu mais precisava

PERIGOSAS ACHERON

ouvir naquele momento. Eu o amava mais ainda por isso.

— Vamos lá Mariana, empurra — disse o médico.

Então eu não sei de onde tiro uma força não explicada e empurro, logo em seguida ouço um chorinho.

— Meu Deus, eu consegui — falei, esgotada.

— Sim, meu amor, ele é lindo — comentou meu marido, com lágrimas escorrendo soltas pelo seu rosto. Ele me deu um beijo carinhoso na testa.

Logo uma enfermeira traz nosso pequeno, embolado num lençol e eu o pego e coloco em cima do meu peito, sorrindo enquanto o olho. Pedro se aproxima e sorri.

— Nossa família está quase completa, meu amor, faltou só a Lorena aqui.

Eu não tinha palavras para descrever aquele

momento mágico, então eu simplesmente só concordei com ele. Pedro nos abraçou de forma protetora e eu tinha certeza que ele seria muito amado por Pedro.

— Eu te amo, meu amor. Obrigado por esse presente maravilhoso em nossas vidas. Agora sim, posso dizer que eu sou o cara mais feliz da face da Terra.

— Eu também te amo, amor.



Capítulo 29



Mariana

Era primavera, a primeira semana da minha estação favorita e contrariando o que a floricultura contratada para decorar a nossa festa dissera no começo da semana, aquele era um sábado ensolarado e bem cedo os pássaros cantavam como se partilhassem da minha felicidade. Seis meses depois de nascimento do Leonardo, a fim de agradar os meus pais, Pedro e eu decidimos renovar nossos votos, em uma cerimônia que beirava o tradicional.

Escolhemos uma fazenda, eu era fã de cerimônias ao ar livre e quando o diretor do hospital onde eu trabalhava, ofereceu-me o lugar, eu não pensei duas vezes. O lugar era enorme e além de um ótimo salão de festas, o lago foi o que mais me encantou. Decidi que seria ele o plano de fundo para o meu “*sim*”. Divididos em homens e mulheres, cada grupo ocupou uma das cinco suítes, e de onde estávamos, dava para ouvir a empolgação do quarto que vinha do quarto dos meninos.

— Olha só, Luiza, só dá pra ouvir a voz do Paulo! Ele é sem dúvidas, o líder dessa algazarra toda — reclamei em tom de escárnio.

— Eu sei, meu bem, fiquei com o irmão problema, e isso é bem a minha cara! — ela revirou os olhos, enquanto brigava com o zíper do seu vestido verde-água.

— Está reclamando de barriga cheia — Ana Paula, outra amiga em comum entre mim e Luíza, ponderou, também terminando de se vestir. — Seu namorado é um cara maravilhoso, aliás, será que o Pedro não tem outro irmão perdido por aí? Olha

que nem precisa ser gêmeo.

Todas nós rimos, inclusive a Lorena, que brincava sentada no chão, com o meu par de sapatos brancos.

— Brincadeiras à parte, vocês duas são mesmo muito sortudas. — foi a vez da minha mãe se intrometer na conversa. — Ainda não me perdoo por ter meu oposto a sua relação com o Pedro. Ele é o melhor marido que você poderia ter encontrado. Tirando as tatuagens.

— Pois eu adoro cada uma delas — retruquei, colocando-me em pé. — Gostei daquele homem desde o primeiro momento em que coloquei os olhos sobre ele.

— Hum! — todas gritaram em uníssono. — Que declaração! — Luíza completou.

Do outro quarto, batidas na parede vieram como resposta.

— Só vocês podem fazer bagunça? — gritei

PERIGOSAS NACIONAIS

da sacada, porque sabia que assim a minha voz chegaria mais alta até eles.

— Mariana, eu te amo! — Pedro gritou de volta, e dava para imaginar que como eu, ele também estava na sacada.

— Eu também te amo! — devolvi e nossas declarações causaram um frenesi geral.

— Noivos! — alguém gritou abaixo de nós. — Conseguem se aproximar do parapeito e esticarem os braços na direção um do outro? — O fotógrafo nos sugeriu.

Sem discutir, obedeci ao seu comando, caminhei até a beira da sacada e estiquei meu braço esquerdo para o lado de fora.

— Assim está bom? — perguntei ansiosa.

— Noivo, estica mais o seu braço pra direita! — O homem com a câmera nas mãos, continuava com as explicações. — Não têm ideia de como essa foto vai ficar incrível.

PERIGOSAS ACHERON

Nossas mãos não se tocaram, mas eu podia sentir o calor da pele do Pedro, próxima da minha. Assim que ele capturou as imagens, apressei-me para terminar de me arrumar. Não queria me atrasar, mesmo isso sendo natural para noivas.

— Alguém pode vestir a Lorena para mim? —
Abaixei-me para resgatar meus sapatos, que pareceriam entreter a garota, mais do que qualquer outro brinquedo.

— Ma-mãe... Sapato... Quero... — Lorena resmungou e eu mais uma vez me emocionei, não era a primeira vez que ela me chamava de mamãe, mas a impressão que eu tinha, era de que meu coração explodiria, cada vez que eu ouvia.

— A mamãe comprou igual para você. A tia Luiza vai colocar nos seus pezinhos. — Entreguei a caixinha com um par de sapatinhos brancos, iguais aos meus.

Assim que a cabeleireira deu os últimos retoques do meu penteado, coloquei os brincos de

PERIGOSAS ACHERON

pérola que ganhei da minha mãe, sentindo-me mais emocionada que no dia do meu casamento.

— Estou orgulhosa de você, Mariana. É a noiva mais linda de todo esse mundo!

— Mãe... não sou exatamente uma noiva... — reclamei, segurando-me ao máximo para não ir às lágrimas.

— Para mim, é! — ela retrucou, depois de uma fungada.

Alinhadas perto da porta, estavam Ana Paula, minha mãe e Luiza, segurando Lorena nos braços. Todas usando vestidos em tons pastéis, e elas parecia meu próprio arco-íris.

Eu ainda as admirava, quando ouvimos três batidas na porta.

— Lu, tenho uma entrega para a Mariana — Paulo gritou do outro lado.

Todas nos entreolhamos e Luiza abriu uma

PERIGOSAS ACHERON

fresta pequena e colocou a cabeça para fora.

— Isso não é um truque para me ver, não é?
— Luiza zombou.

— Na verdade, esse pequeno está faminto e não aceita as mamadeiras que preparamos. — Paulo ergueu Leonardo, minha pequena bolinha de amor.

— Não ofereceram uma mamadeira de cerveja ao meu bebê, certo? — reclamei, sabendo que esse nunca seria um risco, afinal, Leonardo tinha um pai e um tio superprotetores.

— Na verdade nós tentamos, mas ele disse que só quando alcançar a maioridade. — Paulo se divertiu. — Agora, será que eu posso dar uma espiadinha na minha cunhada preferida?

— Quer espiar a mim, ou a sua namorada?

Luiza piscou para mim e abriu um pouco mais da porta.

— Anda, me dá essa coisa fofa! — pediu, depois de entregar Lorena à minha mãe.

Paulo estava incrível, e eu nem me sentia mal por achá-lo tão bonito, afinal, com os braços cobertos pelos trajes sociais, a falta das tatuagens não podia ser notada, e isso era a única coisa que diferenciava um do outro.

— Mariana, meu irmão é mesmo um baita sortudo! — Ele me abraçou de maneira fraterna.

— Muito obrigada pela parte que me toca! — Luiza sibilou. — Leonardo, quando crescer, aprenda a como não tratar sua namorada com seu tio Paulo, ok?

Paulo piscou para mim, éramos cúmplices na surpresa que preparávamos para a minha amiga.

— Não fica brava, *Lú*, você até que está bem bonitinha. — Ele beijou roubou um beijo rápido dela. — Meninas, na verdade todas estão lindas, mas Lorena é a campeã... — Ele beijou a sobrinha e saiu do quarto. Os outros rapazes já gritavam por

ele.

Apressei-me para amamentar o Leonardo, e mesmo tendo sido um trabalhão abrir os quinze botõezinhos das costas do meu vestido off-white, eu não deixaria de fazer uma das coisas mais gratificantes de ser mãe.

Meus joelhos tremiam, e não fosse meu pai estar me segurando, por certo eu teria ido ao chão. Respirei fundo e tentei sorrir quando o fotógrafo mandou, só que a meu rosto estava tão tenso que meus músculos faciais não obedeciam aos meus comandos.

— Filha, desse jeito vai ter um treco. Até parece que vai se casar pela primeira vez! — meu pai repreendeu-me, notando o tamanho do meu nervosismo.

— Desse jeito, pai, com convidados, pessoas me olhando andar, vai ser a primeira vez mesmo. — Choraminguei, como uma criança no primeiro

dia de aula.

Ele balançou a cabeça e beijou a minha testa. Seu jeito não foi capaz de me acalmar, no entanto, foi o bastante para mostrar-me que eu tinha tudo o que precisava para ser feliz. Com a cabeça acenei, autorizando o início da canção, e outra vez, “como é grande o meu amor por você”, apenas orquestrada, levou a mim e a todos os que estavam ali presentes, às lágrimas.

Enquanto eu olhava para Pedro, lindo, parado à minha espera, um filme de tudo o que tínhamos vivido, rutilou de em minha mente e quando ele recebeu-me no altar, montado sob um pergolado decorado com rosas brancas, eu disse sim, mentalmente eu gritava que para ele sempre seria sim.

— Isso foi o mesmo que um casamento, não acha? — Pedro sussurrou em meus ouvidos, quando dançávamos no meio do salão.

— Achou ruim ter de prometer fidelidade e amor eterno outra vez?

Pedro cercou meu rosto com suas mãos, seus olhos brilhavam e quando se fixaram nos meus, eles faiscavam de emoção.

— Mariana, uma mulher como você não merece promessas e sim, atitudes. — ele beijou os meus lábios com vigor. — Vou honrar, dia após dia, cada uma daquelas palavras que eu disse há pouco.

— Não tenho dúvidas — murmurei, antes de beijá-lo outra vez.

— O que acha de fugirmos para uma daquelas suítes? — propôs-me com um olhar sedutor.

— Acho uma ótima ideia, mas primeiro, eu tenho que fazer aquilo que combinei com seu irmão.

Quando anunciei que jogaria o buquê, todos estranharam, já que não era algo comum em uma renovação de votos. De qualquer forma, não foi difícil reunir as mulheres solteiras afoitas por um

enlace.

Olhei para trás e senti-me aliviada quando vi a Luiza entre as candidatas a agarrar o arranjo de flores. Vir-me-ei de costas e dei inicio a contagem, nesse instante, Paulo deu a volta no salão e eu, ao invés de jogar o buque, caminhei até a minha amiga e entreguei-o direto em suas mãos.

— O... o que é isso? — Luiza indagou, pegando as flores para si. — Tudo isso é medo de que eu fique encalhada?

— Na verdade, isso é o medo de deixar escapar uma mulher incrível como você. — Paulo já dobrava os joelhos em frente à Luiza. — Espero que aceite o meu pedido e faça de mim, o homem mais feliz desse mundo.

— Depois de mim! — Pedro gritou. — O homem mais feliz, depois de mim.

Todos riram, inclusive Luiza, mas logo ela caiu em si e sem delongas, agarrou meu cunhado,

beijando-o como se não houvesse mais ninguém ali.

— Eu vou me casar, gente! — ela festejou.

Fui a primeira a abraçar os mais novos noivos, e chorando, ela me agradeceu pela surpresa, depois, quando as outras pessoas formaram fila para parabenizá-los, Pedro puxou-me pelo braço, me tirando do tumulto.

— Acho que esse é um bom momento para subirmos.

Olhei para os meus pais e eles estavam animados, se divertindo com os netos.

— Não podemos demorar — avisei, desejando um momento a sós com meu marido.

Pedro sorriu, de um jeito que fazia o meu sangue ferver.

— Isso eu não posso prometer. Eu te amo e quero aproveitar com calma meus momentos com

você.

Sem resistir, seguimos para a suíte onde os homens tinham ficado e ali, outra vez nos tornamos um só, animados com a outra parte do nosso *“felizes para sempre”*.



Pedro

Tinha acabado de chegar da academia, estava procurando as razões da minha vida pela casa e os encontro deitados na cama. Minha mulher com nosso filho de nove meses em cima do peito dela, e nossa pequena Lorena deitadinha ao lado. Sorri com aquela cena. Eu amava vê-los dormir. Tinha noite que acordava e ficava velando o sono deles, principalmente da minha mulher.

Deitei ao lado que estava livre, e fiquei olhando, logo ouvi minha mulher se mexer e me

olhar.

— Oi, meu amor, como foi o trabalho? — perguntou ela e eu me aproximei, roubando um selinho.

— Oi, amor. Foi bom, mas senti falta de vocês. Aproveitando sua folga para tirar um cochilo da tarde?

— Eu ia somente colocá-los para dormir, mas acho que estava tão cansada que acabei dormindo junto.

— Eu amo vocês demais. Sabe que eu fico a manhã inteira pensando como vocês estão.

— Estamos bem, amor. Relaxa! Nós também amamos você.

3 Anos depois

Mariana

Eu estava em mais um plantão complicado,
PERIGOSAS ACHERON

hoje não iria sair tão cedo. Tinha muitos pacientes para atender. Emergências atrás de emergências. Estava conversando sobre um caso com três médicos, para decidirmos qual seria a melhor solução, quando comecei a enxergar tudo preto.

Acordei em um quarto todo branco e estava correndo um soro em meu braço. Me assustei, pois eu estava ali para trabalhar e não para ser mais uma paciente.

Vi meu marido, no canto, olhando para a janela.

— Amor, o que aconteceu? — perguntei.

— O médico vem aqui daqui a pouco. Nunca mais me dê um susto desses — disse ele, parecendo bastante nervoso e dando, em seguida, um beijo em minha testa.

Pedro ainda segurava a minha mão quando o médico voltou com ar preocupado. Senti o meu sangue gelar, afinal, eu também era médica e conhecia bem como nós ficávamos quando

precisávamos dar uma notícia grave.

— Pode ser honesto comigo, Doutor Castro. Está desconfiado que eu tenha alguma coisa séria?

— Pedro apertou a minha mão com força. Ele estava tremendo.

— Receio que sim. — o médico não hesitou. Levei as minhas mãos até a boca, a fim de abafar o meu gemido de horror. Pensei imediatamente na Lorena e no Leonardo.

— Por favor doutor, o que acha que eu tenho?

— Sua menstruação está em dia, doutora Mariana? — Ele cruzou os braços contra o peito e me encarou. Olhei para o Pedro e ele estava pálido.

— Eu... eu... bem, a minha vida anda tão bagunçada que eu nem me lembro. — ele ergueu as sobancelhas e balançou a cabeça, como se pudesse ler meus pensamentos e confirmasse uma idéia que acabava de me ocorrer.

— O senhor não está querendo dizer que a

minha esposa pode estar...

— Grávida — o médico se adiantou.

— Não... como isso...? — eu murmurava palavras desconexas, tamanho o meu choque.

— Vamos a sala de ultrassonografia, está pronta para tiramos a dúvida? — ainda estava atordoada, então Pedro me amparou até a sala e confesso que eu ainda tentava fazer as contas para ver se aquilo podia mesmo estar acontecendo.

Sob o olhar apreensivo de Pedro, enquanto a minha barriga era examinada, tudo o que eu tentava era interpretar o monitor que exibia as imagens do meu útero. Antes que eu perguntasse qualquer coisa, minha médica trocou olhares com o doutor Castro, que fez questão de acompanhar a ultrassonografia.

— Querem ouvir os batimentos dos seus filhos? — ele perguntou com naturalidade.

— Filhos? — Pedro e eu perguntamos juntos e

assustados na mesma medida.

— Sim. Vocês vão ser pais de gêmeos.

Eu não deveria ter me surpreendido, afinal, Pedro tinha histórico familiar. No entanto, nós dois demoramos um tempo até assimilarmos a novidade. Depois, quando a ficha finalmente caiu, nós nos abraçamos e choramos de emoção, mas surpresa mesmo nós tivemos semanas depois, quando a Luíza e o Paulo voltaram da viagem de lua de mel. Enquanto eu achava que daria a notícia do ano para a minha amiga, ela e seu marido promoveram um jantar para contar para Pedro e eu que estavam “grávidos”.

Saldo final da família Motta Assunção: quatro novas crianças. Sim, a Luíza também esperava gêmeos e eu nem preciso dizer que nossa felicidade foi multiplicada na mesma proporção.

Fim...

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON